

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE TECNOLOGIA
MESTRADO EM ARQUITETURA, URBANISMO E PAISAGISMO

Milena Rubin Magoga

**ENTRE RUAS E SINGULARIDADES: USO E APROPRIAÇÃO DO
ESPAÇO PÚBLICO NA VILA BELGA EM SANTA MARIA - RS**

Santa Maria, RS, Brasil
2023

Milena Rubin Magoga

**ENTRE RUAS E SINGULARIDADES: USO E APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO
NA VILA BELGA EM SANTA MARIA - RS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo**.

Orientadora: Prof.^a Josicler Orbem Alberton

Co-orientadora: Prof.^a Verônica Garcia Donoso

Santa Maria, RS, Brasil
2023

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001

Rubin Magoga, Milena
ENTRE RUAS E SINGULARIDADES: USO E APROPRIAÇÃO DO
ESPAÇO PÚBLICO NA VILA BELGA EM SANTA MARIA - RS / Milena
Rubin Magoga.- 2023.
168 p.; 30 cm

Orientadora: Josicler Orbem Alberton
Coorientadora: Verônica Garcia Donoso
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em
Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo, RS, 2023

1. Rua 2. Apropriação 3. Imagens 4. Vila Belga I.
Orbem Alberton, Josicler II. Garcia Donoso, Verônica
III. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Declaro, MILENA RUBIN MAGOGA, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Dissertação) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

Milena Rubin Magoga

**ENTRE RUAS E SINGULARIDADES: USO E APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO
NA VILA BELGA EM SANTA MARIA - RS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo**.

Aprovada em 31 de Agosto de 2023.

Prof.^a Josicler Orbem Alberton, Dr.^a (UFSM)
(Presidente/Orientadora)

Prof.^a Verônica Garcia Donoso, Dr.^a (UFSM)
(Coorientadora)

Prof. Artur Rozestraten, Dr. (USP)

Prof.^a Vanessa Goulart Dorneles, Dr.^a (UFSM)

Santa Maria, RS, Brasil
2023

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa foi desenvolvida com o apoio de amigos, familiares, mestres e comunidade da Vila Belga. Agradeço a todos imensamente por toda dedicação e empenho em contribuir para que este estudo fosse possível.

À minha família, especialmente meus pais e meu irmão, por todo apoio, compreensão e afeto incondicional. Aos meus amigos, por proporcionarem momentos leves e compreenderem minhas ausências.

Minha orientadora Josicler Alberton, merece meus agradecimentos pelos valiosos ensinamentos, orientações e principalmente por acreditar e confiar em mim, incentivando e inspirando cada etapa. Agradeço também a minha co-orientadora, Verônica Donoso por compartilhar seu conhecimento com generosidade.

Expresso minha gratidão aos participantes que aceitaram ser entrevistados para esta pesquisa, compartilhando suas histórias, memórias e afetos. Aos que gentilmente abriram as portas de suas casas e me receberam com muita cordialidade e hospitalidade, saibam que esses encontros enriqueceram não apenas a pesquisa, mas também se revelaram momentos importantes de reflexão.

Aos membros da banca examinadora desta pesquisa, Profa. Vanessa Dorneles, Prof. Artur Rozestraten e Profa. Fabiane Romano, agradeço pelo olhar atento e pelas contribuições valiosas que enriqueceram este trabalho.

Aos meus colegas e amigos do mestrado pela troca mútua de conhecimento, pelas partilhas de angústias e risadas nos momentos difíceis e nos mais felizes. Não posso deixar de expressar minha gratidão também aos professores do PPGAUP.

Por fim, estendo meus agradecimentos ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) pela concessão da bolsa de pesquisa que viabilizou a realização deste mestrado.

Uma vivência, algo pelo qual simplesmente eu passei, eu atravessei, ou algo que me aconteceu, ela não é nada se ela não puder ser transformada em alguma narrativa compartilhável e transmissível ao grupo ao qual eu pertenço. É a transmissão, é o compartilhar, que transforma a vivência em experiência.

Walter Benjamin

RESUMO

ENTRE RUAS E SINGULARIDADES: USO E APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO NA VILA BELGA EM SANTA MARIA - RS

AUTORA: Milena Rubin Magoga

ORIENTADORA: Josicler Orbem Alberton

CO-ORIENTADORA: Verônica Garcia Donoso

Esta pesquisa tem como objetivo compreender as dinâmicas de uso e apropriação do espaço público da rua na Vila Belga, localizada em Santa Maria, Rio Grande do Sul. Nessa perspectiva, propõe-se um olhar sobre as particularidades e subjetividades que influenciam diretamente na constituição do território analisado, bem como as diferentes temporalidades sobrepostas no espaço. A fundamentação teórica envolve temáticas como: o uso e apropriação da rua para diferentes atividades; as atmosferas e experiências que emergem do lugar; e o uso das imagens como instrumento no processo investigativo. A metodologia adotada inclui a cartografia, utilizada como posicionamento de pesquisa durante os estudos de campo, e as entrevistas, realizadas para expandir a compreensão coletiva sobre o espaço. Os resultados, revelados a partir da aplicação dos procedimentos metodológicos, permitiram o contato com novas peculiaridades do lugar. Nas entrevistas, a imagem foi um importante instrumento para acessar sensações, memórias afetivas e conexões dos moradores com o espaço, destacando a formação de uma comunidade unida e o vínculo intrínseco com o passado. Nesse cenário, as interpretações e diretrizes geradas a partir dos cruzamentos de dados e visualidades, podem contribuir tanto para mitigar problemas identificados, como para ampliar características positivas envolvendo o uso da rua na Vila Belga. As conclusões apontam para a relevância do olhar sobre as apropriações do espaço público, a partir das singularidades do lugar, além do potencial investigativo das imagens no processo da pesquisa.

Palavras-chaves: Rua. Apropriação. Imagens. Vila Belga.

ABSTRACT

BETWEEN STREETS AND SINGULARITIES: USE AND APPROPRIATION OF PUBLIC SPACE IN VILA BELGA IN SANTA MARIA – RS

*Author: Milena Rubin Magoga
Supervisor: Josicler Orbem Alberton
Co-supervisor: Verônica Garcia Donoso*

This research aims to understand the dynamics of use and appropriation of public space of the street in Vila Belga, located in Santa Maria, Rio Grande do Sul. In this perspective, a focus is proposed on the particularities and subjectivities that directly influence the constitution of the analyzed territory, as well as the different overlapping temporalities in the space. The theoretical foundation involves themes such as: the use and appropriation of the street for different activities; the atmospheres and experiences that emerge from the place; and the use of images as a tool in the investigative process. The adopted methodology includes cartography, used as a research positioning during field studies, and interviews, conducted to expand the collective understanding of the space. The results, revealed through the application of methodological procedures, allowed contact with new peculiarities of the place. In the interviews, images were an important instrument to access residents' sensations, affective memories, and connections with the space, highlighting the formation of a united community and the intrinsic link with the past. In this scenario, the interpretations and guidelines generated from the intersections of data and visual aspects can contribute both to mitigate identified problems and to expanding positive characteristics involving the use of the street in Vila Belga. The conclusions point to the relevance of examining the appropriations of public space, based on the uniqueness of the place, as well as the investigative potential of images in the research process.

Key-words: Street. Appropriation. Imagens. Vila Belga.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Momentos principais da pesquisa	18
Figura 2: Etapas da Pesquisa	37
Figura 3: Etapas Constelações de Instantes	42
Figura 4: Localização dos lugares analisados.....	51
Figura 5: Linha do tempo da Vila Belga.....	54
Figura 6: Largo da Estação em 1900.....	55
Figura 7: Estação Ferroviária em 1914.....	55
Figura 8: Planta da cidade, provavelmente na década de 1930.....	56
Figura 9: Avenida Rio Branco.	57
Figura 10: Vista da Av. Rio Branco em 1930.....	57
Figura 11: Cooperativa na década de 1950.	58
Figura 12: Edifícios da COOPFER, em 1953.	58
Figura 13: Padaria e Fábrica de massas.	58
Figura 14: Levantamento realizado em 1920.	59
Figura 15: Vila Belga na década de 1910 (na atual Rua Manoel Ribas).....	60
Figura 16: Vila Belga no início do século XX.....	60
Figura 17: Circulação de pessoas na Gare, em 1996.....	62
Figura 18: Vila Belga em 2011, durante intervenções realizadas pela Prefeitura.....	64
Figura 19: Mapa atual da Vila Belga.....	66
Figura 20: Mapa de Usos.....	67
Figura 21: Edifícios com diferentes usos.....	68
Figura 22: Edifícios em situação de abandono.....	69
Figura 23: Diferentes quintais da Vila.....	71
Figura 24: Ruas de acesso.....	73
Figura 25: Residência sem recuo e com acesso frontal, na Rua Manoel Ribas.....	73
Figura 26: Residência sem recuo e com acesso lateral, na Rua Ernesto Beck.....	73
Figura 27: Detalhes da Rua Manoel Ribas.....	78
Figura 28: Detalhes da Rua André Marques.....	81

Figura 29: Detalhes da Rua Doutor Wauthier..	84
Figura 30: Detalhes da Rua Ernesto Beck.	87
Figura 31: A rua ocupada durante o Brique.	89
Figura 32: Vila Belga durante o Brique.	90
Figura 33: Proposta vencedora para a restauração do antigo Clube dos Ferroviários. Projeto: Tempo Arquitetos.	91
Figura 34: Constelação de imagens da Escuta 01	103
Figura 35: Antiga passagem direta entre a Vila Belga e a Gare.	105
Figura 36: Constelação Escuta 02.	108
Figura 37: Combinações de imagens da Dinâmica 01.	112
Figura 38: Imagens-afeto do narrador.	112
Figura 39: Conexões realizadas durante a Dinâmica 01.	116
Figura 40: Combinações de imagens da Dinâmica 02.	118
Figura 41: Combinações de imagens da Dinâmica 03.	122
Figura 42: Destaques das Constelações de Instantes.	126
Figura 43: Narrativa Visual da Escuta.	129
Figura 44: Destaques e principais conexões realizadas durante as Dinâmicas.	130
Figura 45: <i>Collage</i> "Apropriação".	133
Figura 46: <i>Collage</i> "Passado".	142
Figura 47: Atratores para o uso da rua ao longo dos anos.	147
Figura 48: <i>Collage</i> "Arquitetura".	148
Figura 49: Uma das casas da Vila no ano 2011, 2022 e 2023 respectivamente.	151
Figura 50: Elementos que favorecem ou dificultam a apropriação nas ruas na Vila.	152
Figura 51: Diretrizes "Espaço Físico".	153
Figura 52: Diretrizes "Conforto e Paisagem".	154
Figura 53: Diretrizes "História e Memória".	154

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Tipos de Aproximações propostas.	44
Quadro 2: Questionamentos principais durante a Escuta.	45
Quadro 3: Imagens Disparadoras da Dinâmica.	47
Quadro 4: Momentos da Dinâmica	49
Quadro 5: Infraestrutura.	74
Quadro 6: Paisagens da Rua Manoel Ribas.	76
Quadro 7: Topografia e Escala da Rua Manoel Ribas.	77
Quadro 8: Paisagens da Rua André Marques.	79
Quadro 9: Topografia e Escala da Rua André Marques	80
Quadro 10: Paisagens da Rua Doutor Wauthier.	82
Quadro 11: Topografia e Escala da Rua Doutor Wauthier.	83
Quadro 12: Paisagens da Rua Ernesto Beck.	85
Quadro 13: Topografia e Escala da Rua Ernesto Beck.	86
Quadro 14: Principais características das ruas da Vila Belga.	88
Quadro 15: Usos cotidianos.	135

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	14
1.1. JUSTIFICATIVA.....	15
1.2. OBJETIVOS.....	17
1.2.1. Objetivo geral.....	17
1.2.2. Objetivos específicos.....	17
1.3. ESTRUTURA DA PESQUISA	18
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	20
2.1. O USO E APROPRIAÇÃO DA RUA.....	20
2.2. A RUA COMO EXPERIÊNCIA	25
2.3. IMAGENS EM MOVIMENTO	30
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	35
3.1. ETAPAS DA PESQUISA	36
3.2. DESCRIÇÃO DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	37
3.2.1. Pesquisa documental e bibliográfica.....	38
3.2.2. Constelações de Instantes	38
3.2.3. Aproximações: Novos Olhares.....	43
3.2.3.1. Escuta: identificando imagens.....	45
3.2.3.2. Dinâmica: conduzindo a partir de imagens.....	46
4. VILA BELGA: CAMINHOS DO PASSADO E TRAJETÓRIAS ATUAIS	51
4.1. SANTA MARIA, A FERROVIA E A VILA.....	53
4.2. O LUGAR VILA BELGA.....	64
4.2.1. A Casa e o Quintal.....	70
4.2.2. A Rua e a Paisagem.....	72
4.2.3. Os Acontecimentos.....	88
5. APLICAÇÃO DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	93
5.1. CONSTELAÇÕES DE INSTANTES.....	93
5.2. APROXIMAÇÕES: NOVOS OLHARES	102
5.2.1. Escuta: identificando imagens.....	102

5.2.1.1. Escuta 01	102
5.2.1.2. Escuta 02	107
5.2.2. Dinâmica: conduzindo a partir de imagens.....	111
5.2.2.1. Dinâmica 01	111
5.2.2.2. Dinâmica 02	118
5.2.2.3. Dinâmica 03	121
5.3. O QUE EMERGIU DOS MÉTODOS.....	125
5.3.1. Constelações de Instantes.....	125
5.3.2. Aproximações.....	127
5.3.3. Escuta	127
5.3.4. Dinâmica	130
6 ATRAVESSAMENTOS.....	132
6.1.O USO DO ESPAÇO PÚBLICO: A RUA COMO EXTENSÃO DA CASA.....	134
6.2. O LUGAR DO PASSADO	143
6.3. ARQUITETURA: A PAISAGEM E O CENÁRIO URBANO.....	149
6.4. POTENCIALIZANDO A APROPRIAÇÃO DA RUA: DIRETRIZES DE MELHORIA	152
7. REFLEXÕES FINAIS.....	156

Capítulo 1

INTRODUÇÃO

Sabe-se que as configurações espaciais urbanas se adaptaram conforme os princípios e costumes da população com o passar do tempo. Os espaços públicos, as praças, as ruas e as calçadas nem sempre tiveram as mesmas dinâmicas de uso e apropriação conhecidas atualmente. A cidade contemporânea se apresenta como uma sobreposição de tempos, uma colagem com diferentes camadas que reúne peças de diversas épocas e culturas, formando uma composição complexa de elementos em incessante mutação. Mesmo em espaços em que a materialidade parece preservada, as relações sociais e a forma como os mesmos são experienciados e apropriados se modificam com o passar dos anos.

Nesse cenário, a presente pesquisa dialoga sobre o uso e apropriação do espaço público da rua em um território localizado no estado do Rio Grande do Sul: a Vila Belga, na cidade de Santa Maria. O lugar apresenta dinâmicas socioespaciais e características singulares que o diferenciam do restante da cidade, tanto nos aspectos físicos (materiais), como nos aspectos subjetivos (imateriais). Dessa forma, volta-se o olhar para o uso cotidiano e singular das ruas da Vila Belga e dos elementos que caracterizam, prejudicam ou influenciam tal apropriação. Além disso, propõe-se um estudo sobre as particularidades que influenciam diretamente na constituição do território analisado

Merece ênfase a relevância histórica e cultural do objeto de estudo, caracterizado por arquiteturas construídas no início do século XX, bem como a importância histórica e cultural no contexto urbano em que está inserido. Portanto, a escolha do estudo de caso, parte da curiosidade e desejo de compreender as singularidades que o permeiam, diante das relações que promove com seus habitantes. Além disso, a facilidade de acesso, vínculo e familiaridade da autora com a cidade, foi de suma importância para a definição do objeto de pesquisa.

Dessa forma, a pesquisa em questão reflete sobre alguns temas essenciais, os quais envolvem: as dinâmicas de uso e apropriação da rua no cotidiano; o espaço experienciado e as atmosferas que surgem na relação da pessoa com o lugar; e a potência do uso das imagens como instrumento investigativo.

Nesse contexto, no que tange aos questionamentos acerca da temática, a questão de pesquisa que este trabalho visa responder é: “Que particularidades a Vila Belga possui que estimulam ou dificultam o uso e apropriação da rua?”

1.1. JUSTIFICATIVA

Este trabalho contribui para o campo de pesquisa da arquitetura, urbanismo e paisagem, evidenciando a rua em sua complexidade. De forma a contribuir e ampliar os estudos científicos sobre as ruas e espaços públicos urbanos, esta pesquisa colabora especificamente com a microescala e aspectos subjetivos da prática social do espaço, como a atenção aos sentidos, sentimentos e afetos que os lugares podem apresentar.

Compreender as dinâmicas de uso e apropriação da rua em localidades como a Vila Belga pode trazer contribuições aos estudos dos espaços livres e da importância da rua para o cotidiano. Apresenta também direções sobre a importância da história e da memória como impulsionadores de processos sociais variados no território urbano. O exercício de (re)conhecer a cidade, permite o (re)conhecimento de processos passados que podem também impulsionar possibilidades futuras.

Na categoria dos espaços públicos estão calçadas, ruas, praças, parques, dentre outros que conectam as principais dimensões da vida urbana e são ocupados no cotidiano para as mais diversas atividades, como para o lazer, para expressão artística ou para mobilização política. É no espaço da rua que a população exerce o direito à cidade e à paisagem, o qual não se resume apenas à reivindicação por serviços e infraestrutura urbana, como transporte, moradia, saneamento, mas inclui também o direito de habitar, usar, ocupar e se apropriar do meio urbano de forma igualitária (IACOVINI, 2019; LEFEBVRE, 2008; QUEIROGA, 2012; GONÇALVES, 2020).

Parte-se da problemática de compreender de que forma, em meio a modernização urbana, o lugar da rua ainda pode ser observado como suporte da sociabilidade, apropriação e interação humana. Dessa forma, não se trata aqui da rua de forma e função rígida, tradicional e dominante. A rua que interessa nesta pesquisa, vai além da finalidade de circular: oferece multiplicidade de usuários, ofícios e culturas, com diferentes tempos e formas de ocupação. É a rua que, além da materialidade, importa a experiência vivida, em uma extensão da própria casa (VOGUEL; MELLO, 1981).

A escolha do estudo de caso delimitado neste trabalho, parte da identificação de atmosferas que vão além das similaridades morfológicas, históricas ou espaciais. Identifica-se também que a rua na Vila Belga pode ser vista como lugar de acontecimentos diversos. O olhar sobre o espaço, analisado para além das práticas visíveis, se justifica uma vez que provoca afetividades e sentimentos que emergem da relação do indivíduo com o lugar.

Quando se trata de um lugar turístico e histórico, as sensações visuais geradas são um fator de atração. Na Vila, as cores, as formas e a paisagem natural, revelam qualidades visuais importantes e amplamente exploradas. Entretanto, por mais que exista uma materialidade e uma paisagem atrativa, existe também um cotidiano vivenciado por sua população, nas ruas, na pluralidade e particularidades do lugar. A diversidade de acontecimentos e experiências reverbera em cada indivíduo de forma diferente. Por isso, as imagens que representam um mesmo lugar, podem ser tão diversas.

Além disso, a Vila Belga é um lugar em movimento, desde seu surgimento, e principalmente nos dias atuais, passa por diversas mudanças sociais e econômicas. A cidade do antes, do agora e do depois, sobrepostas em um mesmo território. Observar este local a partir das trilhas do passado, pode ser uma forma de promover trajetórias futuras cuidadosas e conscientes.

Na sobreposição de fragmentos passados, presentes e futuros, as imagens geradas são compreendidas de diversas formas por cada um, a recombinação, montagem, remontagem e colagens desses fragmentos, podem dar outros significados para o lugar, bem como evidenciar características, memórias e experiências estimuladas pelas visualidades (DIDI-HUBERMAN, 2015; JACQUES, 2015). Dessa forma, quando

exploradas em um processo de experimentação, as imagens podem contribuir para interpretações não convencionais do espaço urbano.

1.2. OBJETIVOS

Para tais fins, foram delimitados os seguintes objetivos:

1.2.1. Objetivo geral

Compreender as dinâmicas de uso e apropriação do espaço público da rua na Vila Belga em Santa Maria-RS.

1.2.2. Objetivos específicos

- A. Por meio da fundamentação teórica, compreender temas como a apropriação da rua, o lugar experienciado e a potência das imagens;
- B. Apresentar o histórico e descrever características físicas e sociais do estudo de caso;
- C. Desenvolver procedimentos metodológicos, utilizando imagens e recursos visuais como instrumentos;
- D. Buscar relatos, memórias e experiências de diferentes narradores;
- E. Discutir as particularidades de uso e apropriação da rua na localidade investigada, bem como os elementos que a influenciam;
- F. Propor diretrizes para fomentar a apropriação da rua no estudo de caso, com base nos dados levantados durante a pesquisa.

1.3. ESTRUTURA DA PESQUISA

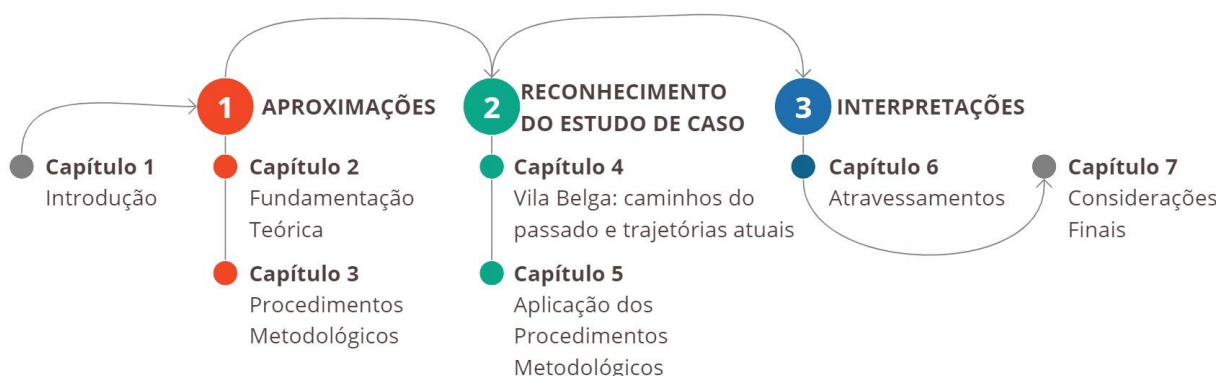
O caminho trilhado nesta pesquisa se divide em três momentos principais:

Momento 1 – Aproximações Teóricas: primeiramente, a partir da pesquisa bibliográfica, busca-se a aproximação teórica com o tema de estudo, apresentando autores e conceitos relevantes para o assunto. Bem como, objetiva apresentar os referenciais que irão conduzir o processo da pesquisa, tanto na definição e descrição dos procedimentos metodológicos, quanto na interpretação das informações obtidas.

Momento 2 – Reconhecimento do Estudo de Caso: nesta etapa, a Vila Belga entra em evidência. É apresentado o levantamento histórico do lugar, as transformações vividas e a descrição das características físicas no tempo presente. Além disso, acontece a exposição dos resultados obtidos na aplicação dos procedimentos metodológicos.

Momento 3 – Interpretações: durante as interpretações, os resultados são discutidos, considerando tanto o levantamento do estudo de caso, quanto a fundamentação teórica. Dessa forma, são expostos todos os atravessamentos e conexões que emergiram durante o processo da pesquisa. A Figura 1 ilustra a divisão dos três momentos principais:

Figura 1: Momentos principais da pesquisa



Fonte: Autora, 2023

Dessa forma, a pesquisa é estruturada a partir da divisão de sete capítulos:

O **primeiro capítulo**, apresenta brevemente as intenções do trabalho, com a Introdução, Objetivo (Geral e Específicos) e Justificativa da pesquisa, buscando contextualizar a relevância para a área de estudo.

No **segundo capítulo** é iniciada a Fundamentação Teórica sobre os temas pertinentes para o desenvolvimento da pesquisa, que envolvem o uso e apropriação da rua; o espaço experimentado e as atmosferas que surgem na relação da pessoa com o lugar; além do uso das imagens como instrumento no processo investigativo. A fundamentação teórica dará embasamento para o desenvolvimento do trabalho, e pode auxiliar a refletir sobre alguns questionamentos que surgem no processo de interpretação dos lugares.

No **terceiro capítulo**, são apresentados e descritos os Procedimentos Metodológicos escolhidos e os caminhos a serem percorridos para realizar a pesquisa. As imagens e montagens são apresentadas como meio de adquirir conhecimento sobre os objetos de estudo, além disso, para os levantamentos de campo, a cartografia foi adotada como posicionamento de pesquisa. As entrevistas darão suporte à investigação e visam expandir o olhar para uma construção coletiva deste trabalho.

O **quarto capítulo**, intitulado “Vila Belga: caminhos do passado e trajetórias atuais”, objetiva apresentar uma leitura do lugar analisado. Compreender a história e formação do espaço, como também descrever a configuração existente no tempo presente.

No **quinto capítulo**, são apresentados os resultados decorrentes da aplicação dos diferentes métodos utilizados na pesquisa, com discussões preliminares.

No **sexto capítulo**, os resultados são interpretados e cruzados, de acordo com as informações encontradas e com base nos referenciais teóricos e objetivos específicos.

O **sétimo capítulo** apresenta as considerações finais, onde o estudo é discutido com base nos objetivos anteriormente propostos. Dessa forma, corresponde aos aspectos conclusivos da pesquisa, onde são expostas às reflexões e possíveis desdobramentos da temática.

Capítulo 2

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As ruas e espaços livres urbanos são estruturas complexas de uma cidade. Comportam diferentes tipos de atividades e indivíduos que tensionam cotidianamente as dinâmicas dos territórios. A Vila Belga é um lugar de intensa diversidade, onde a rua é também protagonista, palco de apropriações, manifestações artísticas, atividades de lazer, etc. Assim como alguns conflitos que surgem da presença de diferentes grupos com desejos distintos no espaço urbano. Neste capítulo, serão discutidos alguns temas relevantes (apropriação, experiência, imagens), que podem auxiliar a compreender como e por que essas duas localidades apresentam tais características.

Além disso, a fundamentação teórica proposta para esta pesquisa, pode ajudar também a formular questionamentos sobre os lugares analisados: *Como acontecem e porque acontecem apropriações na Vila Belga? Quais experiências e vivências emergem do lugar estudado? Como é possível utilizar a imagem como ferramenta de apreensão e narração da experiência urbana e humana?*

2.1. O USO E APROPRIAÇÃO DA RUA

Na história da formação das cidades, as ruas sempre estiveram presentes, mas nem sempre tiveram a mesma configuração e relevância observadas atualmente. As primeiras cidades, identificadas por arqueólogos e historiadores, caracterizavam-se pela aglomeração irregular de edificações. Entretanto, mesmo em cidades de diferentes culturas e localizações geográficas distintas, pode-se identificar certa organização na disposição das quadras, como também hierarquias no sistema viário. Na maioria das cidades, os desenhos complexos gerados pelas construções permitem identificar

conjuntos de ruas e vielas com diferentes larguras e traçados, criando os espaços de circulação e acesso a cada uma das moradias existentes. Nos primeiros assentamentos urbanos as vielas eram estreitas, onde apenas animais de carga ou pedestres passavam, entretanto, já possuíam certa importância, pois eram o único espaço de acesso e circulação para pessoas e mercadorias (GONÇALVES, 2020).

Com a industrialização e mudanças nos modelos econômicos, a cidade passa a se tornar lucrativa para as classes mais ricas, e o espaço urbano passa a ser um dos principais negócios do capitalismo, interferindo diretamente nas formas de uso e ocupação do solo, cada vez mais segregado. Nesse cenário, as ruas se transformaram para além de espaços de circulação e passaram a ser também lugar de convívio, conflitos e encontro dos diferentes grupos sociais, já que as mudanças vividas pela sociedade, foram refletidas diretamente nas relações concebidas no espaço público da rua (GONÇALVES, 2020).

No início do século XX, o aparecimento e valorização do automóvel como forma principal de deslocamento, causou grandes transformações no traçado das cidades. A infraestrutura urbana passou a se modificar para que fosse possível transitar de forma mais rápida e eficiente. Além disso, na mesma época, nas cidades brasileiras, o êxodo rural e a industrialização provocaram aumento populacional, e os deslocamentos no interior do espaço urbano passaram a ser ainda mais importantes. As ruas foram o palco principal dessas mudanças, onde de fato foi possível observar as consequências (GONÇALVES, 2020).

Destaca-se também que o pensamento urbanístico moderno, desenvolvido no início do século XX, pautado pelo reconhecimento dos automóveis como o modo de circulação urbana predominante. A rua da cidade pré-moderna foi radicalmente criticada e excluída dos novos planos para a cidade pelos urbanistas. O influente arquiteto e urbanista Le Corbusier considerava que a rua deveria ser mais como uma “máquina de circular”, e deveria cumprir essa função de forma exclusiva e eficiente. Para ele, ao eliminar as funções de convívio e apropriação da rua, a mobilidade poderia ser planejada para acontecer de forma mais rápida. Os percursos menores do cotidiano seriam realizados a pé, em áreas com arborização, mas sem espaço para permanência. Já os

percursos mais longos deveriam ser feitos apenas com automóveis em autopistas, com infraestrutura para facilitar a velocidade do trajeto (FONTES, 2020; GONÇALVES, 2020).

O pensamento modernista predominou no planejamento das cidades no século XX. A rua deixou de abrigar diferentes usos e atividades, e a utilização para deslocamento rápido passou a ser prioridade, causando diversas consequências, como o aumento do uso de veículos e da poluição. Além disso, as infraestruturas criadas para comportar os veículos, como viadutos, túneis e aterros, geraram ainda mais segregação. Os pedestres foram limitados a circular pelas calçadas, e os trajetos realizados a pé ficaram cada vez mais desconfortáveis. Entretanto, mesmo diante dos esforços modernistas para diminuir as apropriações e diferentes usos, a rua se consolidou como parte essencial da memória das cidades, elemento de identidade própria que auxilia a compreender a construção do conceito de urbanidade e a ideia de vida pública (PESAVENTO, 1996; GONÇALVES, 2020).

No livro “Morte e Vida de Grandes Cidades” (2007), escrito por volta de 1960, Jane Jacobs reforça a importância das ruas para o funcionamento das cidades. Para Jacobs (2007), as ruas e calçadas são os órgãos vitais de uma cidade. A autora critica também a visão reducionista e puramente formal desses espaços, uma vez que “as ruas das cidades servem a vários fins além de comportar veículos; e as calçadas – a parte das ruas que cabe aos pedestres – servem a muitos fins além de abrigar pedestres” (JACOBS, 2007, p. 29).

De fato, as vias públicas urbanas são suporte essencial da cidade, como também formam a estrutura essencial dos tecidos urbanos tradicionais. As ruas, praças, largos e avenidas são espaços livres que abrigam tanto grandes acontecimentos como os pequenos eventos do cotidiano. É na esfera pública que o espaço legitima uma organização própria, a qual pode ultrapassar a ordem e racionalidade planejada (VOGEL; MELLO, 1981; QUEIROGA, 2012).

A rua é considerada a grande estruturadora do traçado e morfologia da cidade, apresentando também um alto grau de permanência em sua disposição, resistindo a maioria das transformações urbanas. Entretanto, apesar de permanecer praticamente estática nos seus aspectos físicos e construídos, observa-se movimento, principalmente na microescala do cotidiano (MENDONÇA, 2007).

Para Fabio Mariz Gonçalves, “não existe lugar mais inclusivo do que a rua para o encontro de todos os grupos que compõem a sociedade” (GONÇALVES, 2020, p. 371). São espaços fundamentais para a manifestação coletiva, política e cultural, principalmente por se tratar de lugares com maior abertura e acesso livre para todos no tecido urbano, uma vez que as ruas são capazes de definir a própria ideia de cidade. É como palco da vida pública e das práticas cotidianas que a rua se torna, antes de tudo, um lugar político (GONÇALVES, 2020).

Assim sendo, o espaço público da rua se torna a concretização de modelos culturais, momentos históricos, conflitos e tensões de diversas formas e intensidades. Igualmente, proporciona a diversidade, a vida em comunidade, o convívio e as relações humanas estabelecidas em espaços sociais, onde o encontro acontece livremente. Nesse contexto, a rua é palco e muitas vezes pode criar condições favoráveis ou desfavoráveis para o acontecimento dessas conexões (VOGEL; MELLO, 1981; QUEIROGA, 2012).

Para ser lugar da vida pública, o espaço da rua deve proporcionar condições para que as pessoas permaneçam nele, independentemente da quantidade de tempo ou se estão sentadas ou em pé. Devem também se sentir seguras e confortáveis em parar um percurso e permanecer em um mesmo ponto por determinado período, exercendo as mais diversas atividades, como observar a paisagem, esperar o ônibus, parar para descansar, etc., além disso, é a presença de pessoas que pode tornar uma rua mais segura (JACOBS, 2007; GONÇALVES, 2020).

As motivações que levam à apropriação de lugares na cidade são subjetivas, influenciadas por fatores culturais, sociais, valores e princípios de um determinado grupo ou indivíduo. Em lugares onde as condições são favoráveis para que as pessoas possam parar e permanecer no espaço realizando usos diversos, as práticas cotidianas são capazes de transformar a cidade em diferentes níveis e escalas. Na interação com os lugares, o espaço pode se modificar conforme as necessidades e desejos de seus habitantes. As apropriações e atividades realizadas de forma espontânea, impulsionam a mutabilidade e o dinamismo no espaço livre da rua. As possibilidades de uso adaptam-se aos interesses das pessoas que experimentam ativamente o território e criam uma ordem local, muitas vezes se distanciando da ordem hegemônica. O olhar sobre tais

apropriações pode levar a compreensão de demandas e reivindicações da população pertencente a uma localidade (MENDONÇA, 2007; QUEIROGA, 2012; PROCÓPIO, 2021).

Para Queiroga, as apropriações e ações transformadoras do espaço, configuram o lado dinâmico da rua, em um contexto em que a materialidade e a paisagem construída constituem seu componente fixo e, as dinâmicas presentes podem ser constantemente modificadas. Os costumes, as normas e os comportamentos estão sempre sendo revisitados e recriados na práxis urbana, são estruturas estruturantes em constante mutação (QUEIROGA, 2012). Portanto, as modificações subjetivas no espaço urbano nem sempre são visíveis, elas se apresentam também mediante relações sociais, políticas, econômicas (JACQUES; JEUDY, 2006).

Considera-se que os elementos de carácter fixo são aqueles que permanecem no espaço e demoram muito tempo para se transformar, como os edifícios e a infraestrutura urbana. Já os elementos intermediários, são aqueles que são frequentemente alterados e adaptados para diferentes atividades, como os mobiliários urbanos. Os componentes mais efêmeros são aqueles que estão em constante movimento, como as pessoas e suas atividades, comportamentos, interações cotidianas e os animais (FONTES, 2020).

Mais do que a produção de objetos concretos, o ser humano produz e reproduz as relações sociais na cidade. Essas relações são estabelecidas e restabelecidas ao longo do tempo, já que o fundamento da ideia de rua é seu carácter de ser ao mesmo tempo, lugar de estabilidade e de movimento.

É no processo livre de interação do indivíduo com o seu entorno, que o ser humano se projeta no espaço e o transforma de acordo com os desejos e necessidades. (VOGEL; MELLO, 1981; QUEIROGA, 2012). Nesse contexto,

A vida urbana pressupõe encontros, confrontos das diferenças, conhecimentos e reconhecimentos recíprocos (inclusive no confronto ideológico e político) dos modos de viver, dos “padrões” que coexistem na cidade (LEFEBRVE, 2008, p. 22).

Dessa forma, destaca-se a essência complexa que surge da presença simultânea de diferentes grupos sociais no compartilhamento do território, ocasionando um cruzamento de interesses no processo de produção e apropriação do espaço público da rua, os quais são repletos de contradições e tensões (GONÇALVES, 2020). É a partir do reconhecimento destas dinâmicas complexas que uma política espacial democrática

pode emergir. No encontro e socialização da rua, os conflitos e as discordâncias tencionam o espaço e modificam também as formas de uso e apropriação.

A Vila Belga apresenta potencialidades em relação à apropriação da rua para diferentes atividades e também por diferentes grupos. Dessa forma, importa compreender como e por que esse território apresenta tais características, tendo em vista que as motivações que levam à apropriação e à permanência nas ruas da cidade são subjetivas e envolvem tanto o espaço físico, como os fatores culturais e sociais.

2.2. A RUA COMO EXPERIÊNCIA

A rua é lugar de intensa multiplicidade em sua essência, seja como palco dos acontecimentos ou como cenário. O espaço da rua reverbera e se expande para além da sua materialidade e de definições formais. Conseqüentemente, também é capaz de promover experiências das mais diversas formas. Ao ler a cidade e a riqueza que caracteriza a vivência no espaço urbano, é preciso captar os diferentes ângulos, padrões e temporalidades que existem e coexistem nos lugares (MAGNANI, 2003).

Esta pesquisa enfatiza a análise da rua como lugar vivenciado. Para Tuan (1983), o termo “lugar” diferencia-se de “espaço”, são termos familiares que indicam experiências comuns. Segundo o autor, o lugar é dotado de valor e tem significado afetivo para um indivíduo ou um grupo de pessoas. Fala-se também sobre a “aura do lugar”, que seria o que confere identidade ao mesmo. O significado de “espaço” é mais amplo, mais abstrato. Entretanto, são dois termos que se conectam, pois, um espaço pode vir a ser um lugar à medida que adquire significado. A experiência, dessa forma, diz respeito as várias maneiras através das quais uma pessoa conhece o mundo ao seu redor (TUAN, 1983).

A identificação e atribuição do significado de lugar, pode variar em um mesmo espaço, de acordo com a percepção de cada indivíduo. Dessa forma, um único espaço pode conter diversos lugares, para diferentes pessoas, ou pode não ser reconhecido como lugar por alguns indivíduos que o utilizam. Entretanto, mesmo que a percepção da paisagem se configure em um processo individual, o reconhecimento de significados pode acontecer também na esfera coletiva, quando uma comunidade compartilha

valores culturais, tornando o espaço familiar para um grupo de pessoas (LAMOUNIER, 2017).

Dessa forma, os se lugares tornam núcleos de valor, atraem ou repelem em graus variados, estimulam sentimentos intensos que partem de vivências diversas. Por esse motivo, as experiências têm o poder de modificar a percepção perante o espaço e transformar ruas em lugares vivenciados (TUAN, 1983).

A experiência envolve sensações, percepções e concepções que surgem diante da relação humana com o espaço, é a partir dela que uma pessoa conhece e constrói a realidade. Por meio dos sentidos e órgãos sensoriais, como olfato, paladar, tato e visão, os seres humanos mostram-se capazes de criar consciência dos espaços e dar valor a eles (TUAN, 1983).

No sentido ativo, a experiência implica movimento e contato com o mundo exterior. É uma ação onde o indivíduo desenvolve a capacidade de aprender a partir da própria vivência. Como efeito, a memória e a intuição produzem e reproduzem impactos sensoriais, sentimentos, emoções, pensamentos e memórias (TUAN, 1983).

No olhar atento e demorado, o indivíduo recolhe detalhes do mundo ao seu redor. Entretanto, nos espaços em que a rua se torna simplesmente local de passagem rápida, o indivíduo cada vez menos experiencia o cotidiano na cidade. Para Larrosa (2015), é por consequência da falta de tempo que as experiências são cada vez mais raras. Segundo o autor, "a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca." (LARROSA, 2015, p. 18). Quando o tempo é acelerado, os estímulos são reduzidos a momentos instantâneos, breves e efêmeros, vivenciados rápida e repetidamente. Muito acontece, mas pouco acontece diretamente com o indivíduo, pois pouco o afeta.

Para Thibaud (2012), no início do século XX, algumas mudanças no ambiente urbano, como a natureza hiperestimulante das metrópoles e o favorecimento da visão sobre os outros sentidos, afetaram a experiência e a percepção dos habitantes das cidades. A perda da experiência comunicável em favor do exagero de estímulos, reconfiguraram as relações sensíveis dos indivíduos.

A obsessão moderna por renovação e novidades, como também a impossibilidade de interromper as atividades produtivas por alguns momentos, impedem a ocorrência de

ocasiões marcantes e memoráveis, diante da falta de estímulos reais. Desse ponto de vista, a experiência

[...] requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, [...] cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que anos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2015, p. 25).

Nesse contexto, ao estar exposto, o sujeito da experiência também é aquele que recebe, por sua abertura essencial, está aberto à transformação, no encontro e relação com algo que se experimenta. O saber da experiência é também particular e individual, pois é vivenciado especificamente por cada um, não pode ser reproduzido ou passado adiante (LARROSA, 2015). Desse modo, a vida no espaço urbano ampara diferentes experiências individuais, mas também as relaciona em modos de experiência em um coletivo.

Uma vez que não é possível descrever a experiência sem identificar também as condições que a nutrem e a tornam possível, o autor Alex Lamounier (2017; 2019), apresenta o conceito de “Atmosfera de Preferência” para discutir diferentes atribuições de sentido a paisagens e situações que surgem no espaço urbano. São momentos cotidianos que, embora vistos como rotineiros, apresentam particularidades que configuram atmosferas memoráveis, reconhecidas como singulares por diferentes grupos ou indivíduos. Trata-se da maneira como as atmosferas dos lugares propiciam a absorção de múltiplos significados, relacionados a diferentes perspectivas de seus usuários.

Uma atmosfera urbana, pode ser definida como o espaço-tempo experimentado ativamente pelos sentidos. Pode funcionar como um agente de conexão entre as diferentes sensações experimentadas pelos usuários das cidades em uma determinada situação. Debruça-se, assim, nos aspectos sensíveis e dinâmicos dos lugares e de seus usuários, assim como nas intensidades da experiência que uma atmosfera pode proporcionar (THIBAUD, 2012; LAMOUNIER, 2019).

Discutir essas atmosferas urbanas, envolve contemplar tanto os elementos imateriais, como os materiais e concretos, presentes na configuração das paisagens.

Envolve, assim, reflexões sobre possibilidades de entendimento da cidade através das vivências cotidianas, na contemplação de múltiplas vozes, significados, diferentes percepções e apropriações espaciais e, conseqüentemente, diferentes níveis de reconhecimento (LAMOUNIER, 2019).

Nesse contexto, as atmosferas são a soma do ambiente construído e funcional, dos usos e também dos componentes sensoriais. As experiências e poéticas urbanas, centradas nos sentidos, tornam-se, dessa maneira, ações que constituem essas atmosferas. Investiga-se, portanto, a natureza das experiências urbanas e sociais pela vertente dos sentimentos e emoções. Parte da análise das constituições, apropriações territoriais e apreensões concebidas nessas atmosferas, assim como os valores culturais que podem ser comuns a diferentes pessoas e a amplitude que determinadas atmosferas alcançam no imaginário geral (THIBAUD, 2012; LAMOUNIER, 2017; 2019).

Embora possam ser reconhecíveis no imaginário coletivo, as atmosferas se relacionam à vivência na cidade numa escala menos ampla, na microescala, a do cotidiano “banal”, além disso, são repletas de significados para os moradores locais, como também podem remeter a sentimentos específicos para eventuais observadores externos e estrangeiros (LAMOUNIER, 2017; 2019).

Durante a experiência afetiva, o indivíduo cria conexões com o lugar, não apenas como observador, mas também como sujeito que se envolve ativamente das situações em que é confrontado. As atmosferas cotidianas podem se tornar memoráveis ao “tocar” o indivíduo. A intensidade e como a experiência desperta o interesse depende de diversos fatores, como a configuração visível e invisível do espaço, das condições climáticas, da realidade cultural e social, como também das condições físicas e psicológicas do observador. Segundo Lamounier (2019),

Estudos continuados apontam que atmosfera resulta de relações entre aspectos tangíveis (configuração físico-espacial, por exemplo) e intangíveis (valores e simbolismo, percepções e concepções, incluindo atribuições de múltiplos significados, sentimentos e sensações), envolvendo, portanto, relações também intrínsecas entre espaço, lugar e paisagem, imbuídas do acúmulo de tempo (LAMOUNIER, 2019, p. 85).

Dessa forma, são os sentidos que impulsionam as experiências humanas/urbanas. Entretanto, destaca-se também o suporte espacial da cidade, que interfere diretamente no valor dado ao que é vivido no ambiente. Ter consciência e reconhecer a atmosfera em

seu suporte espacial propicia a experiência. As arquiteturas e espaço físico, tem papel fundamental na percepção humana e na forma como se vivencia um lugar.

Para o Gonçalves, as experiências vivenciadas cotidianamente e coletivamente têm grande importância para as cidades. Para ele, o espaço público é palco principal dessas experiências compartilhadas, como também se torna lugar e instrumento de aprendizado. Apenas diante da vivência física, sensível, aberta e desarmada é possível compreender as dificuldades e possibilidades de cada espaço (GONÇALVES, 2020).

Para Tuan, é necessária certa quantidade de tempo para sentir afeição por um lugar, raramente é adquirida de passagem. Da mesma forma, cada pessoa vincula-se ao espaço de maneiras distintas, de acordo com as experiências vividas. Portanto,

Objetos que são admirados por uma pessoa, podem não ser notados por outra. A cultura afeta a percepção. No entanto, certos objetos, quer naturais ou feitos pelo homem, persistem como lugares através da eternidade do tempo, sobrevivendo ao apoio de determinadas culturas (TUAN, 1983, p. 181).

No processo de análise e observação do espaço público, propõe-se outra forma de apreensão urbana, poética e sensível: a experiência física, sensorial e corporal do espaço urbano, onde o corpo afeta e é afetado no decorrer da experiência, no olhar atento, na percepção interior e exterior. Paola Jacques, ao falar sobre a experiência corporal urbana, diz que “nosso corpo físico e o corpo da cidade, e as suas respectivas carnes, se encontram, se tateiam e se atritam nos espaços públicos urbanos” (JACQUES, 2005, p.24).

O corpo humano, em contato com o “corpo cidade” representa a totalidade da experiência urbana. O cotidiano vivenciado nas ruas deixa marcas e muitas vezes é capaz de definir o sujeito e as apropriações diversas no espaço urbano. Juhani Pallasmaa, descreve o contato intrínseco do corpo com o espaço urbano: “eu me experimento na cidade; a cidade existe por meio de minha experiência corporal. A cidade e meu corpo se complementam e se definem. Eu moro na cidade, e a cidade mora em mim” (PALLASMAA, 2011, p. 38).

O espaço da rua na cidade contemporânea possui demasiada quantidade de informações. Existem diferentes cheiros, cores, sons, gestos, texturas, estranhamentos, e uma infinidade de elementos que podem ser familiares ou não para os habitantes

daquele lugar. Nesse contexto, a percepção do ser humano, ao entrar em contato com abundância de estímulos, torna-se não apenas a junção de pressupostos visuais, táteis e auditivos: por meio da experiência sensorial e corporal, os indivíduos percebem o meio em sua totalidade, exercitando todos os sentidos, em uma relação de troca, a qual provoca pensamentos e entendimentos singulares (PALLASMAA, 2011).

A experiência humana com o espaço construído é sempre multissensorial. Uma vez que o corpo está em constante interação com o ambiente, as características espaciais, matéria, textura e escala são percebidas igualmente por olhos, ouvidos, nariz, pele, língua, etc. O espaço e o corpo tornam-se elementos inseparáveis e a percepção humana dessa interação promove uma experiência existencial e sensorial constante (PALLASMAA, 2011).

As ruas da Vila Belga são lugares cheios de significados e diversidade, onde tanto os elementos físicos, como os intangíveis, possuem um papel importante na criação de momentos memoráveis, impulsionando os mais diversos estímulos sensoriais, bem como experiências vivenciadas individualmente ou compartilhadas.

Assim como fora exposto, a multiplicidade das atmosferas dos lugares contém componentes que podem favorecer ou prejudicar a permanência e vivência das pessoas no espaço. Reconhecer esses aspectos no estudo de caso, pode auxiliar também a compreender como o suporte espacial e sensorial propicia a experiência.

2.3. IMAGENS EM MOVIMENTO

As imagens e as visualidades, quando exploradas e experimentadas, podem representar bem mais que simples registros estáticos: podem também guiar o pensamento e formular ideias. Apresentam uma potência como ferramenta de apreensão e narração da experiência urbana, gerando um mundo de conexões e possibilidades.

Assim, a utilização das imagens como forma de conhecimento, encontra vazão em trabalhos como o Atlas *Mnemosyne* de Aby Warburg (1866-1929) e nas reflexões elaboradas por Georges Didi-Huberman (1953) e Paola Berenstein Jacques (1968). Além

disso, algumas técnicas artísticas, como a *collage*, impulsionam a experimentação e o significado das imagens.

O historiador de arte e teórico alemão Aby Warburg, desafiou a linearidade do tempo em seu trabalho intitulado "*Atlas Mnemosyne*". Para a mitologia grega, Atlas é um dos titãs, condenado por Zeus a carregar o mundo nas costas, enquanto *Mnemosyne* era a Deusa da Memória, da lembrança. Desenvolvido entre 1924 e 1929, o Atlas é um projeto inacabado de Warburg, onde ele criou um procedimento para observar as conexões entre as imagens.

O Atlas, consistia em um conjunto de imagens que representavam fragmentos de fotografias, desenhos, pinturas, textos, documentos, livros, cartografias, e outras visualidades, dispostas lado a lado em painéis de madeira de 2 m x 1,5 m, cobertos por um tecido preto, agrupadas por tema. As imagens eram fixadas de maneira provisória, de forma que pudessem ser facilmente deslocadas, convidando o observador a mergulhar na "história da arte sem palavras" (GERENCER; ROZESTRATEN, 2016).

Ao reunir e apresentar imagens desvinculadas da linearidade temporal ou espacial dominante, o trabalho de Warburg, não tem a intenção de decifrar as imagens, mas sim de articular. Dessa forma, o Atlas representa a estrutura visual de seu pensamento, pautada na mobilidade e movimento das imagens (DIDI-HUBERMAN, 2015; JACQUES, 2015).

Dessa forma, Warburg dedicava-se a explorar os intervalos, os elementos ocultos, os pequenos fragmentos, detalhes muitas vezes insignificantes para outros historiadores. Ao explorar esses componentes negligenciados, era possível desvendar outras conexões. Para a autora Paola Jacques, o conteúdo não estava apenas nas imagens colocadas individualmente, mas sim na disposição e na maneira como se conectavam entre si e com os espaços vazios formados entre elas. É dessa forma que as imagens adquirem significado (JACQUES, 2015).

Assim, as imagens convocam novas visualidades e se expandem formando constelações. Para Leopoldo Waizbort,

As imagens jamais estão fechadas em si mesmas, como mônadas: elas se abrem para processos de constelação – de que o Atlas *Mnemosyne* seria o exemplo perfeito: imaginando um diálogo de imagens, e de uma forma em que pudessem ser, a cada momento, deslocadas e postas em outras

posições, sugerindo novos diálogos com novas imagens, em um processo infinito (WAIZBORT, 2015, p.16).

O Atlas de Warburg demonstra a possibilidade de pensar por meio de imagens consteladas e montagens. A metáfora das constelações de imagens, emerge através do deslocamento e da formação de conjuntos de figuras com temáticas similares. Essa metáfora foi concretizada por Fritz Saxl (1890-1948) na organização física de painéis com fotografias, no espaço circular central da Biblioteca Warburg, em Hamburgo, no ano de 1924 (GERENCER; ROZESTRATEN, 2016).

A partir das montagens, ou constelações, formadas pela manipulação das imagens nos painéis, surgem inúmeras possibilidades. Para Georges Didi-Huberman, pensar a ideia de “montagem” implica estabelecer relações não lineares, construindo múltiplas narrativas e interpretações, impelindo uma abordagem aberta e subjetiva (DIDI-HUBERMAN, 2015).

Assim, o processo de montagem, implica a desmontagem e remontagem, a desconstrução do que foi construído, para ser reconstituído de forma heterogênea. Trata-se de uma forma complexa de produzir conhecimento. As imagens associadas, representam a destreza visual do tempo, tornam visível e, ao mesmo tempo, desmontam a história, com o objetivo de compreendê-la melhor. A visibilidade do tempo ocorre por meio da disseminação de seus vestígios, resíduos e fragmentos. Detalhes que são geralmente vistos como “restos” da observação histórica (DIDI-HUBERMAN, 2015).

Ao trazer à tona a “poeira do tempo”, que perdura com o passar dos anos, as imagens adquirem uma dimensão simbólica, mutável e marcada pelas transformações, processando novos e velhos sentidos. São, ao mesmo tempo, instrumento e conhecimento, transbordando as interpretações que desassocia conteúdo e forma. Portanto, a análise das imagens deve necessariamente incorporar a complexidade das dimensões sociais e históricas em seu sentido mais amplo (WAIZBORT, 2015).

Para Jacques, trata-se de um “conhecimento nômade, mutante, desterritorializado ou que desterritorializa, desmontando territorializações sedentárias do pensamento” (JACQUES, 2015, p. 78).

Nesse contexto, avançando no caminho de experimentação com imagens, a técnica da *collage* surge como instrumento que fomenta novas formas e descobertas a

partir das visualidades, assim como o Atlas *Mnemosyne* de Aby Warburg, ou o conceito de montagem de Didi-Huberman.

O termo *collage* foi criado por Max Ernst em 1918, diferenciando-se da colagem e resistindo até hoje, indicando um recurso de linguagem poética, que tem como instrumento imagens que já existem, discursos já pronunciados. Etimologicamente, *collage*, vem do verbo francês *coller*, que significa colar, pegar, aderir. Na arte ocidental, sua origem é atribuída aos pintores Picasso e Braque, em obras realizadas no início do século XX. Foi explorada também por outros artistas do cubismo, dadaísmo e surrealismo (SILVA, 2005).

Na *collage*, ocorre a união de materiais de diferentes origens e universos, como recortes de revistas, fotografias, texturas, tecidos, objetos diversos, pinturas, entre outros, estabelecendo relações entre os fragmentos, para formar uma imagem, uma narrativa ou transmitir uma mensagem. São figuras sobrepostas, unidas, aglomeradas em um movimento de experimentação, que como resultado, propõe um novo sentido, uma nova ideia, a transformação do significado.

Ao propor uma representação não-hegemônica das imagens, o conceito da *collage* vai além de uma concepção simplista do ato de juntar, recortar e colar. Para Fernando Fuão, a *collage*, “é uma anti-linguagem, uma linguagem de violação de códigos” (FUÃO, 2011, p. 10).

No ato de recortar, no olho que vaga pelas superfícies em busca de algo, esse processo de escolha envolve rejeição e aceitação, em um ato intuitivo. No recorte, acontece a descoberta, ao libertar as figuras do retângulo, desfigurando a visão clássica habituada (FUÃO, 2011).

Assim, ao conhecer as imagens de forma profunda, o significado e potencialidade de cada figura não emerge apenas na sua individualidade, mas na maneira como é articulada e conectada com outros fragmentos. Dessa forma, as figuras transbordam sua superficialidade e um novo significado emerge do seu interior.

O encontro das figuras vai depender de uma percepção de semelhanças e dessemelhanças, que nem sempre são claras ou visíveis. Dessa forma, no processo de encontro, acontece sempre uma redescoberta, na conexão de fragmentos, fotografias, espaços, temporalidades e culturas diferentes. A união das diferenças e desigualdades

também dá vazão a ação poética. É possível, portanto, que em uma mesma composição, coexistam diferentes pontos de vista e perspectivas, em uma diversidade de referências perceptivas, que se manifestam no espaço e tempo único de uma *collage*.

No olhar sobre a figura, a *collage* é obra sem fim, e recusa uma só interpretação. O sentido é aberto, fruto do deslocamento, diferente para cada indivíduo. Assim, o conteúdo da imagem está justamente na interrogação que emerge da imperfeição da obra inacabada. Para Fuão,

Collage é indefinição. Conjugação visual. Registro transitório de estranhas coincidências que se configuram em nosso imaginário. Momento passageiro e em contínua transformação. Um olhar que se despeja sobre as imagens, objetos e seres, detectando entre eles toda a sorte de analogias poéticas, com a intenção de provocar um encontro (FUÃO, 2011, p. 51).

Quando utilizada como suporte para analisar o espaço público, a *collage* ganha uma nova dimensão, na busca por ilustrar a *alma* de um lugar. Assim, segundo Pallasmaa, “a cidade é a forma artística da *collage* [...]; nós a experimentamos como uma infinita colagem e montagem de impressões. Fascínio pelo fragmento e pela descontinuidade, bem como uma nostalgia por traços do tempo” (PALLASMAA, 2017, p. 52).

Na pesquisa, as imagens possuem potência investigativa. No processo de experimentação, são capazes de recriar a realidade e revelar outros mundos em sua superfície. Na Vila Belga, o uso das imagens vai além das simples descobertas materiais, permitindo revelar particularidades e singularidades que se escondem em seu cenário urbano e arquitetônico. Essas visualidades, podem desvelar aspectos profundos e significativos que transcendem o tangível e auxiliam na compreensão de um lugar.

Capítulo 3

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, serão apresentados, justificados e detalhados os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa, tanto para coleta quanto para análise dos dados obtidos, com base dos referenciais teóricos escolhidos e nos objetivos do estudo.

O trabalho utiliza como abordagem principal a pesquisa qualitativa. Dessa forma, busca-se maior sensibilidade e atenção ao processo, onde o pesquisador não se coloca distante do objeto, passando a ser instrumento fundamental na investigação. Esse tipo de pesquisa não requer a aplicação de métodos e técnicas estatísticas, pois a análise não pode ser traduzida ou reduzida em números, ou gráficos. O ambiente físico e natural, o objeto de estudo, é a fonte direta para coleta de dados, interpretação de fenômenos e atribuição de significados (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Na abordagem qualitativa o processo de pesquisa é imprevisível, diante das múltiplas possibilidades metodológicas. O resultado são observações profundas e ilustrativas. Além disso, o pesquisador assume que obtém conhecimento parcial e limitado sobre o objeto de pesquisa, diante da impossibilidade de desempenhar uma leitura que compreenda a totalidade daquilo que está sendo investigado (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

Quanto aos objetivos, pretende-se utilizar o método de pesquisa exploratória, que segundo Gil, envolve um planejamento muito flexível, possibilitando a consideração de diversos aspectos relativos ao objeto estudado (GIL, 1991). Dessa forma, a presente pesquisa também irá envolver levantamentos bibliográficos, entrevistas com pessoas que têm relação com o estudo de caso, além de outros métodos de levantamento das características do lugar estudado, configurando em uma abordagem multimétodos.

Nesta pesquisa o uso da imagem foi um importante elemento presente nos procedimentos metodológicos. Além dos textos e elementos escritos, as visualidades e

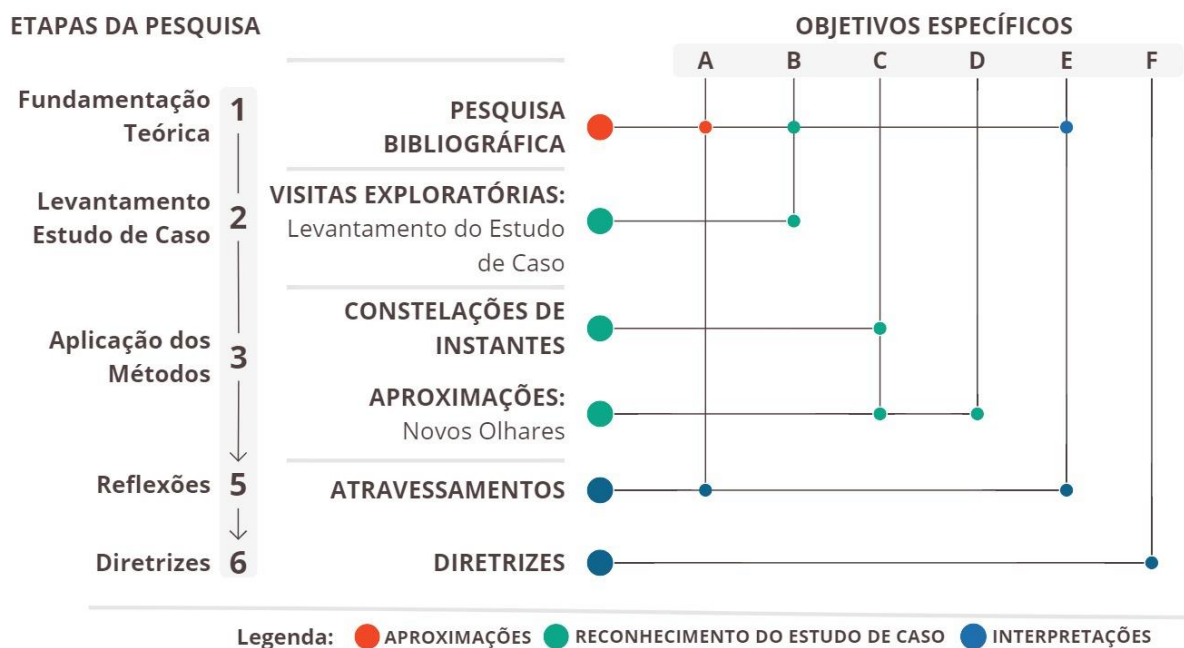
imagens podem ter também a função de formular conhecimentos, disparar discussões e questionamentos (CUNHA, 2015). Configura-se como uma narrativa visual que além da função usual de registro, busca outra possibilidade argumentativa na pesquisa, a fim de ampliar os sentidos durante as experimentações imagéticas durante a trajetória investigativa.

Os percursos adotados partem do desejo de buscar outras maneiras de olhar para o lugar do cotidiano e dos micro-acontecimentos. Durante o processo de descobertas da pesquisa, os procedimentos metodológicos mudaram e se adaptaram às necessidades e realidade do estudo de caso.

3.1. ETAPAS DA PESQUISA

De acordo com a explanação anterior, a estrutura da pesquisa se divide em três momentos principais: 1 – Aproximações Teóricas; 2 – Reconhecimento do Estudo de Caso; 3 – Interpretações. Dessa forma, após a definição dos procedimentos metodológicos, foram definidas algumas etapas principais para orientar os passos da pesquisa, que podem ser observados na Figura 2, que apresenta a relação entre os Objetivos Específicos, Procedimentos Metodológicos e as Etapas da Pesquisa. Dessa forma, o presente trabalho se encontra dividido em seis etapas:

Figura 2: Etapas da Pesquisa



Fonte: Autora, 2023.

Assim, foi possível estruturar e delimitar os próximos passos do estudo, bem como os procedimentos metodológicos utilizados, os quais serão descritos a seguir.

3.2. DESCRIÇÃO DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os procedimentos e atitudes metodológicas adotadas para a realização da pesquisa e alcance dos objetivos propostos comportam:

1) A pesquisa documental e bibliográfica de temáticas que versam sobre a rua e suas dinâmicas de apropriação, as experiências vividas no território e a potencialidade da experimentação com imagens;

2) As Constelações de Instantes, apresentando a cartografia como atitude de pesquisa focada no processo e nas movimentações que ocorrem nos lugares. Bem como o uso da experimentação com imagens, captando os instantes urbanos, as subjetividades, singularidades do espaço;

3) As Aproximações permitem a escuta de outras vozes que experienciam os lugares, além de expandir as visões sobre a utilização da rua de acordo com cada vivência.

São procedimentos que se cruzam para gerar um mapeamento a partir de diversos olhares e perspectivas. O entrelace de métodos buscou múltiplas fontes de informações e diferentes níveis de coleta de dados para obter cartografias capazes de expressar a formação de afetos e produções de significados.

3.2.1. PESQUISA DOCUMENTAL E BIBLIOGRÁFICA

A pesquisa documental e bibliográfica tem o objetivo de contextualizar a pesquisa, compreender os temas que a envolvem e embasar a escolha dos métodos de coleta e interpretação de dados. Como também, auxilia na construção do aporte teórico, passando por diferentes autores e abordagens. Além disso, viabilizará maior compreensão histórica e conceitual dos estudos de caso, contribuindo também para a análise e discussão dos resultados. Segundo Gil, a pesquisa bibliográfica consiste na busca e análise de material já elaborado, como livros, publicações periódicas ou impressos diversos. Esse tipo de procedimento trará aporte para o conhecimento e resolução da questão a partir de várias contribuições científicas e diferentes pontos de vista (GIL, 1991).

3.2.2. CONSTELAÇÕES DE INSTANTES

O método de estudo escolhido inicia com uma observação cuidadosa do local de pesquisa, envolvendo a interpretação tanto de comportamentos, como do espaço físico, ou de estímulos que o corpo capta no ar através dos sentidos e de seus movimentos e ações. As observações buscam o olhar atento sobre os acontecimentos, os sentimentos e sensações que se originaram do espaço. O objetivo é identificar no território, elementos que captaram a atenção, as apropriações, os sujeitos, as pausas, os incômodos, gestos, passagens, ruídos, etc.

Dessa forma, com a intenção de (re)conhecer o lugar a partir da ótica da observadora/ pesquisadora e contemplar o potencial poético urbano da Vila Belga, primeiramente, o método tem como base o modo de pesquisa cartográfica.

A palavra “cartografia” foi registrada pela primeira vez na língua portuguesa em 1839, em uma correspondência. Na época, indicava a ideia de um traçado de mapas e cartas. Atualmente, o significado convencional de “cartografia” é utilizado para indicar representações planas, simplificadas e geométricas da superfície terrestre. Pode ser entendida como uma ciência geográfica que produz e também estuda mapas. Entretanto, na reinterpretação do conceito, surge uma outra cartografia: a representação do subjetivo no mapeamento de territórios em constante transformação.

Para delinear e desconstruir o termo cartografia, é preciso mencionar o primeiro volume de *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* (1995), onde Gilles Deleuze e Félix Guattari reformulam o conceito de cartografia, apresentada não como um método de pesquisa, mas como uma forma de pensar e de acompanhar percursos. É uma experiência voltada para o real, um mapa móvel cheio de significação. Para os autores, ao acompanhar os processos mutáveis, o cartógrafo se nutre de muitas fontes e referências, as quais não precisam ser apenas escritas e teóricas, tudo pode virar matéria de expressão e elementos que podem compor sua atividade. Portanto,

O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 22)

Assim, o modo de fazer cartográfico não se limita a questões técnicas, dados e números, muito menos à racionalidade imposta e ao traçado urbano puramente formal e material. Propõe-se uma outra forma de representação do espaço da rua, das subjetividades, das relações e das a(fe)tividades.

Para Sueli Rolnik, em seu livro intitulado “*Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*”, o percurso da cartografia não possui início, meio e fim. Não possui centro ou contornos. Ele acompanha os movimentos invisíveis e imprevisíveis da cidade, a qual pode se comportar como um objeto de estudo incerto e experimental. Portanto, a cartografia é a prática da micropolítica: não funciona como um mapa que

capta o plano visível, é o reconhecimento de subjetividades, intensidades. Aqui o plano é “pedaço de iminência” (ROLNIK, 2016, p. 62). A prática cartográfica de instantes, registra não só o espaço, mas também os elementos que o compõem, sem descarte ou distinção de valor.

A exploração espacial acompanha os processos e acontece no mesmo momento em que as paisagens psicossociais se modificam — a cartografia é a representação dessas mudanças (in)visíveis. A composição de afetos e sensibilidades não seguem normatizações, é válido tudo o que afeta o corpo vibrátil do pesquisador. Desse modo, o cartógrafo deve estar sempre atento às intensidades, sentindo o estado das coisas a partir de percepções variadas, uma vez que não é possível dissociar sua captação de seu corpo vibrátil (ROLNIK, 2016).

Em um processo de expansão e descoberta, o caminho cartográfico assume diferentes abordagens, ao assumir o próprio corpo como instrumento, em um instante de intensa experimentação espacial e temporal no espaço urbano. Os resultados são múltiplos, narrados no instante do presente. Procura-se exercer a ação de ver, ouvir, sentir e vivenciar atentamente cada detalhe, guiar-se através das experiências que a cidade pode proporcionar (ROCHA et. al., 2017).

A ideia que vincula corpo, cidade e tempo, confere para a prática cartográfica a totalidade da experiência urbana. O cotidiano vivenciado nas ruas deixa marcas e muitas vezes é capaz de definir o sujeito e as apropriações diversas no espaço urbano.

Portanto, a cartografia surge no percurso da pesquisa como uma fundamentação que contribui para a construção de um caminho, ao assumi-la como atitude e não apenas como um método, privilegiando a experiência do processo. Na leitura do estudo de caso proposto nesta pesquisa, propõem-se mapeamentos não apenas sobre o visível do espaço físico, mas também as dimensões do tempo, do espaço, das memórias e dos instantes. O desafio é estabelecer uma outra forma de estudar o espaço público, a partir de uma abordagem não convencional.

A configuração livre do procedimento cartográfico, permite que a construção do método seja realizada durante o processo investigativo. Ressalta-se que a etapa do método cartográfico não se configura como uma coleta de dados conclusiva e reducionista, pois contempla todo processo investigativo da pesquisa. No caminho

cartográfico é preciso conceder espaço para rupturas e transformações na busca de outros meios e concepções. A realidade investigada é complexa em sua pluralidade. Além da relação pesquisador e objeto, o campo de força é formado por outros diferentes sujeitos, materialidades e instituições.

A cartografia acompanha os percursos e processos do “corpo cidade” em contato com o corpo humano. Diferentes dos mapas tradicionais, não busca representar algo visível e permanente. Consiste em uma metodologia aberta, que coloca em evidência questões referentes a subjetividades e sensações, possibilitando experimentações e diferentes procedimentos representativos. Portanto, a cartografia apresentada nesta pesquisa não estabelece um caminho linear para atingir um determinado fim.

Como ação descontínua no tempo, os percursos e trajetos afetivos utilizados como modo de pensar nesta pesquisa, buscam pensar o tempo por uma outra perspectiva. O autor Gaston Bachelard, apoiado nas ideias de Roupnel sobre a temática do tempo e dos instantes, diz que o tempo é descontínuo, onde a realidade temporal é a do instante. Temos consciência da realidade vivenciada no tempo presente, sendo o passado e o futuro dois imensos vazios. Portanto, cada constelação narra um instante (ou um conjunto de instantes) vivenciados no presente, o qual não é possível conservar individualmente, pois ele não perdura, não se repete, sozinho, não configura uma recordação completa: “é necessária a memória de muitos instantes para fazer uma lembrança completa” (BACHELARD, 2010, p. 17). Dessa forma, os instantes se prolongam uns nos outros, como uma costura que não se rompe, inseparável da matéria.

Os instantes, são momentos únicos e densos de experiência, que desafiam a noção convencional de tempo contínuo e podem proporcionar uma compreensão mais profunda do lugar. Esses instantes são marcados por uma concentração de experiências significativas que rompem com a linearidade do tempo e nos proporcionam uma intensa sensação de presença e consciência do momento presente. Assim, a metáfora das constelações surge para dar forma ao agrupamento de imagens, temporalidades, momentos, vivências, sensações e instantes.

Constelações são conjuntos de estrelas visíveis, que foram identificados e nomeados pelos seres humanos ao longo da história. São criações culturais e podem variar de uma civilização para outra. Entretanto, não são estruturas físicas reais no

espaço, mas sim projeções que resultam da perspectiva da Terra em relação às estrelas. Esses agrupamentos permitem a divisão do céu em porções menores, dando ordem ao aparentemente infinito universo, permitindo que a humanidade se situe no espaço e navegue através do desconhecido (REDIN, 2013). As constelações de instantes, concebidas nesta pesquisa, tem como objetivo criar conexão entre imagens e conceitos, assim como as formas imaginadas no céu estrelado.

Portanto, por meio de um caminho subjetivo, foram espacializados mapas do sensível. As interpretações somam experiências vividas em diversos instantes. Nesse contexto, utiliza-se a imagem e as montagens como recurso de raciocínio. Os registros e fotografias são selecionados e agrupados, para dar vasão à narrativa imagética de cada momento, formando constelações de instantes.

Dessa forma, a montagem é o primeiro passo em um processo mais amplo de desvendar o visível. É na remontagem do material visual, e no cruzamento de metodologias, que os significados e interpretação surgem, criando novas narrativas e associações, que podem não estar presentes nas relações originais das imagens.

De acordo com Didi-Huberman, as imagens podem ser retrabalhadas e reconfiguradas, proporcionando novos sentidos durante a remontagem do material visual. Nessa etapa, as imagens são reunidas em constelações e rearranjadas de maneira significativa, a fim de ilustrar a ambiência de cada momento (DIDI-HUBERMAN, 2015).

Assim, o método das constelações de instantes, foi dividido nos seguintes momentos, ilustradas na Figura 3:



Fonte: Autora, 2023.

Em um primeiro momento é realizada a observação atenta, ao voltar a atenção para os acontecimentos que se desenrolam no ambiente, e deixar se envolver por eles e pela atmosfera do lugar. O reconhecimento é a assimilação do território e das emoções,

reações e efeitos que o lugar pode causar no corpo e na mente durante a experiência ativa no ambiente. Assim, o percurso deve ser registrado com filmagens, fotografias, anotações, mapas ou áudios, contendo elementos e situações que chamaram a atenção do observador.

Finalmente, o pesquisador deve coletar todo o material produzido durante o percurso e interpretar o que passou, agrupando os acontecimentos e situações vivenciadas em uma constelação de imagens, completando com os percursos, as paradas prolongadas, as reflexões, as interrupções, os marcos e demais elementos considerados importantes.

3.2.3. APROXIMAÇÕES: NOVOS OLHARES

Durante o processo da pesquisa, as entrevistas são necessárias para buscar múltiplas visões, relatos e memórias de diferentes agentes que vivenciam diretamente ou indiretamente o espaço analisado. O pesquisador e entrevistador, deve ampliar o olhar e a escuta para além do campo visível. No diálogo, expressão e conteúdo são inseparáveis e a experiência é acompanhada por meio da linguagem. A entrevista tem também caráter de intervenção, é um método que precisa ser modulado e direcionado atentamente.

As informações e conteúdos ditos durante a conversa, não são os únicos objetivos da entrevista, uma vez que a mesma intervém na experiência do dizer, criando assim um momento compartilhado, coletivo. O entrevistador precisa ter uma atitude cuidadosa e atenta aos modos de proceder na construção da experiência, uma vez que toda entrevista é produtora de realidades. A condução da conversa precisa ser flexível e aberta, para acompanhar as linhas de intensidade, promover abertura às variações da fala e da linguagem, às multiplicidades e desviar seu fechamento em perspectivas totalizantes, permitindo que o entrevistado vague mais amplamente em seu raciocínio e fale longamente, com suas próprias palavras e com tempo para refletir.

Nesta pesquisa utiliza-se a potência das imagens durante o processo da entrevista. Além do papel de formular conhecimento, as imagens objetivam facilitar o

encaminhamento da conversa, uma vez que possa existir um vínculo existencial e afetivo entre sujeito e material visual, atuando como meio para vincular ideias, memórias, sentimentos e sensações. Acredita-se, assim, que “os acontecimentos são impressos em nossa memória pelas imagens que por sua vez ultrapassam o caráter informativo, ilustrativo, assumindo funções de produzir realidades” (CUNHA, p. 71, 2015).

As entrevistas realizadas na Vila Belga, fazem parte de uma experiência compartilhada que se assemelha mais a um encontro, pois o objetivo é pesquisar juntamente com os agentes do espaço, e não sobre eles. As conversas serão realizadas a partir de questionamentos abertos, que atuam como disparadores para o pensamento reflexivo.

Dessa forma, as entrevistas serão divididas em dois tipos: Escuta (identificando imagens) e a Dinâmica (conduzindo a partir de imagens). Apresentadas no Quadro 1:

Quadro 1: Tipos de Aproximações propostas.

	Com quem?	Objetivo	Formato
Escuta	2 moradores mais antigos que vivenciaram os processos do tempo nos espaços analisados	Escutar memórias, afetos (ou desafetos) e histórias de pessoas que vivenciaram o lugar a mais tempo.	Semiestruturada, com um pequeno protocolo de questionamentos para guiar a conversa.
Dinâmica	3 narradores: Um morador que participa ativamente da comunidade; um pesquisador; um agente público.	Compreender vínculos, afetos e narrativas que surgem da relação que as pessoas mantêm com o espaço da rua. A utilização de imagens funcionará como disparador e impulsionador da conversa.	A Dinâmica utilizará imagens fornecidas pelos entrevistados anteriormente e “cartas” disparadoras para conduzir a entrevista.

Fonte: Autora, 2023.

Nas duas formas de entrevista, o foco está direcionado ao processo e não a coleta de um dado específico, criando espaço para o diálogo aberto para as novas informações que possam surgir. Valoriza-se aqui, não somente as informações geradas durante as conversas, mas o que emerge da experiência que surge de cada encontro.

3.2.3.1. ESCUTA: identificando imagens

A Escuta parte da necessidade de compreender como os lugares analisados suportaram e resistiram a modernização urbana vivida em Santa Maria nas últimas décadas. Uma vez que os moradores antigos carregam relatos e fazem com que as histórias permaneçam vivas em suas falas, o objetivo da Escuta não é captar uma quantidade de informações relevantes sobre a estrutura do lugar ou sobre as mudanças que ocorreram durante o tempo. Também não visa averiguar “fatos” ou validar opiniões. Mas sim, captar, por meio de diferentes vozes, as subjetividades ainda vivas em um lugar que carrega relevante importância histórica e cultural. Podendo assim descrever outros cenários para além dos conhecidos. Outras camadas de sentido no espaço.

Com os relatos verbais, pode-se descobrir o que as pessoas pensam, sentem, fazem, conhecem e experienciam aquele lugar, compreendendo, assim, porque o utilizam, se utilizam e como ele reverbera individual e coletivamente.

Durante a Escuta, a conversa deve seguir em um movimento de abertura na fala e nas experiências. Os questionamentos (Quadro 2) objetivam expandir o diálogo, as lembranças, memórias, afetos e desafetos que surgem da relação humana com o espaço. Para conduzir o processo da Escuta, foram definidos alguns temas e questionamentos centrais. Entretanto, o narrador pode guiar a sua fala para além das perguntas.

Quadro 2: Questionamentos principais durante a Escuta.

TEMA CENTRAL	QUESTIONAMENTO
ESPAÇO FÍSICO	De acordo com o que você lembra, como era o espaço da rua? Você acredita que mudou? A paisagem/atmosfera do lugar sofreu alterações?
APROPRIAÇÃO	Você acha que as pessoas utilizam mais o espaço agora? Ou menos? É diferente a forma como as pessoas interagem com o espaço?
EXPERIÊNCIA:	Tem alguma história/ experiência marcante/ memória deste lugar?

Fonte: Autora, 2023.

Com o objetivo de ilustrar e promover outros tipos de divagações, serão solicitadas imagens dos espaços ou de momentos citados durante a conversa. Na Escuta, as imagens funcionarão como disparadores de instantes, momentos e memórias experimentadas no passado pelos próprios entrevistados, mas que ainda reverberam no presente.

3.2.3.2. DINÂMICA: conduzindo a partir de imagens

O método em questão teve como referência o jogo “S.I.S.M.O: Significações Imaginárias em Movimento”, elaborado durante a Tese de doutorado intitulada “O lugar da poética na docência de projetos nos cursos de Arquitetura e Urbanismo: Imaginário social e educação”, da autora Josicler Alberton. O jogo S.I.S.M.O utiliza as imagens para desencadear o diálogo e a construção de narrativas com os entrevistados da pesquisa (ALBERTON, 2021).

O uso das imagens acontecerá em dois momentos principais: primeiro, serão solicitadas 5 imagens que remetem a Vila Belga de acordo com a percepção do entrevistado, essas figuras irão auxiliar a iniciar a conversa, impulsionando diferentes reflexões sobre o espaço. Têm também o objetivo de compreender um pouco mais sobre qual a relação que o narrador possui com o espaço em questão. Em um segundo momento, serão incluídas “Imagens Disparadoras”, que podem gerar diferentes discussões e conexões.

As Imagens Disparadoras foram divididas em três categorias (Rua, Apropriação, 5 Sentidos) e uma Imagem-Âncora (Vila Belga). As Imagens-Texto pretendem direcionar a fala de forma mais pontual, para que o entrevistado fale sobre os temas pertinentes e dê sua opinião sobre algumas questões centrais da pesquisa. Já as Imagens-Figura pretendem impulsionar divagações mais subjetivas e pessoais, mas que também trazem elementos direcionados para o espaço da rua, suas sensações e relações de uso.

As Imagens Disparadoras são apresentadas no Quadro 3:

Quadro 3: Imagens Disparadoras da Dinâmica.

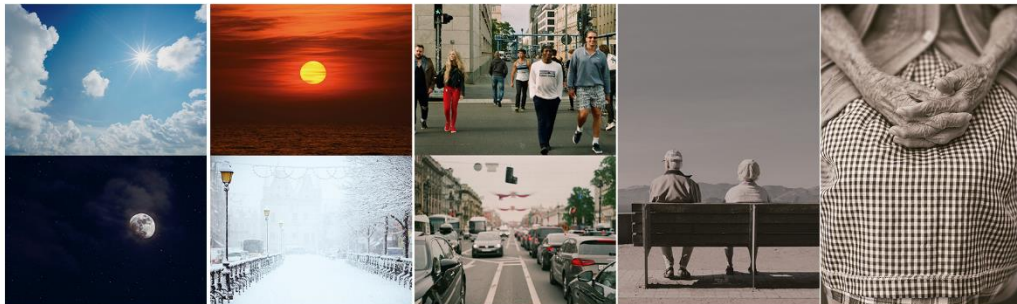
CATEGORIA 01 – RUA

A categoria "RUA" apresenta ao todo 12 Imagens Disparadoras, sendo uma imagem principal, seis Imagens-Texto e cinco Imagens-Figura. Essa categoria tem o objetivo de provocar o narrador a refletir sobre o espaço físico da Rua no Estudo de Caso, passando por alguns pontos principais.

IMAGEM-TEXTO.....



IMAGEM-FIGURA.....



CATEGORIA 02 – APROPRIAÇÃO

A categoria “Apropriação” tem como objetivo instigar o entrevistado a falar sobre as atividades de uso e apropriação realizadas no espaço analisado. Tem ao todo 11 imagens, sendo 1 Imagem principal, cinco imagens-texto e 5 imagens-figura.

IMAGEM-TEXTO



IMAGEM-FIGURA



CATEGORIA 03 – 5 SENTIDOS



As imagens que apresentam os 5 sentidos têm o objetivo de provocar o narrador a refletir sobre o espaço de forma sensorial. Juntamente com as imagens apresentadas anteriormente, será possível relacionar e refletir sobre as sensações que a pessoa tem ao utilizar um lugar.

 IMAGEM ÂNCORA



A Imagem-Âncora tem o objetivo de direcionar a fala do entrevistado para o objeto de pesquisa: a Vila Belga. Dessa forma, quando o assunto parecer desviar do foco principal a Imagem-Âncora poderá ser utilizada, a fim de lembrar o narrador que deverá falar sobre suas percepções especificamente sobre esse lugar.

Fonte: Autora, 2023.

Dessa forma, a Dinâmica divide-se em 5 momentos, apresentados no Quadro 4:

Quadro 4: Momentos da Dinâmica

Momento 1: aproximação	Antes da entrevista, serão solicitadas aos colaboradores 5 imagens que remetem a Vila Belga, e que representem o lugar de acordo com a percepção de cada participante. Podem ser fotografias próprias, de terceiros, produções artísticas, pintura, literatura, etc.;
Momento 2: Preparação	As imagens solicitadas anteriormente serão impressas em formato 15x20cm e levadas no dia da entrevista, funcionarão como facilitadores para iniciar a conversa;
Momento 3: Conversa	No dia da Dinâmica, a conversa se iniciará com indagações e reflexões sobre as imagens impressas, as quais serão distribuídas lado a lado em uma mesa;
Momento 4: Imagens Disparadoras	Quando as reflexões sobre as imagens anteriores parecerem se esgotar, serão incluídas as " Imagens Disparadoras " e a pessoa será convidada a refletir sobre alguns aspectos que podem ainda não ter surgido durante a conversa; primeiramente serão apresentadas as Imagens da categoria "RUA", após as imagens da categoria "APROPRIAÇÃO", e por fim as imagens dos "5 SENTIDOS".
Momento 5: Reflexões	O narrador será convidado a falar sobre as Imagens que preferir, podendo excluir as que ele não considera pertinente. A Imagem-Âncora (Vila Belga) poderá ser utilizada a qualquer momento se o entrevistado desviar do assunto nos momentos de divagação.
Momento 5: Conexões	Por fim, o narrador poderá fazer conexões com as próprias figuras e as imagens disparadoras, relacionando espaço físico e apropriação para responder as reflexões, criando uma montagem própria da associação entre diferentes imagens. As imagens dispostas sobre a mesa serão fotografadas pela pesquisadora para registrar o resultado final.

Fonte: Autora, 2023.

Além das "Imagens Disparadoras", foram formulados questionamentos norteadores para a Dinâmica, os quais não serão perguntados diretamente, mas funcionam como um mapa de descobertas para o entrevistador, caso a conversa tome um caminho inesperado. Dessa forma, foram definidos seis questionamentos

importantes: 1. Como a pessoa utiliza o espaço da rua e com que frequência? 2. Quais diferenças existem em relação ao restante da cidade (atmosfera, escala humana, etc.) 3. Como a pessoa se sente utilizando o espaço da rua; 4. Se a pessoa possui alguma história/ experiência marcante/ memória; 5. Tem algo que a pessoa mais gosta no lugar? Tem algo que não gosta; 6. Existem conflitos ou disputas no lugar?

Capítulo 4

VILA BELGA: CAMINHOS DO PASSADO E TRAJETÓRIAS ATUAIS

Santa Maria, localizada no interior do Rio Grande do Sul, é considerada uma cidade média, com aproximadamente 296.000 habitantes, segundo prévia do Censo Demográfico de 2022, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O município, 288Km distante da capital Porto Alegre, exerce grande influência na região central do estado.

A Vila Belga, localizada no Bairro Centro, é um conjunto residencial de 84 edificações (Figura 4). Destaca-se também a proximidade com a Avenida Rio Branco, importante eixo histórico da cidade, que abriga grande parte do patrimônio histórico e cultural de Santa Maria, composto principalmente por edificações no estilo Art Déco.

Figura 4: Localização dos lugares analisados



Fonte: Google Maps, adaptado, 2022.

A leitura do lugar, apresentada a seguir, objetiva contextualizar aspectos e singularidades fundamentais do estudo de caso, como histórico, particularidades do entorno urbano e características arquitetônicas.

Para compreender o contexto em que a Vila Belga surgiu, e como passou a possuir valor histórico e cultural para a população do município em que está localizada, o levantamento sobre momentos do passado e acontecimentos relevantes de uma outra época, tornam-se tão importantes quanto as análises nos dias atuais. Uma vez que apresentam histórias e memórias que ainda emergem no cotidiano de quem visita e vivencia os lugares. Surgem tanto das materialidades e arquiteturas ainda preservadas, como também das histórias dos moradores mais antigos e práticas sociais realizadas no espaço da rua.

Para Tuan, uma cidade não ganha notoriedade histórica apenas por ocupar o mesmo sítio por uma grande quantidade de tempo. Portanto, para que produzam impacto também no presente, os acontecimentos passados necessitam ser registrados não apenas em livros, monumentos e fotografias, mas também em atividades festivas, onde a comunidade pode fazer parte de tradições passadas por gerações de cidadãos. Dessa forma, as novas gerações “podem se inspirar e recriar sua imagem de lugar.” (TUAN, 1983, p. 193).

Na dimensão temporal complexa das cidades, as materialidades presentes na realidade espacial, são resultantes de processos sociais e históricos que se acumulam ao longo do tempo e se expressam na situação presente. Analisar o território, considerando seu passado, permite que se possa compreender a essência do lugar, as marcas e os indícios que constituem a história (ou as histórias) do território. Dessa forma, buscam-se valores, coletividades, disputas internas e externas que constituíram o lugar, que foram capazes de deixar marcas, heranças e patrimônios (REYES, 2015).

No território utilizado, a dimensão processual é mais significativa que a dimensão formal. A carga histórica que marca a cidade abriga vestígios do passado, os quais estão presentes na vida dos cidadãos, que convivem com eles, e constroem coletivamente através das relações que são formadas no território, criando assim uma dimensão temporal complexa, onde o passado pode ser encarado como uma representação, uma abstração. Para Reys,

Simulando a trajetória de uma cidade, parte-se do princípio que a cidade presente teve sua origem na formação e constituição de um grupo populacional, que se organizou, foi desenvolvendo suas práticas e marcando sua presença num determinado território, enfrentando todos

os fatos que ocorriam. No desenrolar do tempo, gerações foram readaptando, criando novas formas de adequação de vida nesse território, em razão de novas práticas sociais, desenvolvendo novas funções, num processo de ocupação do solo urbano que se traduziu num conflito entre o construir e o destruir (REYES, 2015, p. 49).

Dessa forma, as camadas presentes hoje na paisagem da Vila Belga, vão além dos elementos fixos. Incluem também as movimentações dos usos e das dinâmicas econômicas e sociais vividas pelo espaço através do tempo. A consolidação da Vila como o lugar conhecido atualmente, foi dividida nesta pesquisa em 2 momentos principais: O primeiro momento, intitulado “Santa Maria, a Ferrovia e a Vila”, diz respeito à formação e construção do espaço influenciado pela atividade ferroviária, bem como as consequências do declínio da mesma. Em seguida, “O lugar Vila Belga”, objetiva apresentar o estudo de caso em sua totalidade, refletindo sobre aspectos materiais e subjetivos que influenciam na apropriação das ruas da Vila.

4.1. SANTA MARIA, A FERROVIA E A VILA

O passado da Vila Belga é marcado por momentos significativos, destacados em uma linha do tempo (Figura 5). Primeiramente, a chegada da ferrovia à cidade de Santa Maria, influenciou a construção do lugar. Por muito tempo, a atividade ferroviária promoveu a apropriação e uso das ruas da Vila. Contudo, o encerramento dos trens de passageiros causou grandes impactos no espaço. Mesmo assim, diante da sua importância cultural e patrimonial, a Vila foi tombada em 1997. O surgimento de alguns eventos, como o Brique da Vila Belga, contribuiu para preservar e promover a apropriação das ruas desse lugar histórico.

Figura 5: Linha do tempo da Vila Belga.



Fonte: Autora, 2023.

A consolidação do território analisado nesta pesquisa ocorreu entre o final do século XIX e início do século XX. Nesta época, o Brasil ainda era um país com população residindo majoritariamente na região rural. A partir de 1930, a indústria passou a possuir um papel importante no povoamento das cidades, gerando um atrativo para grande parte dos trabalhadores rurais, que passaram a abandonar o campo em direção às cidades, elevando significativamente o número de pessoas que residiam na área urbana.

Em Santa Maria, os indígenas minuanos e tapes foram os primeiros habitantes da região. O surgimento da cidade, aconteceu por volta de 1797, quando militares portugueses da 2 Subdivisão Demarcadora de Limites, acamparam em um território, formando um trecho de rua conhecida posteriormente como Rua São Pedro e, finalmente, rua do Acampamento. Mas foi só em 1858 que o município se emancipou politicamente, e apenas em 1876 foi elevada à categoria de cidade, pela Lei Provincial número 1013 (SCALABRIN, 2011).

As atividades industriais, econômicas e o contexto social vivido na época, influenciaram diretamente a configuração espacial urbana, principalmente a constituição da rede ferroviária no estado do Rio Grande do Sul. Em 1872, foi proposto ao governo imperial um projeto de rede ferroviária, que além dos objetivos econômicos visava ocupar áreas de baixa densidade populacional no estado, assim como a intenção estratégica de segurança das fronteiras internacionais. A chegada dos trilhos para a Viação Férrea em Santa Maria ocorreu no ano de 1885. A rede ferroviária sul-rio-grandense tinha três linhas

principais: Porto Alegre-Uruguaiana, Rio Grande-Bagé e Santa Maria-Marcelino Ramos (MELLO, 2010).

A atividade ferroviária se expandiu durante o período de 1885 até 1905. A partir de 1898, Santa Maria passou a ser um importante centro ferroviário, tornando-se o ponto de cruzamento de todas as linhas férreas, exercendo muita influência no desenvolvimento econômico, social e cultural do interior do estado (MELLO, 2010).

O edifício original da Estação Férrea de Santa Maria foi inaugurado aproximadamente em 1900. Inicialmente existiam apenas o prédio central, com dois pavimentos e um anexo térreo a leste, que já não existe mais. Os edifícios da Estação passaram por várias modificações ao longo dos anos. Nas Figuras 6 e 7 é possível observar o largo da Estação Férrea, o edifício central e os anexos. Além disso, destaca-se a presença de veículos de tração animal, responsáveis pelo transporte de mercadorias e passageiros.

Figura 6: Largo da Estação em 1900.



Fonte: NPPHF - Núcleo de Preservação e Pesquisas Histórico-Ferrovárias.

Figura 7: Estação Ferroviária em 1914.



Fonte: Acervo Arquivo Histórico de Santa Maria.

Em 1907, encontrava-se em processo de construção a Vila Belga, um dos primeiros conjuntos habitacionais do Brasil, idealizado pela empresa belga '*Compagnie Auxiliaire des Chemins de Fer au Brésil*' para os seus funcionários que trabalhavam em atividades relacionadas a ferrovia (MELLO, 2010).

A Vila é um dos primeiros conjuntos habitacionais operários do Rio Grande do Sul. As habitações não foram construídas para os trabalhadores dos mais altos escalões, mas tinham em vista abrigar funcionários com alguma posição de destaque administrativo

dentro da empresa, como maquinistas, engenheiros, capatazes, fiscais, inspetores, entre outros.

Na época em que foi construída, a relação entre trabalhadores e seus chefes de classes superiores eram bem delimitadas nessas estruturas, e a proximidade dos operários com o local de trabalho assegurava maior controle, ordem e produtividade. Entretanto, o objetivo das construções não era segregar e separar as residências do restante da cidade: as vias traçadas incorporaram o traçado urbano existente e a proximidade com a Avenida Rio Branco e com a região central demonstra a intenção de integração (BLOIS, 2018). Na Figura 8 é possível perceber o traçado das ruas da Vila Belga, bem como sua proximidade com a Avenida Rio Branco e a Estação Férrea.

Figura 8: Planta da cidade, provavelmente na década de 1930.



Fonte: Mello, 2002, adaptado.

A Avenida Rio Branco (Figura 9 e 10) se tornou o principal eixo de ligação da ferrovia e o centro urbano. Seu surgimento e história foram consolidados bem antes da construção da Vila Belga. Em 1819, a Avenida já possuía três ou quatro quadras e era conhecida como Rua General Pinto Bandeira. Posteriormente, recebeu outras denominações, como Rua do Coronel Valença e Avenida Progresso (SILVA, 2014; BLOIS, 2018).

Em 1912, para amparar o crescimento da atividade ferroviária e as mudanças no cotidiano da região, a Avenida Rio Branco foi alongada e duplicada com o objetivo de criar

um eixo sul-norte, conectando o núcleo urbano com a ferrovia. Dessa forma, criou-se uma via urbana larga, composta por várias pistas e dois sentidos de trânsito, com canteiro central arborizado, inspirada e influenciada nos modelos e práticas urbanísticas europeias e na lógica de práticas urbanísticas higienistas.

Figura 9: Avenida Rio Branco.



Fonte: Acervo Casa de Memória Edmundo Cardoso.

Figura 10: Vista da Av. Rio Branco em 1930.



Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria.

Além das mudanças estruturais na Avenida, com o desenvolvimento das atividades ferroviárias e a demanda gerada pelo grande fluxo de transporte de cargas e pessoas, houve o crescimento dos setores comerciais e hoteleiros. (SILVA, 2014). Nesse contexto, a Avenida passou a ser palco de diferentes atividades e desempenhar diversas funções. No lugar que se tornou um ponto de encontro para os habitantes da cidade, aconteciam passeatas cívicas, manifestações políticas, desfiles temáticos, carreatas, comemorações de datas importantes, etc.

O movimento na região era impulsionado também por edifícios de usos comerciais e administrativos localizados na Vila Belga, como a Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul Limitada (CCEVFRGS).

A CCEVFRGS, criada em 1913, teve sua sede inaugurada na Rua Manoel Ribas em 1932, e proporcionou diversos benefícios à categoria dos ferroviários, como a oferta de serviços e produtos relacionados a alimentação, saúde e educação. A Cooperativa formou uma rede que abrangia grande parte do Estado, com filiais em diversas cidades.

Na Figura 11 é possível compreender um pouco o cotidiano do lugar, influenciado pelos serviços oferecidos na Cooperativa. A aglomeração de pessoas nas calçadas, ao redor dos edifícios comerciais, fazia parte da dinâmica do local.

Figura 11: Cooperativa na década de 1950.



Fonte: Acervo Jonatas Vargas.

Em Santa Maria, a instituição foi responsável pela construção de importantes edifícios atrelados aos núcleos de trabalhadores ferroviários, como as Escolas de Artes e Ofícios Masculina e Feminina e a Casa de Saúde. Na Vila Belga, além da sede da Cooperativa, foram construídos também um aparato de armazéns (Figura 12), farmácia, açougue e uma padaria (Figura 13). Dessa forma, os moradores possuíam no local a oferta de serviços essenciais à comunidade, que supriam as demandas básicas do dia a dia.

Figura 12: Edifícios da COOPFER, em 1953.



Fonte: Ipatrimônio. Disponível em: <https://www.ipatrimonio.org/>

Figura 13: Padaria e Fábrica de massas.



Fonte: Mello, 2002.

Situada a norte da cidade, a Vila concentra um pouco mais de dois quarteirões. O primeiro é compreendido pela Av. Rio Branco e Ruas Manoel Ribas, Dr. Wauthier e Ernesto Beck, o segundo pelas Ruas Manoel Ribas, André Marques, Ernesto Beck e Dr. Wauthier, e ainda nos prolongamentos das Ruas André Marques e Dr. Wauthier. Aos fundos encontra-se o Largo da Gare da Estação Férrea.

O conjunto com 84 residências foi projetado pelo engenheiro belga Gustave Wauthier, que trabalhava para a empresa responsável. Após a finalização da primeira etapa de construção, que durou cerca de um ano, mais residências foram construídas, tendo-se registros de algumas entregues até o ano de 1954.

A malha regular proposta e a volumetria edificada bem alinhada expressam rigidez e estabilidade. A Figura 14, representa um levantamento realizado em 1920, onde é possível identificar as 84 residências projetadas por Wauthier, além do traçado das ruas e os lotes.

Figura 14: Levantamento realizado em 1920.



O mapa faz parte de um levantamento de 1920, uma década após a construção da Vila. É o registro cartográfico mais antigo do conjunto arquitetônico edificado. No documento, é possível observar a malha regular das ruas, como também a conexão direta que existia com a Estação Férrea, ao final da Rua Doutor Wauthier, onde hoje existe a sede da Cooperativa. Além disso, destacam-se as casas que foram demolidas, para dar origem ao Clube dos Ferroviários.

Fonte: Blois, 2018. Adaptado.

Originalmente, as calçadas eram pavimentadas, mas o trecho central das ruas não possuía calçamento, para que o barulho das rodas das carroças movidas por tração animal (meio de transporte habitual da época) não perturbasse os moradores, (Figura 15 e 16). Posteriormente, com a utilização de veículos motorizados, as ruas foram calçadas com paralelepípedos.

Figura 15: Vila Belga na década de 1910 (na atual Rua Manoel Ribas)



Fonte: MELLO, 2010.



Fonte: Acervo Casa de Memória Edmundo Cardoso.

O conjunto arquitetônico de característica eclética e elementos de inspiração *Art Nouveau*, construídas sem afastamento frontal, com abertura diretamente para a calçada, constituem-se em edificações térreas, geminadas duas a duas, com recuos laterais e pátios ao fundo. Destaca-se a diversidade de tipos e tamanhos das unidades residenciais: originalmente existiam sete tipologias de planta-baixa com três variações. Nas diferentes tipologias existem três possibilidades de acesso: frontal, junto ao passeio público; pela fachada lateral; pelos fundos do bloco principal, os dois últimos acontecem pelo afastamento lateral no lote.

Além de diferentes posicionamentos de acessos e esquadrias, a modenatura (conjunto das molduras e da ornamentação na elevação) não se repete em nenhuma edificação geminada. Portanto, observam-se quarenta e duas fachadas com detalhes diferentes, possibilitando individualidade às habitações, mesmo diante da unidade do conjunto (BLOIS, 2018).

Gustave Wauthier, inspirou-se em modelos de vilas operárias europeias. Na época havia a necessidade de construção de habitações com nível de salubridade e higiene satisfatório, diferente dos grandes aglomerados de famílias que viviam situações precárias (BLOIS, 2018).

As habitações apresentam técnicas construtivas mistas, com as paredes principais (externas e algumas internas) em alvenaria de tijolos maciços rebocada e, divisórias internas de madeira, o que favorecia a adaptabilidade dos ambientes de acordo com as necessidades de cada família. Os pisos de madeira eram afastados do solo e ventilados por meio de “gateiras” na fachada principal. Os telhados, originalmente de telhas de barro, em duas águas com cumeeiras paralelas ao passeio e calhas metálicas no alinhamento do terreno (BLOIS, 2018).

Até a década de 1950, mesmo enfrentando dificuldades, a malha ferroviária se expandiu, os trens eram o principal meio de transporte no Brasil. No entanto, a década de 1960 marcou uma mudança significativa com a progressiva inversão de investimentos e incentivos, desviando o foco das ferrovias para as rodovias. Durante o governo do ex-presidente Juscelino Kubitschek, houve preferência pelo modal rodoviário, resultando na construção de novas vias. Como resultado, o número de passageiros de trens passou a ser cada vez menor, e a década de 1990 foi decisiva para complementar o processo de

desmobilização, com diversas concessões e privatizações de empresas que atuavam na área.

Em 1996 o último trem de passageiros embarcou na cidade de Santa Maria (Figura 17). A diminuição do transporte de cargas e extinção do transporte de passageiros acarretou a degradação das edificações da CCEVFRGS.

Figura 17: Circulação de pessoas na Gare, em 1996.



Fonte: NPPHF - Núcleo de Preservação e Pesquisas Histórico-Ferrovárias

As transformações foram impactantes para a cidade de Santa Maria, devido à importância histórica, econômica e cultural das atividades e edifícios da Cooperativa. Com o passar do tempo, algumas dessas edificações foram ocupadas e recuperadas pela prefeitura ou pela iniciativa privada, outras ainda se encontram em estado de abandono (MELLO, 2010).

Outro fator que impulsionou as mudanças urbanas e econômicas de Santa Maria foi a instalação da Base Aérea (BASM) e da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), ambas na década de 1960 e localizadas a leste do município, distantes do núcleo urbano, diversificando a configuração urbana da cidade.

No desenvolvimento urbano da cidade de Santa Maria, a ferrovia se tornou um marco simbólico e significativo. Tanto o ambiente físico, quanto o imaginário local, impulsionam no presente ações, eventos e sentimentos que muitas vezes evocam o passado (MELLO, 2002). Dessa forma, os simbolismos presentes nas ruas da Vila Belga não se desvinculam da história dos trilhos da Viação.

Para Mello, a partir do complexo ferroviário em Santa Maria, surgiu uma configuração espacial e social única, constituindo uma comunidade estruturada e equilibrada, resultado do esforço coletivo e da capacidade de organização de ideias baseadas no cooperativismo, que aos poucos, as circunstâncias econômicas, políticas e institucionais desequilibraram (MELLO, 2010).

Ao passo em que a ferrovia foi perdendo a importância, o declínio das atividades ferroviárias era cada vez mais evidente, ocasionando em modificações no cotidiano ao redor da Vila Belga. Além disso, a partir de 1990, os moradores das residências precisaram começar a pagar o aluguel das moradias, (anteriormente o morador pagava apenas uma taxa proporcional ao seu salário). Após esse período, o padrão dos moradores também mudou, abrigando não apenas famílias de trabalhadores ferroviários.

Em 1988, a Lei Municipal 2983/88 reconheceu a importância do lugar e passou a considerar a Vila Belga patrimônio histórico e cultural de Santa Maria. O conjunto tombado incluiu os seguintes prédios: Estação Férrea; Colégio Manoel Ribas; Vila Belga e prédios da COOPFER (Cooperativa dos Funcionários da Ferrovia). Em agosto de 1997, pelo decreto executivo 161/97, foi oficializado o tombamento definitivo. A normativa desse tombamento compreende a preservação da volumetria das casas, principalmente àquelas elevações mais visíveis e voltadas para a rua.

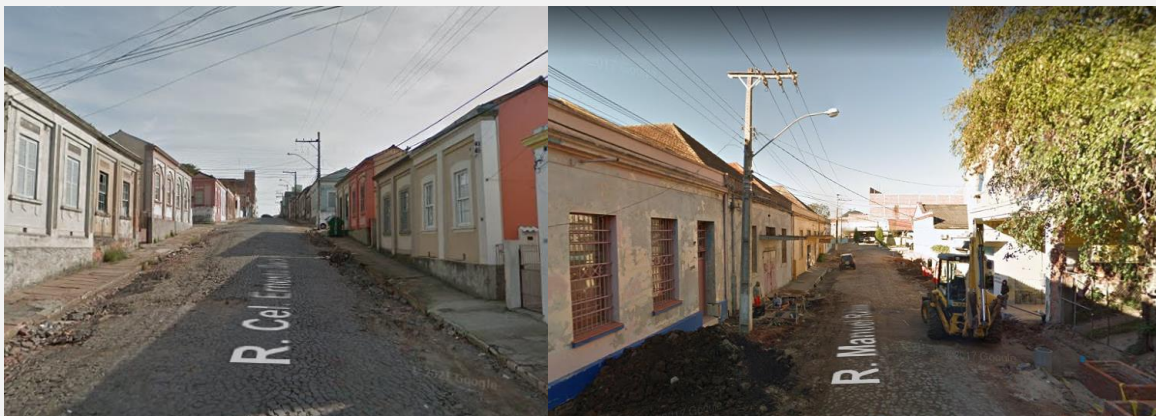
A normativa previa também a retirada do asfalto implementado nas vias pela prefeitura anos antes, para que a pavimentação de paralelepípedos pudesse ficar evidente. Além disso, os ônibus urbanos também deixaram de passar pelas ruas da Vila Belga, após reclamação dos moradores, devido ao barulho e impacto que causavam.

No início dos anos 2000, o estado de conservação de algumas casas era precário. Nesse contexto, destaca-se a importância do tombamento e valorização patrimonial do lugar, reconhecendo e protegendo o conjunto urbano. A conservação, de interesse público, garante que a história possa permanecer presente no imaginário dos habitantes e gerações futuras. Assim, ocorreu o restauro e pintura das fachadas pelos moradores. Para cada residência foi determinada uma cor específica.

Em 2011 a prefeitura realizou algumas obras que objetivavam a recuperação do espaço. O projeto incluía a criação de rampas de acessibilidade e melhorias nos passeios

públicos e na pavimentação, pintura das residências, construção de totens de entrada com a história da Vila Belga, instalação de postes de iluminação com fiação subterrânea (Figura 18).

Figura 18: Vila Belga em 2011, durante intervenções realizadas pela Prefeitura.



Fonte: Google Maps, 2011.

Após a realização das reformas urbanas, o espaço passou a atrair cada vez mais turistas. A paisagem de casas coloridas, semelhante a um cenário, modificou a imagem do lugar e passou a ser um fator de atração. O aspecto visual foi explorado também pelo poder público, uma vez que na cidade contemporânea, os espaços históricos podem atuar como componentes importantes para o desenvolvimento econômico de uma região (SILVA, 2004).

O Brique da Vila Belga surgiu em 2015, idealizado e organizado pelos próprios moradores. O evento que acontece duas vezes por mês, aos domingos, potencializou a apropriação na rua, principalmente durante sua realização, como também mudanças importantes na dinâmica do lugar. Em 2020, a Vila obteve tombamento estadual por meio do Instituto do Patrimônio Histórico, Artístico e Arquitetônico do Estado (IPHAE), ganhando ainda mais relevância cultural na cidade.

4.2. O LUGAR VILA BELGA

O *lugar* Vila Belga, (re)conhecido nos dias atuais, vivenciado por moradores e visitantes, é consequência direta dos acontecimentos do tempo passado. As diferentes

temporalidades presentes no espaço estão gravadas tanto nas materialidades, como nas subjetividades invisíveis em um primeiro momento. Ao demorar-se no lugar as imaterialidades ficam expostas, assim como a sua importância histórica e cultural.

Os elementos que fazem da Vila Belga um espaço único e singular na cidade de Santa Maria, além da importância histórica e cultural que carrega, são os detalhes de sua paisagem, as cores, texturas, escala e tudo que a individualiza. Tudo isso confere uma imagem de conjunto ao lugar. Segundo Cullen, “se estivermos atentos ao detalhe, e habituarmos o olhar a saber ver o pormenor, o mundo construído torna-se mais interessante, e ganha em qualidade” (CULLEN, 1983, p. 65). Dessa forma, reconhecer o ambiente construído e suas características principais torna-se importante para compreender a importância que ele constitui.

Os lugares oferecem diferentes maneiras e possibilidades de apreensão. Os aspectos físicos não são identificados necessariamente de forma empírica, entretanto, influenciam diretamente no tipo de experiência que se pode ter vivenciando um espaço. Dessa maneira, para Kohlsdorf, a forma dos lugares é um importante meio de difusão de informação para a realização do conceito de espaço, principalmente a partir dos seus elementos visualmente relevantes (KOHLSDORF, 1996).

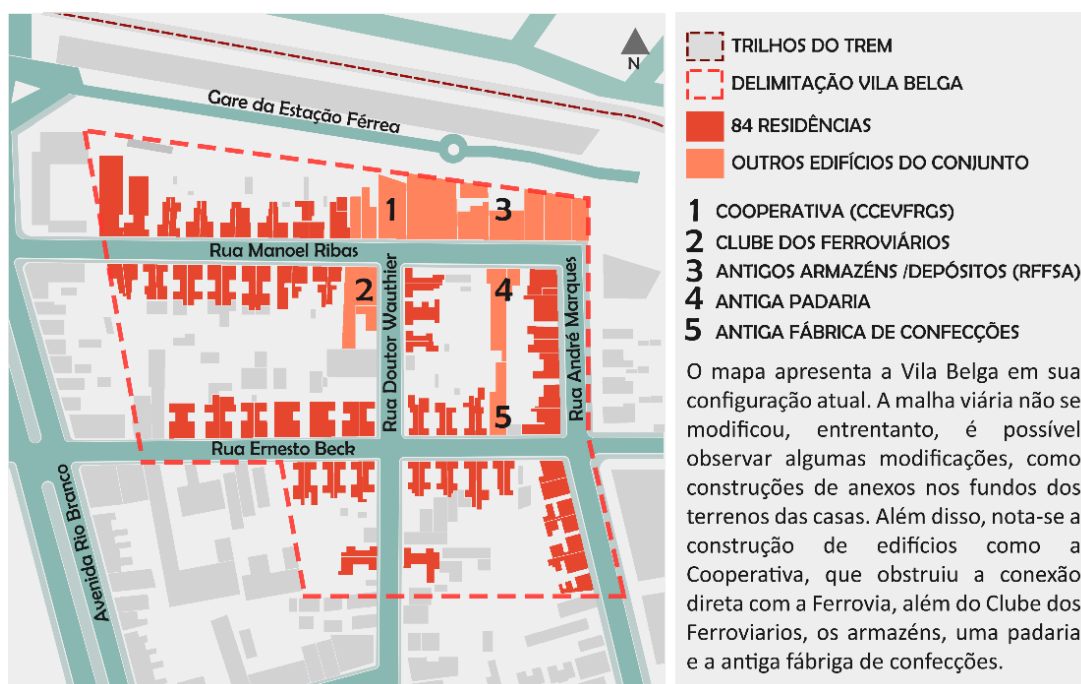
O olhar sobre a forma urbana torna-se necessário para compreender as dinâmicas do tempo presente. Para compreender melhor as características de um recorte da cidade, é preciso contemplar a totalidade do conjunto. Para Santana e Tângari, o olhar sobre os elementos morfológicos da cidade, é o instrumento que reúne as imagens fragmentadas, reconhecidas pela percepção humana, e as monta em um todo repleto de significado (SANTANA; TÂNGARI, 2003).

Dessa forma, perceber a Vila Belga em sua totalidade, pode revelar características relevantes para a compreensão das formas de apropriação da rua, muitas vezes influenciadas pela morfologia e arquitetura do espaço.

Além disso, torna-se possível visualizar modificações importantes no lugar. Visíveis ou não, as transformações refletem as relações do espaço com seus respectivos usuários. São permanências e ausências de arquiteturas, pessoas, hábitos e condutas. Nas edificações, a ação do tempo transparece.

Assim, as modificações e apropriações realizadas tornam-se mais visíveis e identificáveis nas arquiteturas presentes. Na Figura 19, é possível observar as modificações realizadas no conjunto. Além das 84 residências, construídas para abrigar os trabalhadores da Estação Férrea, passaram a existir novos edifícios, que abrigavam outras funções, como atividades comerciais e de serviços. Esses edifícios se concentraram na Rua Manoel Ribas, criando um centro comercial importante tanto no passado, como nos dias atuais.

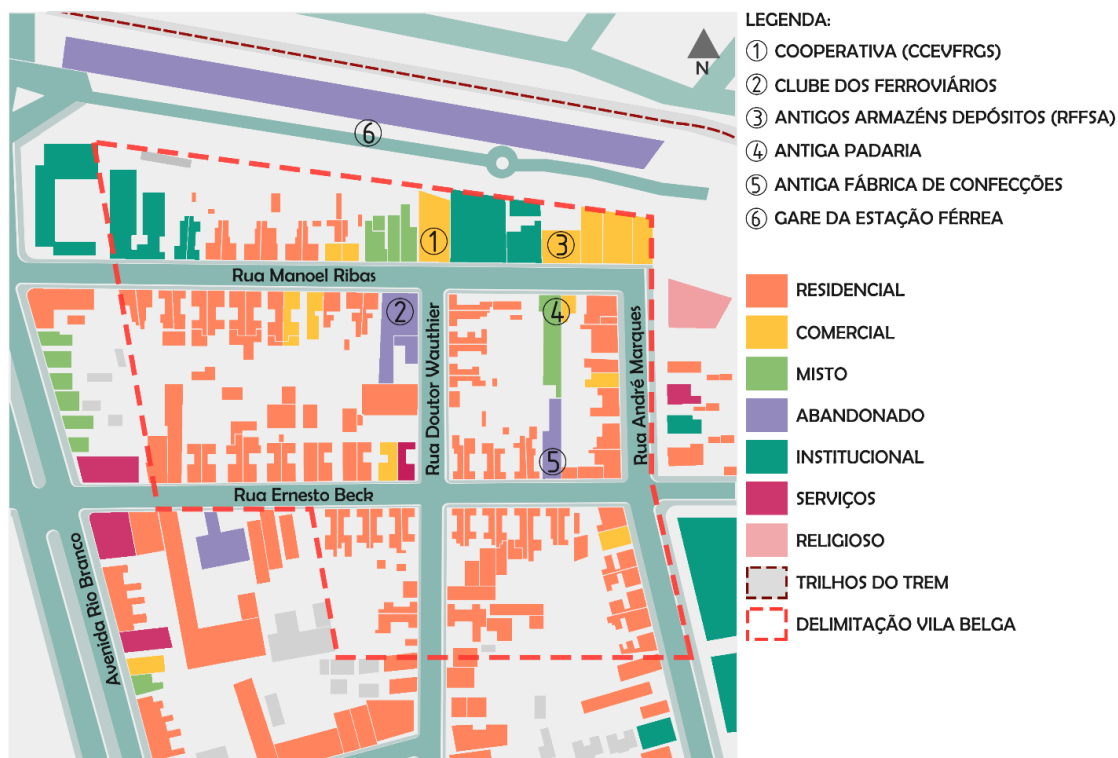
Figura 19: Mapa atual da Vila Belga.



Fonte: Google Maps, adaptado, 2023.

O mapa apresentado a seguir (Figura 20), reflete a dinâmica de usos da área, que ainda tem característica majoritariamente residencial. Entretanto, com as mudanças econômicas da região, e principalmente transformações nas dinâmicas de trabalho dos moradores, que antes estava vinculada diretamente com as atividades ferroviárias, muitas residências sofreram alterações para abrigar atividades comerciais ou de serviços.

Figura 20: Mapa de Usos.



Fonte: Google Maps, adaptado, 2023.

Destacam-se alguns edifícios importantes, que integram o conjunto edificado da Vila Belga, e que se adaptaram às novas necessidades e interesses do lugar: como a Cooperativa (1933), os armazéns e a antiga padaria. O primeiro, após o encerramento das atividades da ferrovia, ficou desativado por um tempo, servindo apenas como depósito. Atualmente o edifício foi reformado e abriga restaurantes. Os armazéns continuaram em funcionamento, entretanto também sofreram alterações de uso: agora abrigam espaços comerciais, como o Museu do Azulejo e o Empório da Relíquia. Já a antiga padaria da Vila, passou a funcionar como residência no segundo andar, e comercial no térreo (Figura 21).

Figura 21: Edifícios com diferentes usos.



Fonte: Autora, 2023.

Infelizmente, alguns elementos significativos do passado santamariense, como a Gare da Viação Férrea, que faz parte do sítio tombado em conjunto com a Vila Belga, se encontra em estado de abandono após o encerramento da circulação de passageiros na rede ferroviária.

Mello, reforça a importância da ferrovia e da Vila para o espaço social de Santa Maria. Para o autor,

A ferrovia com seus prédios, materiais, estruturas e sons característicos, a Vila Belga e a CCEVFRGS, com seus lugares e valores culturais, constituíram-se não só em marcos referenciais de uma época como também em símbolos de dinamismo, de capacidade de organização e produção (MELLO, 2010, p.114).

Após a paralisação dos trens de passageiros, o antigo prédio da Associação dos Empregados da Viação Férrea, também conhecido como Clube dos Ferroviários, continuou funcionando como um clube recreativo, onde ocorriam festividades

organizadas pelos moradores da Vila. O edifício, tombado como patrimônio histórico, encontra-se em estado de abandono, assim como a antiga Fábrica de Confeções (Figura 22).

Figura 22: Edifícios em situação de abandono.



Fonte: Autora, 2023.

O abandono de alguns edifícios na Vila Belga e da Gare da Estação fazem parte de um momento histórico complexo, onde as mudanças sociais e econômicas ocasionaram o desligamento das funções anteriormente realizadas. Dessa forma, os edifícios sem uso se tornam um desperdício de espaço e recursos, afetando negativamente a região. Entretanto, existem iniciativas e projetos em andamento, que visam recuperar a Gare da Estação Férrea e o Clube dos Ferroviários.

4.2.1. A Casa e o Quintal

As casas, construídas no limite do terreno, alinhadas umas às outras sem recuo frontal, criam uma relação de proximidade entre espaço público e privado, dentro e fora. As fachadas contínuas criam uma sensação de conjunto e homogeneidade de formas e texturas. Para Voguel e Mello, rua e casa são elementos opostos: a rua representa o público, o formal e o visível, já a casa simboliza o privado, o informal e o invisível. São códigos socialmente compreendidos de forma diferentes (VOGUEL; MELLO, 1981).

Na Vila é possível observar a relação do edifício com a rua, também por meio de suas aberturas. Segundo Voguel e Mello, as portas e janelas possuem uma gama de significados. Além da função primária de servir para iluminar e ventilar as casas, através das janelas, é possível comunicar-se e observar o que se passa na rua, contemplando diferentes comportamentos e atividades. Nesse contexto, o morador é espectador e ator diretamente envolvido no espetáculo.

Assim, os elementos arquitetônicos de uma rua podem ter um papel definitivo na apropriação dos moradores. As portas e as janelas na Vila Belga desempenham um papel importante para a atmosfera do lugar. Desde a concepção, pensadas como elementos que poderiam trazer individualidade, na medida em que diferem umas das outras.

A soleira da porta é o limiar entre a casa e a rua, e também desempenham outras funções. Na Vila Belga, é utilizada como um espaço para sentar, contemplar e conversar. Já na calçada, colocam cadeiras de abrir, normalmente junto a porta. As garagens, oficinas, ateliês e outros espaços de serviços podem auxiliar na proximidade do espaço externo. Dessa forma, “quanto mais portas se abrem para a calçada, tanto mais completamente o espaço público é passível de apropriação pela casa” (VOGUEL; MELLO, 1981, p. 54).

As aberturas viradas diretamente para a rua, intensificam o olhar do morador para a calçada, auxiliando na segurança de todos. Jane Jacobs, destaca a importância dos “olhos da rua”, pessoas que utilizam o espaço público ou costumam observá-lo de suas casas, e naturalmente resguardam o lugar (JACOBS, 2007). Entretanto, as janelas com grades na parte externa impossibilitam a proximidade com a rua e os pedestres, bem como a altura em relação à calçada. Esses detalhes arquitetônicos podem tornar o espaço

interno mais seguro, entretanto afastam “os olhos da rua” da vigilância natural do exterior, e impossibilitam algumas formas de uso das janelas.

Além da disposição das casas perpendiculares à rua, nota-se que, nos terrenos, formam-se quintais normalmente aos fundos. O quintal, assim como os afastamentos laterais em casas geminadas, representa o privativo. Possibilitam certa privacidade e isolamento, bem como facilitam a ventilação da residência.

Dessa forma, o quintal representa o espaço externo, de acesso restrito a “pessoas da casa”, expondo uma outra dimensão da vida cotidiana, que normalmente se mantêm escondida, mesmo que o espaço possa ser visualizado do “lado de fora” (VOGUEL; MELLO, 1981).

Na Vila Belga existem quintais visíveis e invisíveis, fechados com grades ou muros. Na Figura 23, é possível observar os morros localizados ao norte da cidade, visível por entre o quintal da residência que abriga a Associação dos Moradores Ferroviários da Vila Belga. Já na segunda imagem, o portão forrado com placas de ferro, demonstra o desejo de manter o espaço privado inacessível aos olhares de desconhecidos.

Figura 23: Diferentes quintais da Vila.





Fonte: Autora, 2023.

Alguns moradores utilizaram o espaço do quintal para construir anexos para garagens, depósitos ou espaços recreativos. Dessa forma, muitos se resguardam na vida privada do quintal e o utilizam como espaço de lazer. Conseqüentemente, muitas vezes a vida cotidiana da Vila Belga se “esconde” dos olhares externos.

4.2.2. A Rua e a Paisagem

As ruas Manoel Ribas, Ernesto Beck, Doutor Wauthier e André Marques compõem a Vila Belga (Figura 24). São ruas que, dentro do perímetro da Vila, desempenham majoritariamente a função de passagem para moradores, turistas, visitantes ou trabalhadores da região.

Figura 24: Ruas de acesso.



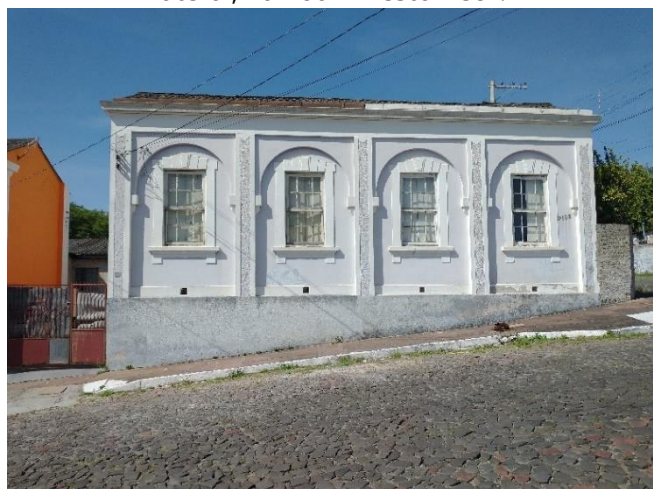
Fonte: OpenStreetMap, adaptado, 2023.

As 4 ruas possuem diversas similaridades e pontos em comum. Primeiramente, destaca-se a disposição dos edifícios sem recuo frontal, construídos no limite do lote. Algumas residências geminadas possuem recuos laterais, onde por vezes acontecem os acessos principais. As Figuras 25 e 26 explicitam essa diferença.

Figura 25: Residência sem recuo e com acesso frontal, na Rua Manoel Ribas.



Figura 26: Residência sem recuo e com acesso lateral, na Rua Ernesto Beck.



Fonte: Autora, 2023.

Apresentados no Quadro 5, alguns itens de infraestrutura também se repetem na Vila. A iluminação acontece por meio de postes de luz temáticos, além da iluminação

pública padrão da cidade. A pavimentação das ruas é de paralelepípedo e as calçadas de pedras de arenito bruto.

Quadro 5: Infraestrutura.

ILUMINAÇÃO	POSTES ORNAMENTAIS	POSTES COMUNS
		
PAVIMENTAÇÃO	CALÇADA	RUA
		
DRENAGEM URBANA	BOCA DE LOBO 1	BOCA DE LOBO 2
		
ACESSIBILIDADE	ACESSIBILIDADE	OBSTÁCULO



Fonte: Autora, 2023.

A Vila não possui bancos para descanso ou opções convidativas para a pausa. Mesmo assim, muitos moradores utilizam o passeio público para sentar em cadeiras de abrir, sozinhos ou na companhia da família e amigos.

Existem algumas rampas para acesso de garagens. As rampas para acessibilidade estão localizadas nas esquinas, onde se observa um alargamento nas calçadas. Entretanto, alguns pontos possuem obstáculos, como buracos, que podem dificultar e causar acidentes na locomoção de pedestres.

Apesar das similaridades existentes, cada rua apresenta diferentes singularidades na sua essência, paisagem, escala e estrutura. Dessa forma, para compreender as particularidades presentes, com seus componentes naturais e culturais, cada rua foi explorada individualmente.

A **Manoel Ribas**, pode ser considerada a principal Rua da Vila. No passado, abrigava as atividades mais importantes de comércio e serviços: como a Cooperativa, a padaria e os armazéns. Destaca-se também a proximidade com a Estação Férrea, onde existia a possibilidade de acesso dos trabalhadores por meio de um “atalho”.

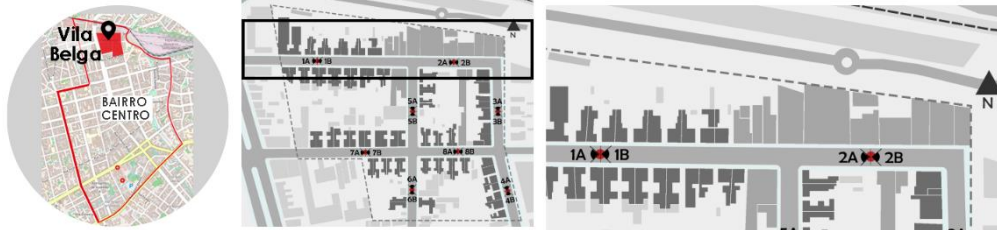
A via, assim como boa parte da Vila Belga, não é muito arborizada: existem apenas 3 coqueiros distribuídos na primeira quadra. Além disso, algumas poucas árvores, provenientes dos quintais, fazem sombra na calçada. As calçadas são mais largas e a rua mais estreita, em comparação com as demais.

As fotos panorâmicas, no Quadro 6, evidenciam as diferenças e similaridades na paisagem de uma mesma rua, em diferentes pontos de vista. Nos pontos 1A e 1B, destacam-se as residências, os coqueiros e o morro ao fundo. Já nos pontos 2A e 2B, ficam

em evidência os edifícios que desempenham atividades comerciais. Além disso, a estética da arquitetura e a configuração do espaço explicitam a cultura e história do lugar, transformada durante a passagem do tempo.

Quadro 6: Paisagens da Rua Manoel Ribas.

Mapa Esquemático dos pontos de observação



Ponto de observação 1A



Ponto de observação 1B



Ponto de observação 2A



Ponto de observação 2B

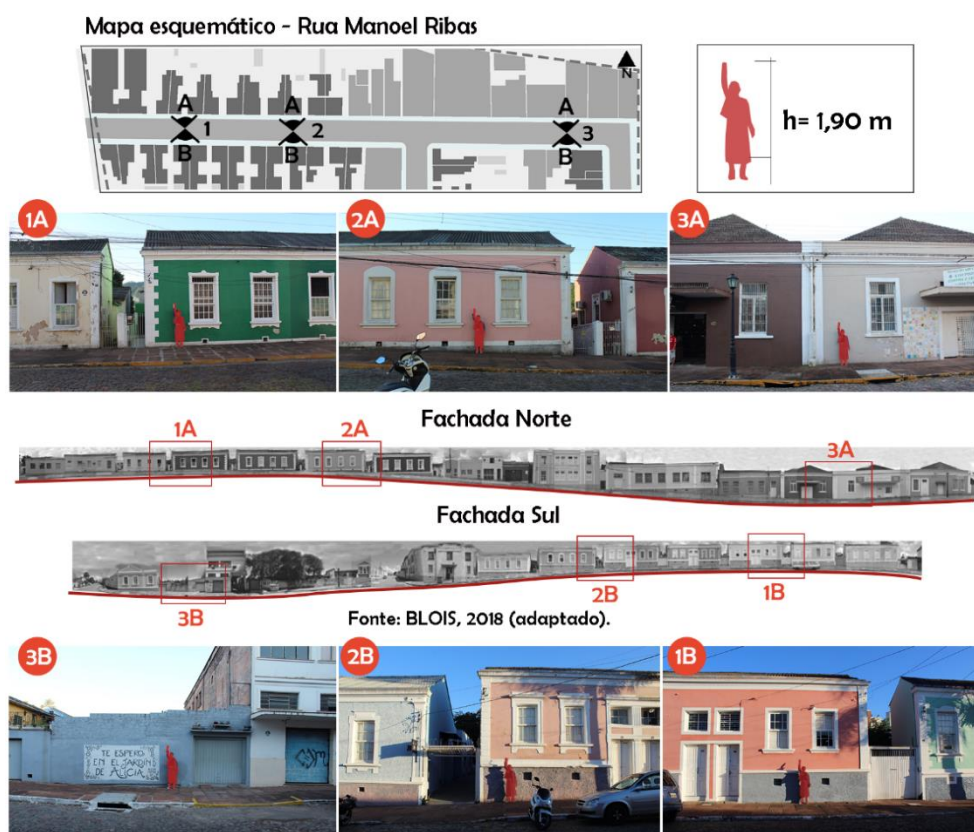


Fonte: Autora, 2023.

No Quadro 7 é possível observar e perceber a topografia irregular. Dessa forma, a parte “mais alta” da rua encontra-se a oeste e, a parte “baixa” a leste, próximo à rua André Marques. A diferença de altura pode influenciar na experiência e percepção da paisagem, ao avançar no caminho, novos cenários aparecem ou desaparecem na visão do observador.

Destaca-se a diferença entre alturas das casas e edifícios na rua, consequência direta da topografia irregular do espaço. Nas imagens apresentadas a seguir, observa-se a distinção entre os dois lados da rua, observados em um mesmo ponto. Nas imagens referentes aos pontos de observação “1B” e “2B”, as casas são mais altas, com a presença de porões, estratégia utilizada para nivelar o edifício com os fundos do terreno.

Quadro 7: Topografia e Escala da Rua Manoel Ribas.



Fonte: Blois, 2018; Autora, 2023.

Além disso, foram identificadas pequenas apropriações cotidianas, como vasos de flores adornando as esquadrias, uma cesta de basquete fixada nas grades de uma janela,

artes nas paredes, ou pichações mais insurgentes no edifício do Clube dos Ferroviários, por exemplo (Figura 27).



Figura 27: Detalhes da Rua Manoel Ribas. Fonte: Autora, 2023.

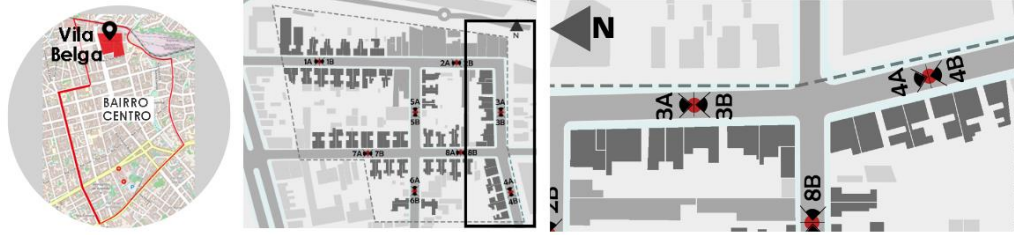
Essas pequenas intervenções e detalhes trazem vida e personalidade ao lugar. São expressões criativas de moradores ou visitantes, que conferem identidade à materialidade presente na Rua Manoel Ribas.

Já a **Rua André Marques**, diferencia-se das demais principalmente por possuir arborização e canteiros com flores localizados nas calçadas. Além disso, as residências projetadas para os trabalhadores da Viação Férrea, estão presentes apenas um lado da rua. Nessa região, as casas são maiores, pois foram construídas para os engenheiros da Vila, cargos de maior destaque na época. Muitas janelas possuem grades para aumentar a segurança dos moradores.

Na paisagem da Rua destacam-se as residências da Vila, os morros ao norte e os canteiros com arborização nas calçadas. É composta majoritariamente por edifícios de um pavimento, com exceção do Colégio Estadual Manoel Ribas, presente nos Pontos de Observação 4A e 4B, com dois pavimentos, ilustrados no Quadro 8.

Quadro 8: Paisagens da Rua André Marques.

Mapa Esquemático dos pontos de observação



Ponto de observação 3A



Ponto de observação 3B



Ponto de observação 4A



Ponto de observação 4B



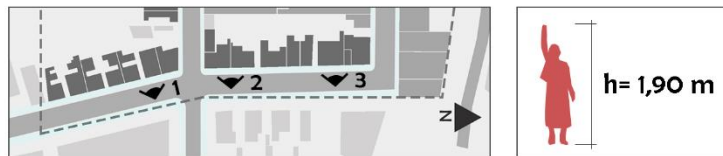
Fonte: Autora, 2023.

O acesso principal das casas, diretamente pela calçada, aproxima os limites entre o espaço público e privado. Além disso, as alturas das janelas são mais baixas, em

comparação com algumas casas das outras ruas, intensificando a sensação de proximidade. No Quadro 9 é possível observar a relação entre escala humana e a arquitetura.

Quadro 9: Topografia e Escala da Rua André Marques

Mapa esquemático - Rua André Marques



Fachada Leste

Fonte: BLOIS, 2018 (adaptado).



Fonte: Blois, 2018; Autora, 2023.

Nos detalhes urbanos da Rua André Marques, destacam-se os canteiros nas calçadas, com plantas e flores cuidadas pelos próprios moradores. Além disso, os adornos das portas e janelas revelam um refinamento singular.



Figura 28: Detalhes da Rua André Marques. Fonte: Autora, 2023.

Na Rua **Doutor Wauthier**, existem poucas casas com acesso diretamente para a calçada. Dessa forma, os muros dos quintais formam barreiras visuais, ocasionando perda de conexão com o espaço público. Em apenas uma das casas o quintal é fechado com grades, possibilitando a visualização tanto dos moradores para a rua, quanto da rua para o espaço privado do quintal. Assim como a maioria das demais vias, não possui arborização pública, apenas árvores provenientes dos quintais. Nas imagens panorâmicas, expostas no Quadro 10, destaca-se a presença dos morros ao norte, como também a Cooperativa ao fim da rua.

Quadro 10: Paisagens da Rua Doutor Wauthier.

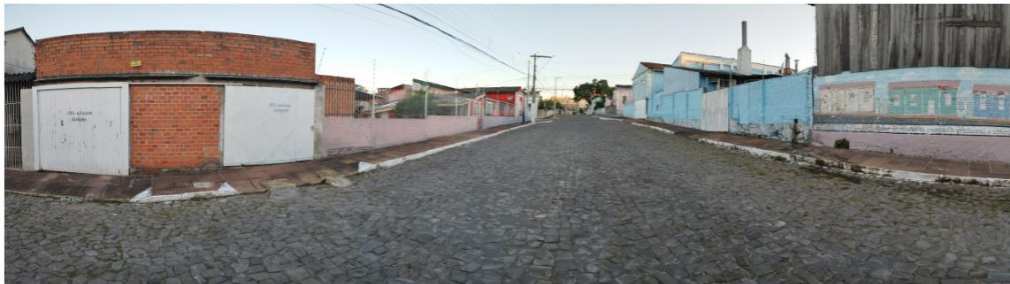
Mapa Esquemático dos pontos de observação



Ponto de observação 5A



Ponto de observação 5B



Ponto de observação 6A



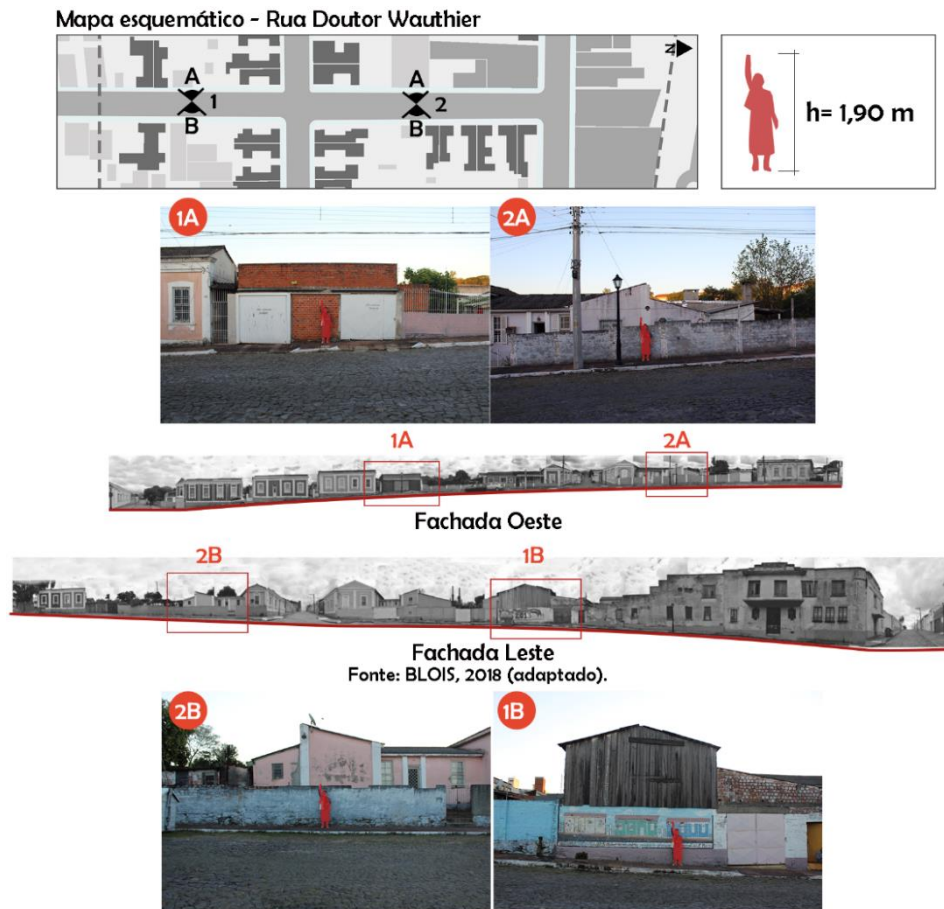
Ponto de observação 6B



Fonte: Autora, 2023.

No Quadro 11, nota-se a relação da escala humana, principalmente com os muros que cercam os quintais. Além disso, observa-se a topografia pouco irregular.

Quadro 11: Topografia e Escala da Rua Doutor Wauthier.



Fonte: Blois, 2018; Autora, 2023.

Mesmo com a presença de muros em boa parte das calçadas, existem algumas apropriações e detalhes interessantes, que dão identidade e buscam possibilidades de apropriação e expressão (Figura 29).

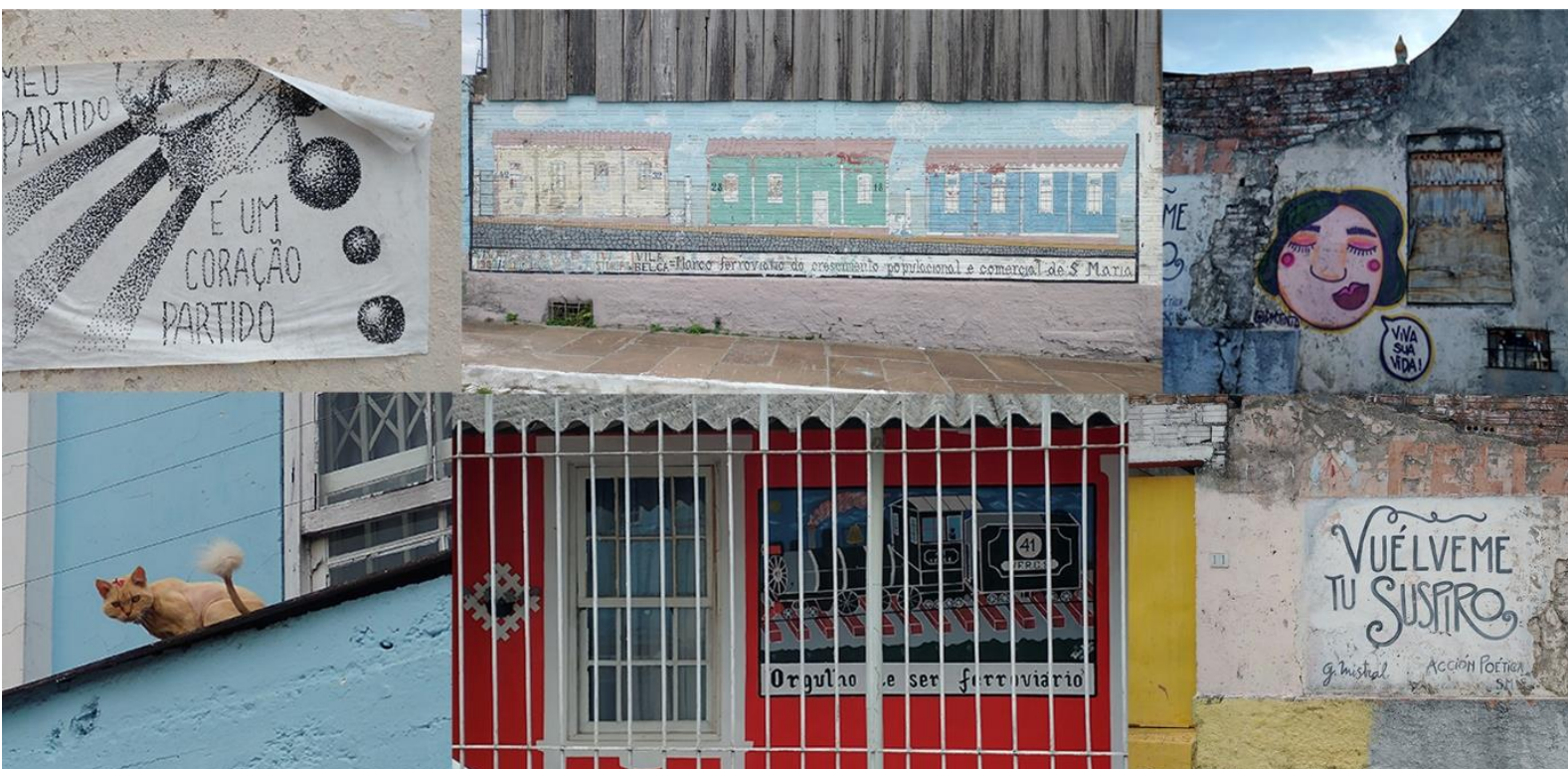


Figura 29: Detalhes da Rua Doutor Wauthier. Fonte: Autora, 2023.

As manifestações artísticas e efêmeras estão presentes na Vila Belga em diversos pontos. Muitas delas evidenciam a relação emocional das pessoas com o lugar e com a história da Ferrovia.

A **Rua Ernesto Beck** (Quadro 12), na delimitação da Vila Belga, também não possui arborização pública ou espaços para permanência. O espaço destinado para circulação de veículos é mais largo em comparação com a Manoel Ribas, com calçadas mais estreitas. Outra característica observada, é o intenso fluxo de carros na via, em comparação com as demais.

Quadro 12: Paisagens da Rua Ernesto Beck.

Mapa Esquemático dos pontos de observação



Ponto de observação 7A



Ponto de observação 7B



Ponto de observação 8A



Ponto de observação 9B

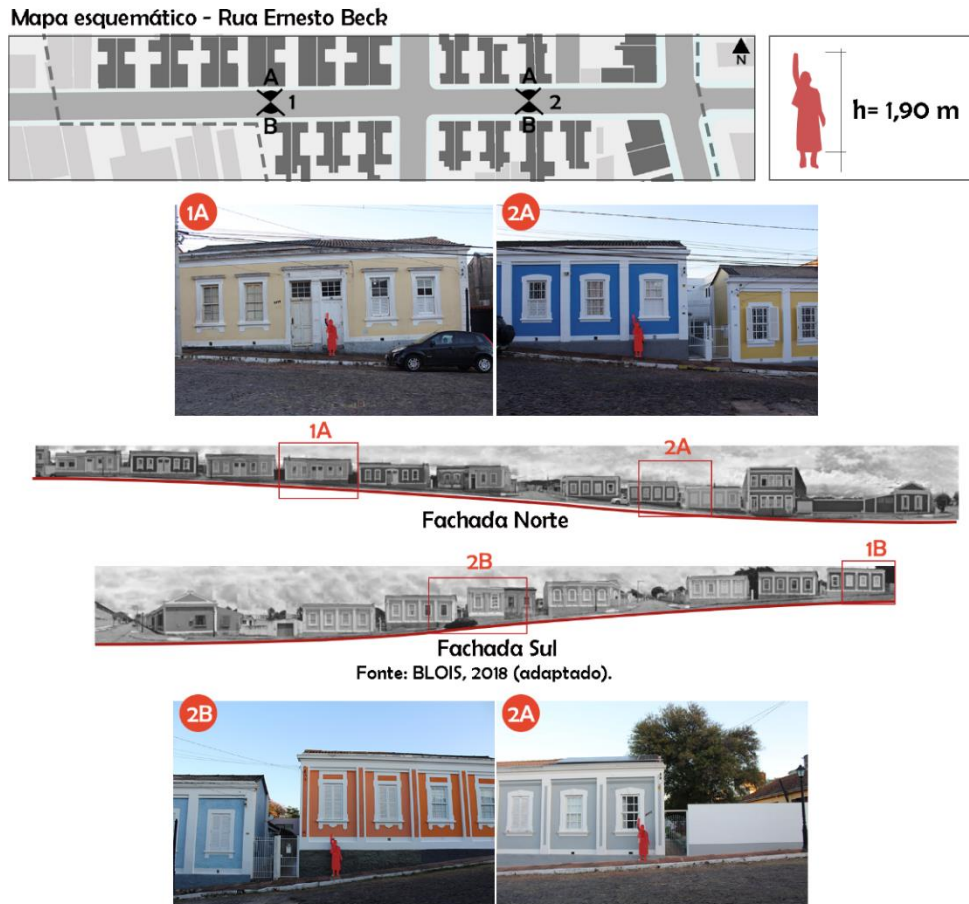


Fonte: Autora, 2023.

As edificações na Rua Ernesto Beck não diferem muito em altura, uma vez que é composta majoritariamente por residências. No Quadro 13 é possível observar a

topografia da via, como também a relação da arquitetura com a escala humana. A topografia levemente íngreme também possibilita diferentes experiências ao observar a paisagem.

Quadro 13: Topografia e Escala da Rua Ernesto Beck.



Fonte: Blois, 2018; Autora, 2023.

Por se tratar de uma via com edifícios majoritariamente residenciais, torna-se um espaço mais homogêneo. Entretanto, alguns detalhes se destacam (Figura 30).

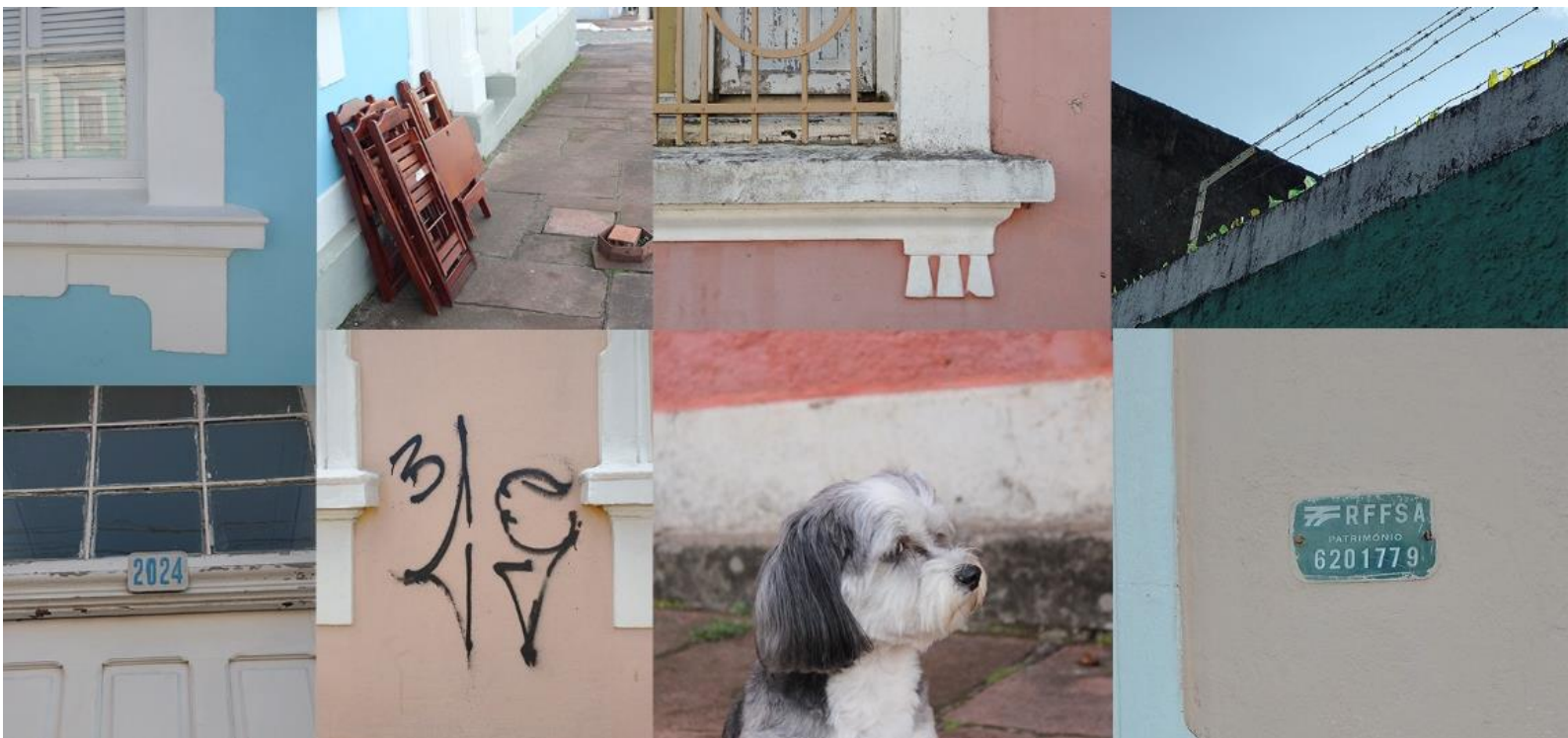


Figura 30: Detalhes da Rua Ernesto Beck. Fonte: Autora, 2023.

Cada rua e residência apresenta as suas particularidades. Detalhes que muitas vezes passam despercebidos ao olhar. A paisagem da Vila Belga, composta por casas de fachadas coloridas, juntamente com a vista dos morros ao fundo e a proximidade com os trilhos do trem (paisagem sonora), compõe um cenário rico de memórias e afetos para quem vivencia o lugar. Para Hugo Blois (2018), mesmo diante de algumas características rígidas observadas no lugar, é possível perceber o acolhimento e a união das pessoas que residem ali, que o identificam como um lugar repleto de memória (BLOIS, 2018).

Por fim, no Quadro 14, foram destacadas as principais características que diferenciam cada rua.

Quadro 14: Principais características das ruas da Vila Belga.

	RUA MANOEL RIBAS	RUA ANDRÉ MARQUES	RUA ERNESTO BECK	RUA DR WAUTHIER
PAISAGEM				
ARQUITETURA/ FACHADAS				
ESPAÇO FÍSICO	<ul style="list-style-type: none"> • Presença de edifícios com função comercial e serviços; • Calçadas mais largas. • Maioria das casas com porão alto. 	<ul style="list-style-type: none"> • Casas apenas em um lado da via; • Maioria das casas possui acesso frontal. 	<ul style="list-style-type: none"> • Possui a maior quantidade de residências; • É uma rua com usos mais homogêneos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Poucas casas com acesso diretamente para a calçada; • Os muros dos quintais formam barreiras visuais.
TOPOGRAFIA	• Íngreme.	• Plana.	• Íngreme.	• Plana.
VEGETAÇÃO	• Coqueiros.	• Árvores de pequeno porte, arbustivas e canteiros com flores.	• Não possui.	• Não possui.
FLUXO DE VEÍCULOS	• Moderado.	• Moderado.	• Intenso.	• Moderado.
BRIQUE DA VILA BELGA	• Ocorre em toda extensão da rua.	• Acontece apenas na primeira quadra.		

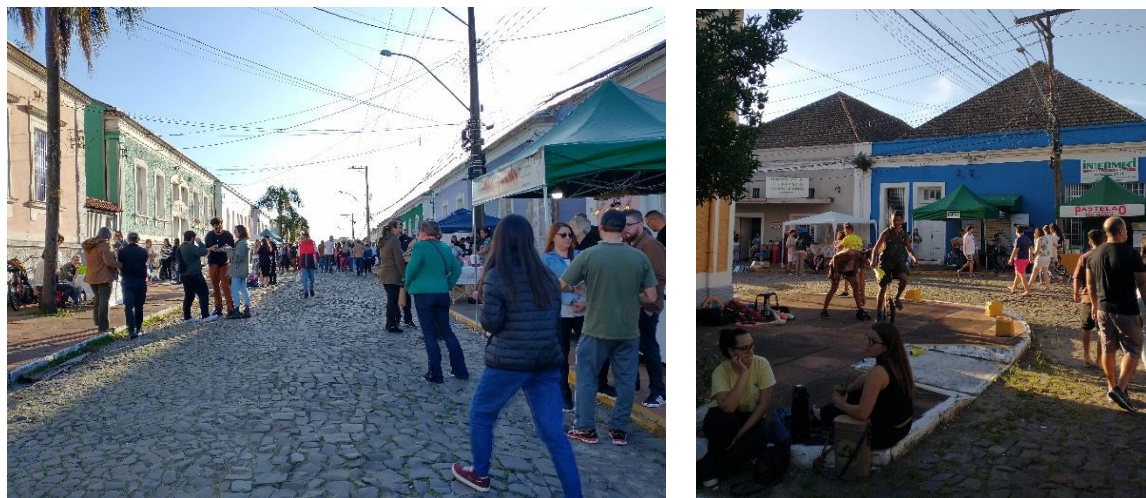
Fonte: Autora, 2023.

A forma urbana da Vila é consequência de um processo dinâmico: desde seu surgimento vem se transformando e provavelmente continuará sofrendo modificações no futuro. Assim, a morfologia do espaço e seus elementos fixos também podem dar pistas sobre as apropriações realizadas na rua. Destaca-se ainda que mesmo sendo um conjunto de arquiteturas homogêneas, a Vila apresenta multiplicidades importantes de serem observadas e levantadas.

4.2.3. Os Acontecimentos

Nos fins de semana, a Vila abriga alguns eventos. Muitos deles organizados pelos próprios moradores ou pessoas que trabalham no local. O mais conhecido é o Brique da Vila Belga, que acontece desde 2015, aos domingos (Figura 31).

Figura 31: A rua ocupada durante o Brique.



Fonte: Autora, 2023

O evento nasceu colaborativamente e tinha como objetivo movimentar as ruas do lugar. Inicialmente, acontecia como uma pequena feira com os produtos feitos pelos próprios moradores, incentivada pela Associação de Moradores da Vila Belga. São comercializados artesanatos, produtos alimentícios, artes, entre outras mercadorias. Em 2018 já estavam cadastrados 150 expositores na associação. Durante o evento, o acesso de veículos é interrompido para que as pessoas possam circular no meio da rua e as bancas possam ser colocadas nas calçadas (VIANA, 2019).

Nos primeiros e terceiros domingos de cada mês as ruas André Marques e Manoel Ribas ficam repletas de pessoas e apropriações diversas. Além das bancas de exposição e comércio, o Brique passou a abrigar apresentações artísticas e culturais. Dessa forma, as ruas se tornam palco para apresentações musicais, teatro, danças, rodas de conversa e palestras. A interação entre visitantes, moradores, comerciantes e artistas é intensa, onde espaço público e democrático da rua proporciona a coexistência de pessoas de diferentes idades e esferas sociais (Figura 32).

Organizado de forma coletiva e democrática, o Brique da Vila Belga significou o retorno da população de Santa Maria para o espaço e, conseqüentemente, a valorização do patrimônio não só edificado, como também da cultura local.

Figura 32: Vila Belga durante o Brique.



Fonte: Alex Caceres, Prefeitura de Santa Maria.

A arquitetura e o espaço construído são um atrativo do local, entretanto, é necessário salientar que os moradores também se beneficiam com as atividades. Além dos moradores que expõem seus trabalhos no Brique, muitos participam como apreciadores do evento, abrem suas portas e janelas e se sentem pertencentes vendo a valorização da cultura da Vila. Para Roberto DaMatta, os eventos e festas no espaço público unificam temporariamente a casa e a rua, o público e o privado. Diminuem os limites e proporcionam uma convivência utópica (DAMATTA, 1997).

O Brique e os eventos culturais que ocorrem no espaço, dão características de lugar às ruas da Vila Belga. São apropriações que surgem do contexto social, cultural e econômico da cidade de Santa Maria. Dessa forma, a utilização do espaço público da rua, principalmente em dia de eventos, proporciona o encontro entre diferentes grupos sociais para realização de diferentes atividades.

Em 2022, resultado de um movimento intenso da comunidade santamariense, foi oficializado o Distrito Criativo Centro-Gare. Localizado no centro histórico da cidade, surge visando transformar o território, incentivando a criatividade como ferramenta de inovação em espaços urbanos com potencial social e econômico. Além da Prefeitura Municipal, os responsáveis pela governança do distrito é um grupo formado por 20 instituições e a Prefeitura Municipal. O perímetro do Distrito Criativo contempla uma área de 91,44 ha e a inclusão de 25 ruas, e duas avenidas: a Avenida Rio Branco e a Avenida Itaimbé.

A criação do Distrito Criativo destaca a relevância histórica e simbólica desses lugares, como também impacta diretamente na dinâmica urbana da Vila Belga, uma vez que o espaço e o seu entorno, são contemplados em diferentes projetos. O Distrito Criativo promove mudanças significativas na dinâmica urbana da região. Diversos projetos foram e serão desenvolvidos, incluindo melhorias na infraestrutura urbana.

Dentre os projetos em andamento, destaca-se a restauração da Associação dos Ferroviários. Em 2022 o Governo do Estado do Rio Grande do Sul lançou o Concurso Iconicidades Santa Maria. O concurso público e nacional teve como objetivo selecionar a melhor proposta de intervenção no prédio do antigo Clube dos Ferroviários, a fim de criar um espaço de inovação e economia criativa (Figura 33).

Figura 33: Proposta vencedora para a restauração do antigo Clube dos Ferroviários. Projeto: Tempo Arquitetos.



Fonte: Tempo Arquitetos, 2022. Disponível em: <https://www.tempoarquitetos.com/tunel-do-tempo>.

Além disso, os edifícios da antiga Estação Férrea de Santa Maria também passam por um processo de restauração. Os projetos propostos visam a utilização plena do espaço, não apenas do Largo em eventos esporádicos.

Na área urbana e econômica, a criatividade vem sendo vista como um elemento importante para criar soluções e provocar novos olhares na cidade. Pautado em conceitos como “economia criativa”, o Distrito Centro-Gare pretende gerar impactos positivos na região, e que todos os cidadãos que frequentam o espaço possam se ver como agentes de transformação e buscar soluções criativas para os problemas dos lugares onde vivem.

Em lugares reconhecidos como a Vila Belga, a cultura pode se tornar um diferencial econômico. Iniciativas como o Distrito Criativo, estimulam a atração de empreendedores

de fora para a região, fomentando investimentos em negócios lucrativos. Portanto, é preciso ter cautela para que os interesses e desejos da população local sejam sempre atendidos pelos órgãos públicos.

Capítulo 5

APLICAÇÃO DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo serão apresentados os resultados dos procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa, descritos no Capítulo 03. Em cada método, há uma descrição dos resultados obtidos e interpretação preliminar.

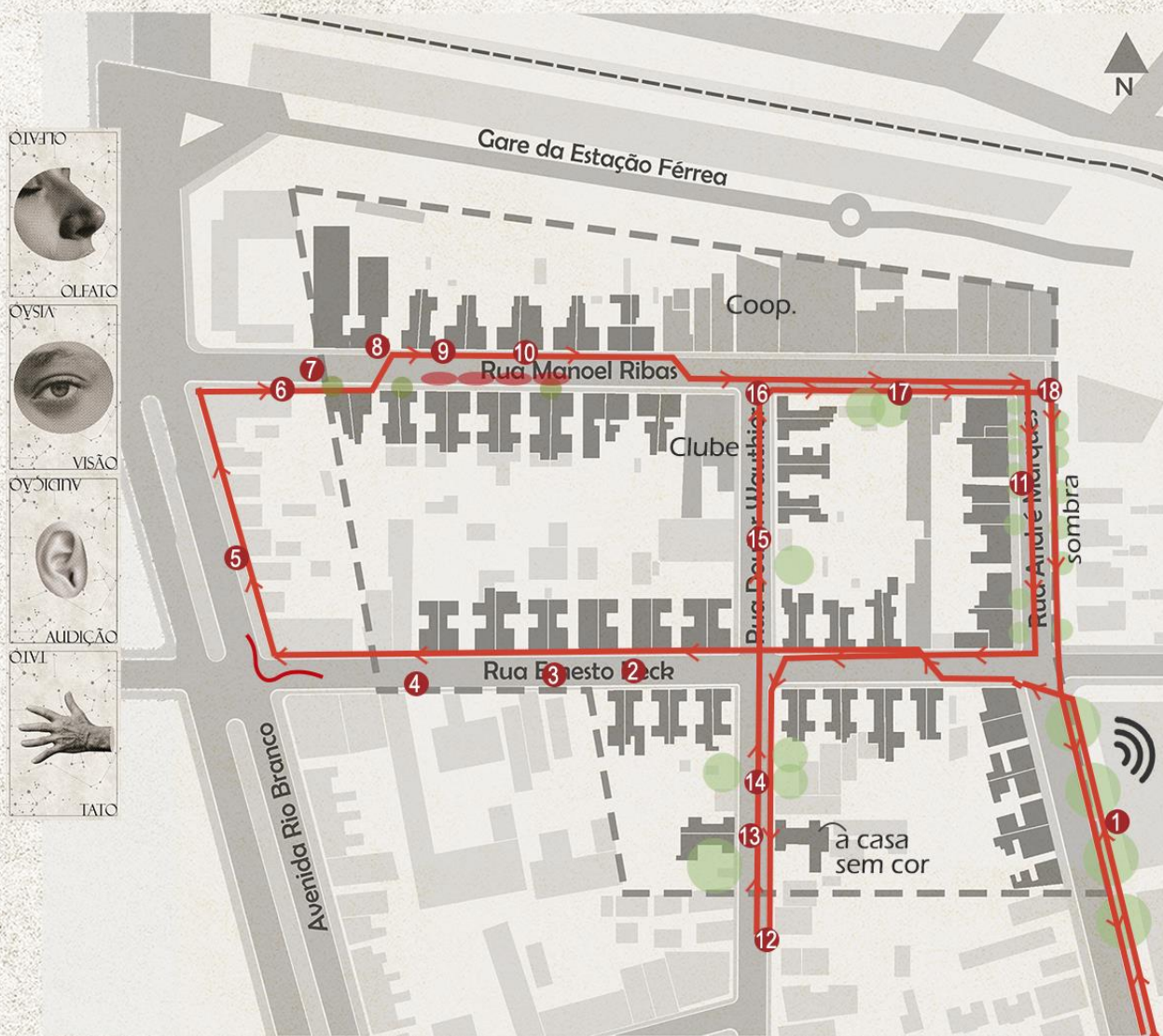
5.1. CONSTELAÇÕES DE INSTANTES

As visitas em campos, realizadas em diferentes dias e horários, possibilitaram identificar particularidades e ambiências do espaço.

Cada Instante gerou uma narrativa textual e outra imagética, de acordo com os momentos apresentados anteriormente, que incluíam: a observação atenta; o reconhecimento do lugar e assimilação das sensações e acontecimentos; o registro com fotografias, anotações, descrevendo as experiências vividas; e por fim, a interpretação das imagens em uma Constelação, quando as fotografias são colocadas lado a lado, agrupadas em uma montagem, possibilitando ilustrar subjetividades da rua, materialidades, acontecimentos e momentos inesperados.

O espaço foi (re)visitado em 4 momentos diferentes: o primeiro em um sábado de manhã, durante o verão. O segundo em um domingo de Brique da Vila Belga, no outono. O terceiro, também no outono, em um sábado à tarde. E o quarto instante, em uma quarta-feira à tarde, no inverno.

INSTANTE 01 - SÁBADO DE MANHÃ, DIA 11/03/2023
VERÃO, TEMPERATURA 30°C, DURAÇÃO: 1h



O primeiro instante aconteceu em um sábado de manhã, de sol intenso e muito calor. Naturalmente, o corpo procurava os espaços com sombra, mesmo que escassos. Na rua praticamente vazia, o barulho agudo das cigarras, nas árvores da Rua André Marques, ecoava. Logo ao chegar, a vista dos morros ao norte completava a paisagem. As janelas fechadas, provavelmente por conta do sol quente, aumentavam a sensação de isolamento.

O movimento intenso de carros na Ernesto Beck gerava dificuldade para atravessar a rua, atrapalhando a experiência. Ao adentrar na Avenida Rio Branco, a mudança de atmosfera é grande: a Avenida tem “cara de cidade grande”, movimento intenso de carros e pessoas.

Na Rua Manoel Ribas, o sentimento é de, novamente, estar dentro de um cenário. E onde estão as pessoas? Aqui, a rua é dos carros.

Os odores e barulhos são de um sábado qualquer: cheiro de comida, música, pessoas conversando, mas tudo acontece no espaço privado da casa ou do quintal. No olhar mais demorado pela calçada, uma pequena descoberta: uma cesta de basquete, apenas com o ato intacto, pendurada na grade de uma janela. Será que alguém ainda brinca ali?

Em uma garagem com o portão aberto, alguns homens se reúnem, ocupando também o espaço da calçada. Conversam alto, alguns em pé, outros sentados.

Na Rua Doutor Wauthier, uma casa chama a atenção, é a única residência que não se adequou as cores coloridas estabelecidas pela Prefeitura, tem a cor que a maioria das casas tinham há pouco tempo atrás: ocre, envelhecida pelas intempéries do tempo.

O calor intenso do sol e a falta de um local mais adequado para sentar, geram um desconforto. O vento agradável não é suficiente para afastar o calor que faz. No fim da Doutor Wauthier, a paisagem natural (morros) e construída (Cooperativa) é avistada. Um morador acena, sentado no batente da porta, com dois cachorros a sua volta, na sombra, é claro.

Hora de ir para casa.

Rua Manoel Ribas



6



7 a vista dos carros



8



9

a rua dos carros



10

apropriação na janela



17

sombra



5

mudança de atmosfera

atmosfera



clube dos ferroviários



e os espaços de permanência?

onde estão as pessoas?

Rua André Marques



janelas fechadas

Av. Rio Branco

Rua Ernesto Beck



3

rua sem sombra

Rua Dr Wauthier



12

tótem informativo



18

rua com sombra



2

cuidado com os carros



16

a rua é de quem?



11

a calçada com flores



4

valorização



14

passado

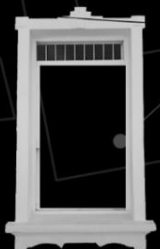


13

a casa sem cor



1



15

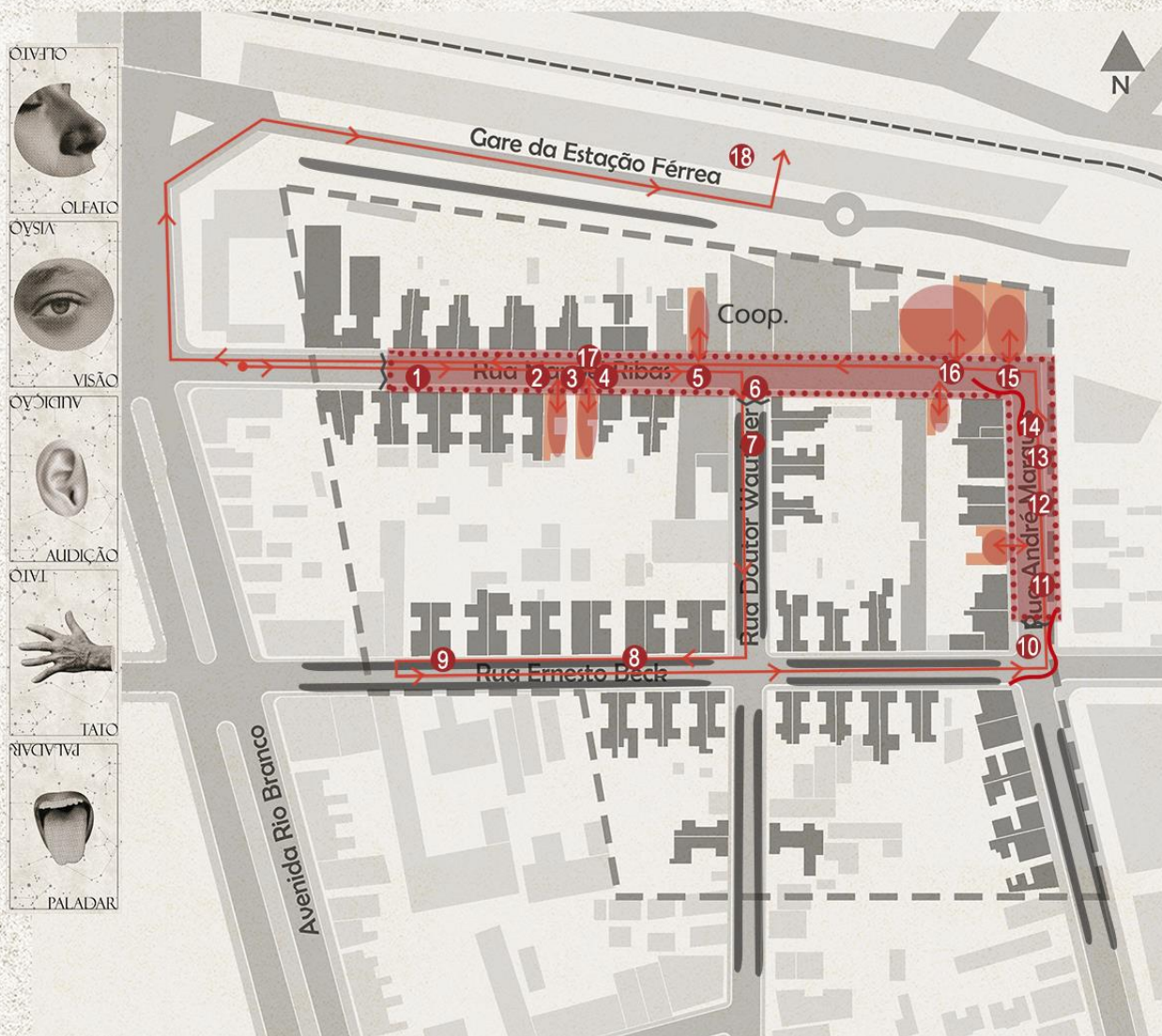
cooperativa (EVRGS)



apropriação

início do percurso

INSTANTE 02 - DOMINGO DE BRIQUE, DIA 02/04/2023
OUTONO, TEMPERATURA 24°C, DURAÇÃO: 1h e 30 min



O Domingo de Brique na Vila Belga era um festival de diversidade: de acontecimentos e pessoas. As Ruas Manoel Ribas e André Marques estavam repletas de visitantes e expositores. Na atmosfera vibrante, que envolvia todos os sentidos, era impossível fixar os olhos e a atenção em um só ponto. Aconteciam manifestações artísticas de vários tipos. Era notável a integração entre os moradores locais e visitantes. Nesse cenário, os espaços comerciais, desempenhavam um papel fundamental nessa integração.

Durante o evento, as ruas se tornavam palco para a diversidade cultural, apresentações artísticas, além de potencializar a experiência coletiva no espaço público.

A Rua André Marques se destacava nesse contexto, onde uma atmosfera especial de formava. As portas e janelas de algumas casas se abriam para o evento. A rua com topografia mais plana, em comparação com a Manoel Ribas, e com sombra, trazia uma sensação de acolhimento.

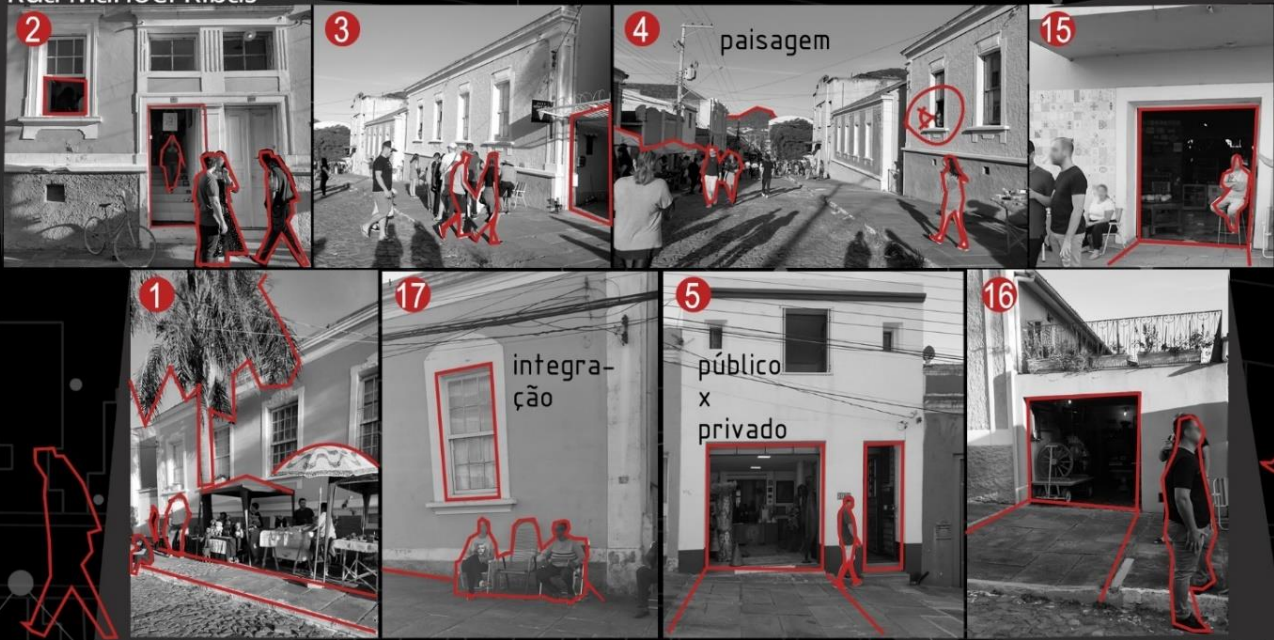
Dessa forma, a apropriação do espaço público não se limitava apenas às ruas onde o Brique ocorria, mas irradiava-se por toda a Vila. Era possível avistar famílias reunidas em frente às suas casas, aproveitando o momento. Entretanto, os carros estacionados tomavam o entorno do evento.

Na Gare da Estação foi possível sentir o contraste entre um espaço que pulsava vida e outro abandonado, ambos repletos de histórias e memórias.

INSTANTE 02 - DOMINGO DE BRIQUE, DIA 02/04/2023

OUTONO, TEMPERATURA 24°C

Rua Manoel Ribas



Rua Ernesto Beck



Rua André Marques



Gare da Estação Férrea



INSTANTE 03 - SÁBADO DE TARDE, DIA 29/04/2023
OUTONO, TEMPERATURA 24°C, DURAÇÃO: 2h e 30 min.



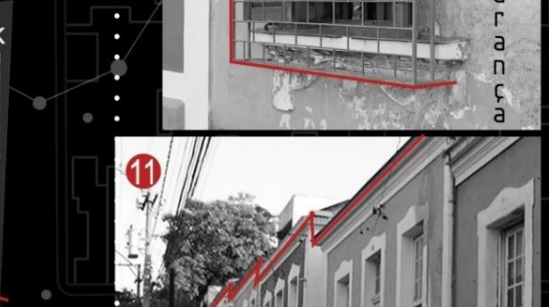
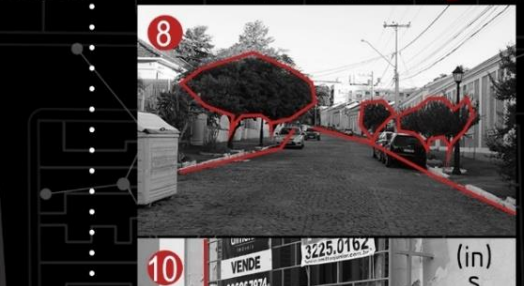
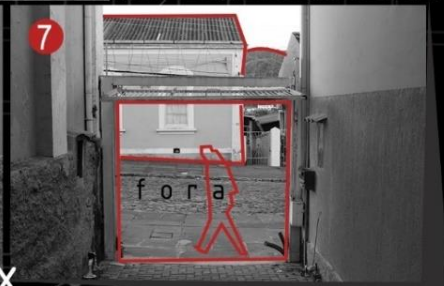
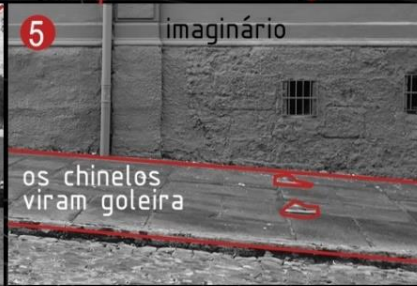
Logo na chegada da Rua Manoel Ribas, uma cena curiosa se desenrolava na rua: uma valente galinha, ciscava calmamente no meio da via, desafiando os carros. Enquanto isso, na quadra de baixo, um grupo de crianças jogava futebol na calçada, preenchendo o ambiente com gritos de entusiasmo e risadas. Dois chinelos formavam uma goleira imaginária.

Em todas as ruas, pessoas se reuniam em frente às suas casas, sentadas em cadeiras de abrir, com crianças, amigos e até mesmo seus animais de estimação. Dessa vez, o quintal era mesmo a rua. A atmosfera era única e interessante. A rua parecia ser um ponto de encontro natural, onde a vizinhança se conectava e fortalecia os laços comunitários. Os animais também faziam parte dessa atmosfera peculiar. Cachorros e gatos, alguns presos nos quintais, felinos acima do muro, ou vagando livremente.

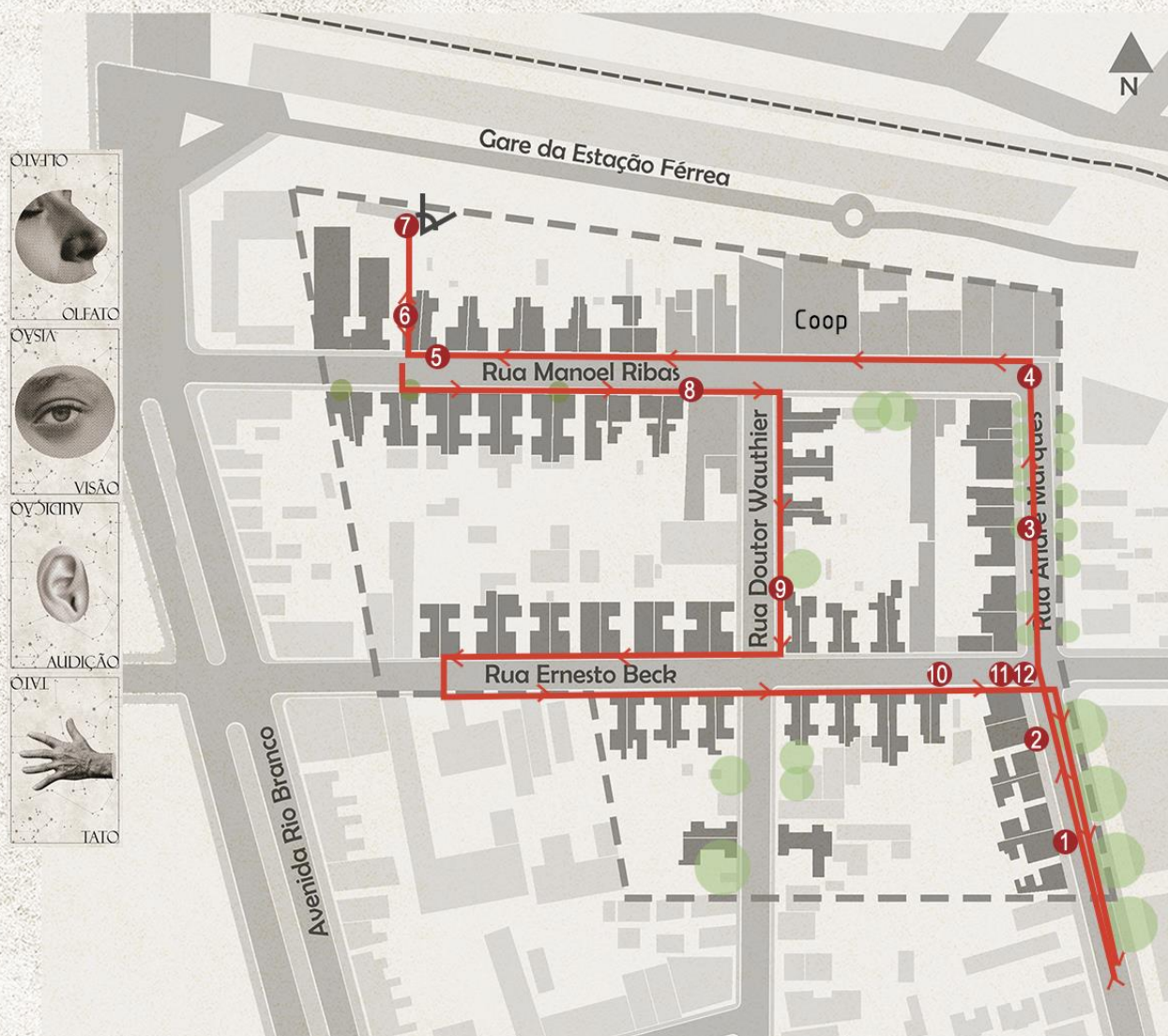
Mesmo diante de um ambiente de apropriação intensa, o espaço público não oferecia as condições necessárias para permanecer confortavelmente. Logo, o espaço privado foi o único que atendeu as necessidades do grupo de pesquisadoras. Uma parada foi necessária no único bar aberto da Vila Belga.

Mais tarde, no momento de ir embora, duas meninas brincavam, utilizando o imponente poste de luz como aliado, em um jogo de esconde-esconde, enquanto a família observava de perto e a rua ao redor continuava pulsando com vida, mesmo com a chegada da noite.

Rua Manoel Ribas



INSTANTE 04 - QUARTA-FEIRA DE TARDE, DIA 05/07/2023
INVERNO, TEMPERATURA 21°C, DURAÇÃO 1h



Um fim de tarde tranquilo se desenrolava nas ruas da Vila Belga. Alguns moradores se reuniam em frente às casas, em cadeiras de abrir, tomando chimarrão e conversando. A atmosfera era calma e acolhedora. Nos últimos instante de sol, a temperatura já começava a baixar.

Ao adentrar em um quintal na Rua Manoel Ribas, revela-se uma nova paisagem: em uma perspectiva mais elevada, é possível observar a vista privilegiada da Estação Férrea, com os morros ao fundo. O pôr do sol compunha aquele instante, no céu com tons alaranjados, enquanto os últimos raios de luz se despediam do dia.

De volta a rua, a caminhada pelas calçadas exige atenção constante, devido a presença de algumas irregularidades e obstáculos no caminho. Pedras soltas, buracos e até mesmo a falta de rampas para acessibilidade fazem parte do cenário urbano.

Em um ponto da Rua Doutor Wauthier, a desigualdade social se estampava na paisagem. Em um contêiner de lixo, uma pessoa vasculhava em busca de algo para saciar suas necessidades básicas. Essa cena trouxe à tona a dura realidade enfrentada por muitos, contrastando com o cenário praticamente higienizado da Vila Belga. No fundo, as luzes do novo restaurante instalado na Cooperativa estavam sendo acesas, indicando o início de mais uma noite de trabalho.

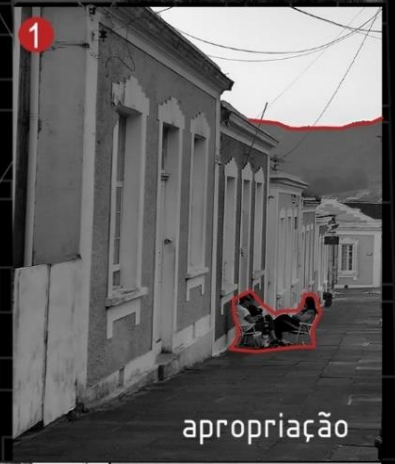
Rua Manoel Ribas



Rua André Marques



Rua Ernesto Beck



Rua Doutor Wauthier



Gare da Estação



Os quatro instantes revelaram diferentes atmosferas, vivenciadas e experienciadas lentamente. São momentos de acontecimentos únicos, sensações e descobertas. No próximo item, as Aproximações visam expandir o olhar para um entendimento coletivo do lugar.

5.2. APROXIMAÇÕES: NOVOS OLHARES

Nas experiências compartilhadas com os narradores desta pesquisa, diversos universos e olhares foram acessados. De forma geral, cada entrevistado trouxe reflexões sobre suas próprias vivências e percepções do espaço.

5.2.1. ESCUTA

Foram realizadas duas entrevistas, com dois moradores mais antigos da Vila Belga. Dessa forma, os narradores da Escuta, puderam compartilhar histórias, momentos e a sua visão particular sobre o lugar.

5.2.1.1. ESCUTA 01

Data: 12 de janeiro de 2023.

Local: Vila Belga, Santa Maria.

Sobre o narrador: O participante é morador da Vila Belga há mais de 30 anos. Trabalhou na Estação Férrea, desempenhando funções de manutenção. Atualmente é aposentado.



Figura 34: Constelação de imagens da Escuta 01. Fonte: Imagens fornecidas pelo entrevistado.

Durante a conversa, diversas imagens surgiram, compostas na Constelação da Figura 34. São imagens que foram enviadas pelo entrevistado, anteriormente a Escuta.

1) Sobre habitar a Vila das casas coloridas:

Para ele, morar na Vila é uma experiência agradável, principalmente por se tratar de um patrimônio, um ponto turístico. A convivência entre os vizinhos é pacífica e muito amigável, todos se conhecem, se cuidam e se respeitam. As casas geminadas intensificam o convívio mais próximo.

Ao relembrar o tempo passado, o entrevistado destaca a escassez de turistas naquela época. A região era um patrimônio histórico praticamente esquecido. No entanto, depois do tombamento, a situação mudou. As casas foram restauradas, pintadas e as calçadas arrumadas. Além disso, o asfalto que cobria as ruas foi removido. Essas medidas trouxeram benefícios.

As casas, no princípio, eram simples, pintadas com uma tinta de cor ocre, mas com o passar do tempo, a cor foi desaparecendo gradualmente, adquirindo um aspecto envelhecido. Recentemente, as residências foram pintadas com cores mais vibrantes, incluindo a casa do entrevistado, que ganhou destaque após a pintura. Essa mudança trouxe um atrativo adicional, cativando pessoas que visitam a área e fotografam o espaço.

2) Sobre a memória da Ferrovia:

Em sua fala, a memória da Vila Belga do passado e da presença da ferrovia ainda está viva. Ele relembra quando trabalhava na ferrovia, desempenhando funções de manutenção. Na época, ainda havia trens de passageiros.

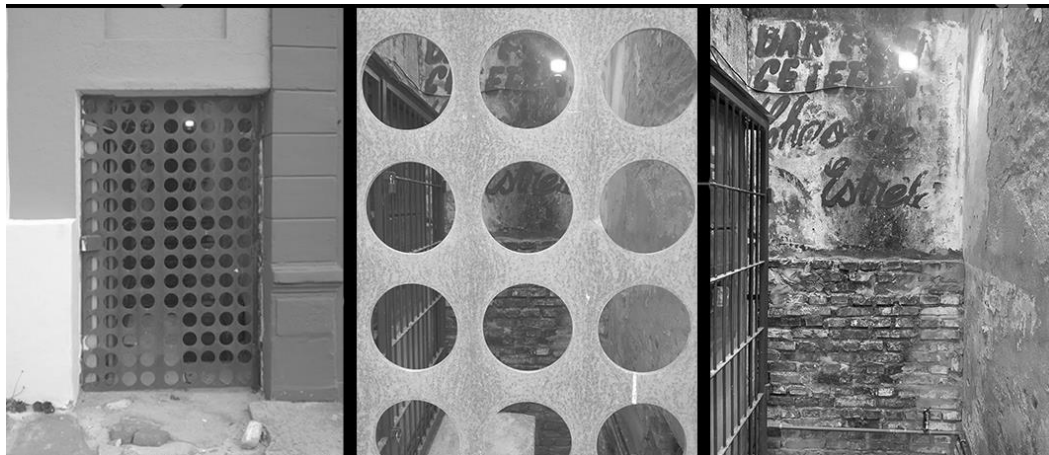
As formas de comunicação também eram bem diferentes, uma vez que, inicialmente, não havia telefone na região. Dessa forma, os trabalhadores que moravam na Vila eram convocados por três apitos da locomotiva do trem. Quando ouviam esses três apitos, sabiam que precisavam se deslocar até a Estação, pois havia uma emergência ou acidente. Posteriormente, um telefone foi instalado.

Na Rua André Marques, a maioria dos moradores eram engenheiros. A casa onde a entrevista estava sendo conduzida, havia sido utilizada também como ambulatório médico. Posteriormente, o ambulatório foi desativado, e o edifício passou a ser utilizado apenas como residência.

A Cooperativa também se faz presente nas memórias do narrador. No local era possível encontrar roupas, calçados e todos os tipos de produtos, inclusive carne. Na esquina, havia uma farmácia, e ao lado, um consultório dentário. Além disso, havia armazéns e uma padaria. Dessa forma, os moradores locais tinham acesso a todos esses serviços na própria região, sem a necessidade de grandes deslocamentos.

Ao lado do edifício da Cooperativa, existia um corredor chamado de "beco". Esse corredor conectava a plataforma da Estação Ferroviária diretamente com a Vila Belga, era utilizado principalmente pelos ferroviários. Atualmente essa passagem foi fechada (Figura 35).

Figura 35: Antiga passagem direta entre a Vila Belga e a Gare.



Fonte: Autora, 2023.

Nesse período, o movimento na vila era composto principalmente por moradores, em especial a classe ferroviária, além de pessoas de outras cidades que vinham comprar mercadorias ali. “E depois que acabaram os serviços, ficou vazio, não tinha mais trem de passageiros, não tinha mais Cooperativa para comprar. Foi uma época de esquecimento, em alto mar sem praia.”

Posteriormente, muitas pessoas decidiram deixar a Vila. Os equipamentos ferroviários foram gradualmente sendo retirados da Gare, incluindo o vagão de passageiros, e a Estação Ferroviária foi lentamente abandonada. Segundo o narrador, foi um período difícil, e o futuro da Vila Belga era incerto. No entanto, algumas pessoas optaram por permanecer no local e, ao longo do tempo, a situação começou a melhorar.

É interessante ouvir também sobre a história dos coqueiros na Vila, característicos na paisagem da Rua Manoel Ribas. Parece que houve um esforço para trazer essas árvores e plantá-las, porém, a tarefa foi desafiadora. Foi necessário transportá-las em um vagão de trem até a Vila. Apesar do trabalho árduo, a maioria dos coqueiros plantados acabou não sobrevivendo. Para o entrevistado, é curioso observar como as árvores cresceram e se transformaram, mesmo diante dos desafios que enfrentaram.

3) Sobre a utilização do espaço público:

Falando sobre a apropriação da rua, o narrador conta que há alguns anos, as ruas da Vila tinham autorização da Prefeitura para serem fechadas com correntes em pontos específicos, a partir das 18h, durante os finais de semana, domingos e feriados. Nessa época, ainda havia asfalto nas ruas, e as crianças costumavam correr e brincar no meio

delas. No entanto, essa prática foi sendo gradualmente abandonada. O asfalto foi substituído por calçamento, e as crianças cresceram. Muitos ferroviários se mudaram, assim como seus filhos. Novas famílias se estabeleceram na Vila e, atualmente, das 84 casas, acredita-se que metade não é mais ocupada por ferroviários. No entanto, a identidade de vila ferroviária ainda permanece viva na memória das pessoas.

Atualmente, as pessoas costumam se reunir e sentar na calçada ou nos fundos de casa para desfrutar de momentos de convivência. No entanto, para o entrevistado, é preciso ter cuidado com a segurança.

O entrevistado menciona algumas experiências marcantes vividas no lugar. Ele recorda do momento em que a Tocha Olímpica passou ali, em 2016, deixando uma lembrança significativa. No entanto, também existiram momentos tristes, como a tragédia da Boate Kiss. Ele relata ter acordado com o barulho das sirenes e o cheiro de fios queimados. Ele recorda ter sentado na frente de casa, ouvindo no rádio a lista de nomes das vítimas. Por estar próximo ao acontecimento, esse momento marcou profundamente.

Por outro lado, também lembrou momentos de alegria e festividades, como o Dia da Criança e o Dia do Vizinho, onde aconteciam celebrações no espaço público da rua. No entanto, destaca que aconteceram mudanças significativas ao longo dos anos e, atualmente, é mais difícil realizar esses eventos, pois a maioria dos moradores são idosos e não têm mais disposição para organizar tais atividades. Mesmo assim, em alguns momentos ainda ocorrem eventos, como o Brique da Vila Belga.

É válido ressaltar que o Brique se tornou um importante espaço para os moradores, onde muitos deles vendem seus produtos e artesanatos. Ao longo do tempo, surgiram novas lojas e estabelecimentos comerciais na região.

4) Sobre segurança:

O narrador cita que existem alguns problemas que envolvem a segurança no local, como atos de vandalismo. Desde a instalação dos postes ornamentais, ocorreram casos de depredação e roubo. Em decorrência disso, existem câmeras de monitoramento nas ruas, acessadas pelos moradores em seus smartphones.

Embora seja desaconselhável sair tarde da noite nas ruas, tanto na Vila quanto em toda a cidade, é possível transitar com segurança até por volta das nove ou dez horas.

Durante o verão, é comum ver pessoas sentadas nas calçadas até tarde da noite, proporcionando uma sensação de segurança. No entanto, no inverno, as pessoas tendem a se recolher e fechar suas residências mais cedo devido ao frio.

Quanto à iluminação noturna nas ruas, o ambiente é bem iluminado. No geral, apesar de existirem ocorrências isoladas, a Vila é considerada um local tranquilo durante a noite.

5) O Futuro:

Por fim, quanto as mudanças e perspectivas para o futuro, o entrevistado acredita que a maioria das transformações dos últimos anos foi positiva. Os estabelecimentos comerciais trouxeram vida para as ruas, assim como o Brique. Além dos projetos e incentivos do Distrito Criativo.

5.2.1.2. ESCUTA 02

Data: Dia 17 de janeiro de 2023.

Local: Vila Belga, Santa Maria.

Narrador: Morador da Vila Belga, aposentado desde 1990. O participante da Escuta, morou na Vila enquanto trabalhava na ferrovia, de 1978 até 1990, primeiramente no controle dos trens e posteriormente ocupou também um cargo de chefia. Após se aposentar, foi morar fora da Vila, mas assim que as casas passaram a ser vendidas, ele retornou em 2000, comprando a casa onde mora atualmente.

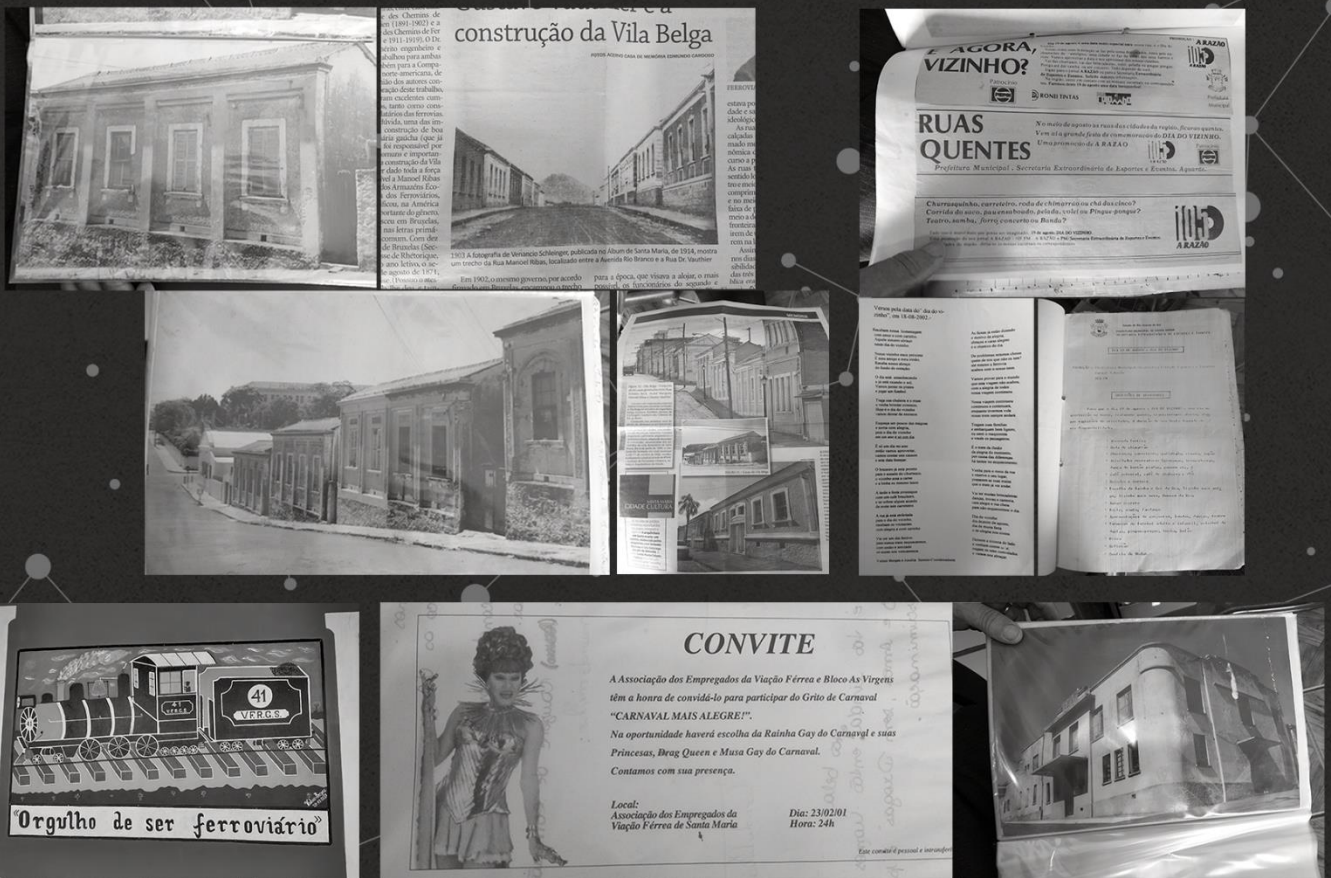


Figura 36: Constelação Escuta 02. Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023

O narrador possui uma série de histórias e lembranças da Vila Belga do passado. Em sua residência, ele guarda diversos documentos, livros, fotografias e memórias de um outro tempo. Durante a conversa, diversas imagens surgiram. São figuras que surgiram durante a experiência com o narrador, registros de documentos e memórias guardadas pelo participante, compostas na Constelação da Figura 36.

1) Sobre habitar:

Sobre o sentimento de residir na Vila, ele responde que morar ali é a sua realização como ferroviário, e é muito apaixonado pelo lugar. Além disso, tem apreço não apenas pela Vila em si, mas também pelas amizades que construiu ao longo do tempo. Essas relações pessoais e o sentimento de comunidade são aspectos importantes que engrandecem a experiência de viver na Vila.

Durante a entrevista, ele mostra seus livros de história, alguns com dedicatórias de amigos ferroviários, livros de poemas, etc. São muitos registros afetivos guardados com carinho.

A ferrovia é um tema presente na conversa. O Clube dos Ferroviários também aparece como uma memória viva. O narrador mostra registros de acontecimentos, fotografias, que ele guarda com muita estima. Ele relembra que o espaço foi famoso nos carnavais da cidade. O Clube era um lugar de encontro, diversão e lazer. Essas lembranças, evidenciam a sua relevância na vida social e cultural da Vila.

Em meio a papéis, livros e documentos, também está uma lista com os aniversários de todos os moradores da Vila. Esta lista remonta ao período em que ele foi presidente da Associação dos Moradores. O narrador tinha o cuidado de manter fichas atualizadas com informações sobre os residentes de cada patrimônio, incluindo suas datas de aniversário. Dessa forma, ele se certificava em saber quem estava comemorando aniversário, e fazia questão de parabenizar cada pessoa. “Quando chegou o dia do meu aniversário eu fiz uma dedicatória pra mim mesmo”, ele conta.

2) Sobre o Dia do Vizinho:

Ao ser perguntado sobre a festividade do Dia do Vizinho, que acontecia em agosto, recorda que a rua era fechada em um quarteirão, normalmente na Rua Doutor Wauthier, por ser considerada a via menos movimentada. O relato descreve como rua e suas calçadas eram preenchidas com mesas, à medida que cada vizinho contribuía com algo para compartilhar. A ocasião era verdadeiramente memorável, um evento festivo que reunia toda a comunidade local.

Um poema, escrito pelos coordenadores do evento, ilustra o significado que essa data possuía para a comunidade:

[...]
A rua já está enfeitada
para o dia do vizinho,
recebam os visitantes
com alegria e com carinho.
[...]
Nossa viagem continuou
continuou e continuará,
enquanto tivermos vida
nosso trem sempre andará.
Tragam suas famílias

e embarquem bem ligeiro,
eu serei o maquinista
e vocês os passageiros.
É o trem da ilusão
da alegria do momento,
[...]
Venha para o meio da rua
e reserve o seu lugar
preparem as suas malas
que o trem já vai andar.
[...]
- Valmir Borges e Jocélia Santini.

O Dia Municipal do Vizinho era uma data comemorativa, que acontecia em diferentes lugares da cidade, instituída pela lei n.º 3300/91, de 18 de janeiro de 1991, comemorado no terceiro domingo de cada mês de agosto. Entretanto, a normativa foi revogada em 2011.

Entre as sugestões de atividades, propostas pela Prefeitura, destacavam-se a roda de chimarrão, churrasco, atividades recreativas (gincanas, brincadeiras, etc.), escolha da rainha e rei da rua, etc.

Além do Dia do Vizinho, aconteciam festividades no Dia das Crianças, onde as pessoas colocavam música e traziam cadeiras para se apropriar da rua, eram ocasiões especiais de convívio entre os moradores. Os eventos promoviam um senso de comunidade e proporcionavam momentos de diversão e interação entre os moradores.

Atualmente, no dia a dia, em poucas ocasiões ele ocupa o espaço da calçada para permanência, já que possui um pátio, onde pode desfrutar momentos de encontro e lazer. Ele explica que, por questões de segurança, prefere se limitar no espaço fechado do quintal, especialmente porque a rua onde reside, não conta com muitos vizinhos, sendo apenas seis casas ao todo.

Ao ser questionado se possui alguma lembrança marcante da Vila Belga, ele salienta que existem muitas experiências positivas relacionadas ao lugar. Sua memória destaca principalmente as festividades que aconteciam anualmente no Dia do Vizinho. Além disso, menciona eventos atuais, como o Brique, que acontece duas vezes ao mês. A rua fechada para o tráfego de veículos, repleta de pessoas, com expositores diversos e uma atmosfera animada. Para ele, é muito gratificante.

A Cooperativa, “nos tempos bons da Ferroviária”, também emerge na conversa. Ele recorda como esse espaço reunia ferroviários e seus familiares que realizavam suas compras diariamente. O relato descreve as diversas opções disponíveis, como a padaria, leitaria, café, sabão, açougue, a lenheira e também os armazéns. Além dos carnavais e encontros dançantes no Clube dos Ferroviários.

5.2.2. DINÂMICA

Os narradores da Dinâmica puderam formular reflexões e acessar memórias com o auxílio de imagens estratégicas. Foram entrevistadas, individualmente, três pessoas que possuíam alguma relação direta ou indireta com o lugar.

5.2.2.1. DINÂMICA 01

Data: 11 de janeiro de 2023.

Local: Universidade Franciscana (UFN), Santa Maria, Rio Grande do Sul.

Narrador: O narrador teve seu primeiro contato com a Vila Belga na Universidade, desde então mantém uma relação de proximidade com o lugar e visita frequentemente. O espaço foi seu objeto de estudo durante o Mestrado em Engenharia Civil. Atualmente é Coordenador e professor do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Franciscana (UFN).

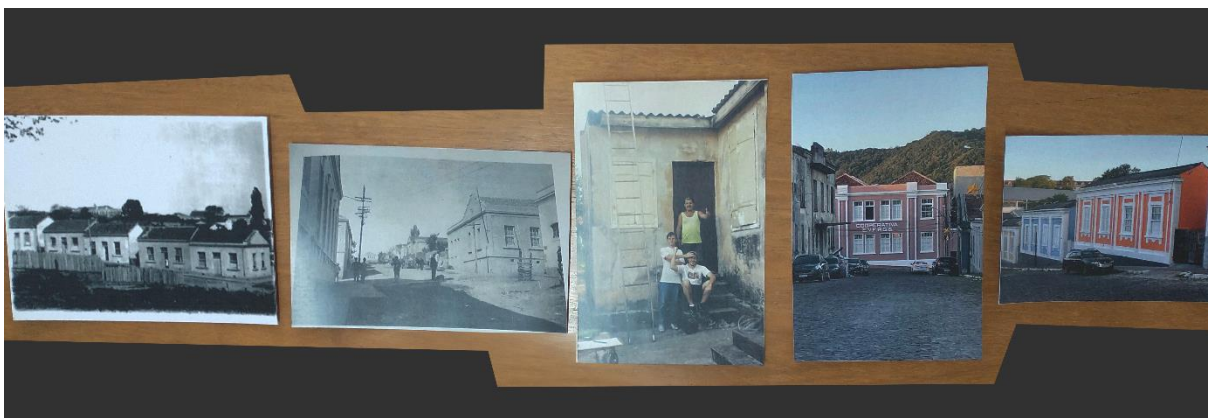


Figura 37: Combinações de imagens da Dinâmica 01. Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

1) PRIMEIRO MOMENTO: IMAGENS-AFETO

O narrador trouxe cinco imagens-afeto para a dinâmica. Primeiramente, dispõe as imagens de forma aleatória. Depois, reorganiza em uma sequência temporal (Imagem 38).

Figura 38: Imagens-afeto do narrador.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

A primeira e a segunda imagem, revelam uma realidade significativamente diferente daquela que é percebida atualmente. Apesar de as casas já estarem construídas, o ambiente ao redor é ainda possuía pouca infraestrutura. O principal marco de consolidação daquela localidade, naquele momento, foi a Vila Belga. Para ele, essas imagens carregam um valor especial, pois representam os registros mais antigos, com representações das casas vistas de perto, evidenciando como era o projeto de cidade naquela época.

As duas imagens explicitam também a infraestrutura da época, como a rua sem pavimentação, ou a presença de iluminação. Além disso, as construções junto do alinhamento, definiam o espaço público da rua.

A terceira imagem, representa o momento de descoberta e reconhecimento da Vila Belga pelo narrador. Foi tirada no interior do pátio de uma das casas, em 1998, quando o mesmo ainda estava na graduação de Arquitetura e Urbanismo. Na ocasião, os alunos tinham a tarefa de fazer o levantamento completo das casas da Vila e, após isso, propor um projeto. Na época em que a foto foi tirada, a Mancha Ferroviária — que inclui a Estação Férrea, o Colégio Manoel Ribas, a Vila Belga (40 casas geminadas), e os prédios da COOPFER (Cooperativa dos Funcionários da Ferrovia) — estava passando por um processo de tombamento e valorização patrimonial, que ocorreu em 2000.

As duas últimas imagens, foram fotografias tiradas pelo próprio narrador, no fim de semana anterior a entrevista. A penúltima foto, que aparece o edifício da Cooperativa, representa a preservação e conservação dos edifícios da Vila Belga. Na última, ele registra a casa em que fez o levantamento durante a graduação, agora reformada e pintada com novas cores.

Segundo o entrevistado, há uma série de elementos que podem ser observadas nas camadas presentes nas imagens-afeto. Essa perspectiva da Vila Belga, tanto nas imagens antigas quanto nas atuais, revelam o contorno do morro ao fundo, o que levanta uma discussão significativa na cidade. No entanto, voltando para a rua, há uma possibilidade interessante que pode ser observada, um potencial promissor. Principalmente com os novos projetos viabilizados pelo poder público. O narrador cita

ainda que havia um catador de material reciclável no contêiner da quarta foto, destacando os contrastes e desigualdades de Santa Maria.

2) SEGUNDO MOMENTO: RUA

No segundo momento, as imagens-disparadoras da temática “RUA” foram colocadas na mesa. O narrador pôde fazer conexões que julgou serem necessárias.

A imagem-texto “Conflitos/ Disputas” foi disposta juntamente com a imagem-afeto 4. Discutiu-se a percepção de uma conexão presente em duas perspectivas distintas: A primeira delas refere-se à disputa dentro da própria cidade, em uma sociedade desigual. Ao abordar a Vila Belga, percebe-se que o problema se estende por toda a cidade, especialmente na questão dos catadores de materiais recicláveis, uma situação que afeta a cidade como um todo. Por outro lado, surge também o conflito gerado pela especulação imobiliária nessa região. Essa prática resulta em áreas subutilizadas, levando as pessoas a preferirem morar distantes, nos arredores da cidade, para obterem um terreno próprio, mesmo que isso signifique percorrer 10 quilômetros de ida e volta, ao invés de morarem a apenas 5 minutos de distância do local de trabalho.

A imagem-texto “Infraestrutura” foi vinculada com uma das imagens-afeto, que retrata a Vila no passado, uma vez que a cidade passou por mudanças significativas com o passar dos anos, desenvolvendo principalmente a infraestrutura.

A imagem-texto “Paisagem” para o narrador, poderia estar vinculada com qualquer uma das imagens-afeto. Entretanto, a quarta, representa um contraste entre paisagens: a natural e a construída. Além das diferenças em comparação com a paisagem antiga: originalmente, havia uma ligação direta com a estação, sendo possível avistar a ferrovia ao fundo. Portanto, é uma sobreposição de camadas.

Algumas imagens-disparadoras, como a “Na rua durante o dia me sinto...”, evocaram sentimentos e memórias de momentos vivenciados pelo narrador no lugar. Desde a temperatura que estava no dia, as pessoas que compartilharam o momento, ou as sensações difíceis de explicar que vem juntamente com os registros das memórias.

Esta imagem ainda evocou algumas reflexões sobre a falta de arborização da Vila, herança de um urbanismo sanitarista, que atrapalha a apropriação nos dias de calor e sol intenso.

Nas imagens-figura, o narrador fez conexões com a situação da Vila e das pessoas de terceira idade: “Olhando as imagens, essas duas estão em categorias próximas, porque as duas me remetem a pessoas de terceira idade, talvez a questão da solidão. Mas muito mais que isso, o envelhecimento da Vila Belga e daquela região.”

Os edifícios, a cidade e a rua, são influenciadas pelos movimentos demográficos das pessoas que habitam esses locais. A fase atual da Vila Belga, com suas cores vibrantes e mudança de uso, está diretamente ligada à transição de proprietários e responsáveis pelas casas. Na época em que essas residências foram transferidas para os moradores, aparentemente a população era composta majoritariamente por idosos, o que resultou em um perfil de usuários diferente. Agora, uma nova geração está assumindo esses espaços. À medida que as pessoas mudam, o perfil dos usuários e a aparência da rua também se transformam.

Quanto às mudanças sociais e arquitetônicas do espaço, o narrador destaca também a presença de carros nas vias, consequência direta dos espaços comerciais e restaurantes presentes na Vila.

O uso residencial possui uma característica específica: devido à baixa densidade populacional, poucas pessoas circulam pelas ruas. Para o entrevistado, essas mudanças de uso podem ter impactos positivos, uma vez que, quando há atividades comerciais, o perfil muda. Portanto, acredita-se que com alguns restaurantes funcionando a noite, trará um ponto interessante para observar a movimentação noturna. As ruas da região poderão se tornar mais seguras e exigirão uma presença policial mais frequente, visando a necessidade de controle, especialmente porque há áreas próximas que são consideradas inseguras. Isso exigirá mais do município, mas provavelmente será benéfico para a região. Entretanto, o narrador destaca que precisa haver um equilíbrio entre atividades residenciais e comerciais.

3) TERCEIRO MOMENTO: APROPRIAÇÃO

A terceira combinação, formada com as imagens do grupo “Apropriação”, destaca os eventos e as manifestações artísticas que acontecem no espaço.

O narrador destaca que o uso monofuncional de um espaço pode ser prejudicial para a cidade. Quando a Vila Belga foi construída, ela ocupava uma posição periférica, destinada principalmente a fins residenciais. No entanto, a cidade se expandiu e se

desenvolveu além dessa região. Dessa forma, é necessário que a Vila possua outras atividades e funções, especialmente devido à falência dos equipamentos que existiam ali. Ainda assim, é essencial encontrar um equilíbrio, pois uma combinação de usos pode ser benéfica.

As imagens que representavam o fim de semana e eventos, para o narrador, representam o efêmero, as festividades que acontecem na Vila.

A imagem-texto “transformação” foi colocada em relação com outras duas imagens-figura. Esse agrupamento representa o distrito criativo, e o surgimento de novas ideias e conexões.

Já a imagem-texto “Cotidiano”, foi posicionada com a primeira imagem-afeto, que para o narrador representa “a residência, repetição, a uniformidade”, vinculada também com a população local, que utiliza o espaço no dia-a-dia (Figura 39).

Figura 39: Conexões realizadas durante a Dinâmica 01.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

4) QUARTO MOMENTO: 5 SENTIDOS

Para o entrevistado, o olfato remete a uma memória específica, de um momento em 2000, quando um dos edifícios da estação férrea sofreu um incêndio durante a noite. Segundo seu relato, ainda era possível visualizar as tesouras queimadas, que estruturavam o telhado que havia desabado. Além disso, havia muitos documentos queimados, e o cheiro de fumaça úmida pairava no ar.

O tato está vinculado com a terceira imagem-afeto, devido à lembrança e experiência intensa no local, o entrevistado cita as texturas das paredes e as sobreposições das camadas de tintas.

O paladar também está vinculado com a terceira imagem, pela lembrança da bebida (suco) que o morador da residência oferecia para o narrador durante os levantamentos. Vinculou também com a quarta imagem-afeto, com o espaço da cooperativa, que hoje é um restaurante.

A audição foi vinculada com a segunda imagem-afeto, principalmente devido ao barulho do trem, e o que ele representava para a população no passado: “Naquela época os relógios eram precários, no final do Século XIX, e as pessoas se guiavam muito pelos horários das igrejas, os relógios públicos. E no momento que surge uma linha de trem, que conecta as pessoas, tem que atentar para um horário que o trem parte ou chega, se cria e se uniformiza, como se fosse uma rede de horários.”

Vincula com a 5ª imagem-afeto, destacando as cores coloridas da Vila Belga. Para o narrador, por mais que esse padrão de cores possa dar a Vila um caráter de cenário, pode trazer também uma identidade para as residências, uma vez que são todas praticamente iguais. Mesmo assim, destaca que essa paisagem de hoje difere-se muito do que era no passado, mas que faz parte da evolução do lugar.

5) QUINTO MOMENTO: FINALIZAÇÃO

Ao final das combinações, percebe-se que se desenhou uma linha temporal com as imagens, e o desfecho é quase que propositivo, apontando para um futuro possível para a Vila Belga.

Para o narrador, é inevitável fazer esse movimento propositivo, uma vez que existem diversos projetos em andamento no local. É uma região que teve um passado vibrante, principalmente na época em que a ferrovia funcionava. Entretanto, com o passar dos anos, ela perdeu importância, atingiu seu ponto mais baixo nos anos 2000, quando a Cooperativa e o Clube deixaram de funcionar. Esses equipamentos eram responsáveis por fornecer vitalidade ao local. É crucial que esse dinamismo seja recuperado, mas de maneira equilibrada, para não prejudicar aqueles que ainda pretendem viver lá. O futuro e as novas possibilidades devem ser encarados com cautela, mas abrirão portas para a utilização do espaço.

ganhou reconhecimento e teve sua questão patrimonial divulgada, promovendo a valorização do patrimônio histórico.

A ideia original do Brique surgiu de duas moradoras, uma delas ainda reside na Vila. Elas expressaram o desejo de organizar uma feira onde pudessem expor seus produtos em frente às suas casas nos domingos. A primeira reunião para discutir o evento foi realizada em sua casa, com a participação de 28 moradores. Desde o início, ele enfatizou a importância do patrimônio histórico da Vila Belga, apresentando o histórico do local aos moradores, inclusive aqueles que eram novos na região.

É notável que, desde o princípio, foram estabelecidos fundamentos sólidos para a criação do Brique. Dessa forma, o evento se tornou um importante marco na Vila Belga, valorizando seu patrimônio histórico e proporcionando um espaço de exposição e comércio para os moradores da região.

2) SEGUNDO MOMENTO: RUA

Ao falar sobre as imagens-disparadoras com a temática do espaço físico da rua, emerge a questão da acessibilidade no espaço público. A falta de infraestrutura, como rampas, ou o calçamento irregular, já causaram diversas situações desconfortáveis para pessoas com deficiência ou idosas.

As rampas nas calçadas existem, entretanto, são insuficientes, pois não contemplam todo o percurso das ruas. Em dias de Brique a situação piora, já que os expositores ocupam o espaço do passeio público, e o calçamento do meio das ruas é irregular.

Em relação à imagem “Na rua durante a noite me sinto...”, o entrevistado salienta que se sente seguro em morar no lugar. A proteção vai além das câmeras de segurança, e abrange também a comunicação entre os vizinhos, “qualquer problema que possa ocorrer, sempre tem alguém para alentar”.

Sobre os “Conflitos/ Disputas”, o narrador cita as desavenças que surgem das diferenças e diversidades, que podem ocorrer em qualquer comunidade. Nesse cenário, os grupos de WhatsApp dos moradores podem se tornar cenários propícios para discussões, especialmente quando surgem divergências políticas. Esses conflitos e divergências são considerados normais, pois são uma manifestação natural das interações entre pessoas que convivem frequentemente.

Apesar dos conflitos existentes, há momentos de solidariedade e apoio mútuo entre os moradores. Mesmo nas diferenças, os habitantes da Vila cuidam uns dos outros. Nesses momentos de necessidade, as disputas desaparecem. Nesse contexto, a cooperação é positiva, existem vizinhos que assumem um papel de “guardiões”, especialmente quando se trata da saúde e bem-estar dos outros residentes, principalmente dos mais idosos.

Sobre as modificações do espaço, o narrador traz novamente a discussão sobre o Brique e sua importância histórica não somente para a vila, mas para toda cidade. No momento de sua criação, Santa Maria estava passando por um período de paralisação e tristeza devido à tragédia da Boate Kiss, o que resultava em poucos eventos ocorrendo nas ruas da cidade. No entanto, quando o evento foi estabelecido, as pessoas sentiram a vontade de participar, já que se tratava de um evento ao ar livre. Isso gerou um sentimento de acolhimento e as famílias abraçaram a iniciativa desde o início.

Antes do seu surgimento, a região possuía poucos estabelecimentos comerciais, como uma farmácia e o Museu do Azulejo. Assim que o Brique começou a acontecer, vários outros estabelecimentos abriram na região, como galerias de arte, um brechó, o Empório da Relíquia, lojas de artesanato, entre outros.

3) TERCEIRO MOMENTO: APROPRIAÇÃO

Algumas imagens remeteram aos momentos de fim da tarde, quando os moradores sentam em cadeiras na frente de casa e as crianças vão para a rua brincar, enquanto seus pais observam de perto, tomando chimarrão.

A imagem-texto “Manifestações artísticas”, para o narrador, está diretamente vinculada ao Brique e as possibilidades que podem ser desenvolvidas na Vila, despertadas pela visibilidade que o evento trouxe, “novas manifestações e outras possibilidades, não só pra moradia.”

É compreensível que algumas resistências surjam diante das transformações ocorridas, principalmente em relação ao fato de algumas casas deixarem de ser utilizadas como moradias. É importante considerar que, com o fim da ferrovia, a função primordial de morar na Vila também se modificou, bem como o perfil dos moradores também se diversificou ao longo do tempo.

4) QUARTO MOMENTO: 5 SENTIDOS

Sobre a “Audição”, o narrador vincula com o apito do trem, desde a infância, é uma lembrança viva. Entretanto, ela permanece, mesmo que não exista mais o trem de passageiros como antes, ainda pode-se ouvir o trem de carga passando nos trilhos da ferrovia.

Em relação a “Visão”, a presença dos morros é uma característica marcante e especial na paisagem local.

A imagem que traz reflexões sobre o “Paladar”, evocou memórias afetivas e nostálgicas. Os biscoitos sortidos com formatos de chave, bonecos e outros desenhos traziam encanto e diversão às compras na antiga padaria que existia na Vila.

5.2.2.3. DINÂMICA 03

Data: 26 de junho de 2023.

Local: Prefeitura de Santa Maria.

Sobre a narradora: A participante da Dinâmica é Arquiteta e Urbanista. Foi presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil (Núcleo de Santa Maria), de 2020 a 2022. Atualmente é presidente do Conselho do Patrimônio Histórico e Cultural de Santa Maria.



Figura 41: Combinações de imagens da Dinâmica 03. Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

1) PRIMEIRO MOMENTO: IMAGENS-AFETO

A narradora organiza as imagens afetivas de acordo com categorias específicas. A maioria representa os dias de brique. Ela destaca em uma das fotografias os vasos de flores nas janelas, “deixam esse ar mais bucólico da Vila Belga que é característico”. Em uma das imagens, evidencia a intervenção artística presente em um dos muros da Vila.

Por último, menciona as fotos que remetem o Clube dos Ferroviários, destacando a sua importância afetiva. As imagens retratam não apenas o próprio Clube, mas também carregam consigo a relevância simbólica de um espaço que se tornou um ponto de referência significativo.

2) SEGUNDO MOMENTO: RUA

Uma das imagens-figura, para a narradora, remetem ao passado ferroviário, evocando a sensação de que a Vila Belga abriga predominantemente pessoas mais velhas

em comparação com os moradores mais jovens. Essa imagem revisita a percepção de uma população envelhecida.

A imagem disparadora que ilustra carros em uma via, trouxe a discussão sobre uma mudança significativa nos últimos tempos em relação ao movimento de veículos na região. Anteriormente, esse fato não estava diretamente relacionado à Vila, mas recentemente, devido à inauguração de restaurantes no local, houve um aumento significativo na atividade noturna, atraindo um grande número de pessoas e, conseqüentemente, mais carros, que acabam estacionando na via. Já a imagem com pessoas caminhando lembrou o Brique, bem como a imagem-texto "Na rua durante o dia me sinto".

A imagem disparadora que representava um sol, remeteu ao calor que fazia no registro de uma das imagens afeto, em um dia de verão. Apesar do calor, a narradora lembra do vento suave que amenizava o sol forte naquele dia.

Durante a noite, ela sente-se segura ao caminhar pelas ruas. Existe uma sensação de renovação e vitalidade trazida pela presença do novo estabelecimento na Cooperativa, um exemplo de acupuntura urbana. Para ela, essa iniciativa trouxe de volta uma vida que há muito tempo não era percebida, com muitas possibilidades de conexões e movimento.

Sobre a paisagem, a narradora destaca algo que acontece na Rua Manoel Ribas: na parte mais alta da rua existe a vista e a presença dos morros no fim da via, entretanto ao caminhar e descer até a parte mais baixa, existe a presença de uma edificação, construída irregularmente em uma área de ocupação patrimonial, que bloqueia esse visual. Além disso, destaca também a vista o pôr do sol, visível de forma plena em poucas ruas da cidade.

A imagem "Infraestrutura", foi atribuída aos equipamentos arquitetônicos. Para a narradora, esses elementos podem ser vistos como pontos de acupuntura urbana, capazes de injetar nova vida e energia a região.

Em relação aos "conflitos e disputas", é ressaltado por ela que, novas oportunidades de empreendimentos podem levar à gentrificação. Esse movimento pode resultar no afastamento da população local. Por outro lado, a inversão de usos é uma das razões que permitem e ampliam as possibilidades de manutenção da Vila. Principalmente

com a presença de artesões, comerciantes, ou artistas no local. Para ela, quanto mais atratores existirem, mais possibilidades de manter a Vila e sua memória viva na cidade.

Pensando na preservação do patrimônio, o Distrito Criativo pode ser muito positivo. Entretanto, a essência residencial pode se perder, “talvez seja uma escolha que a gente tenha que tomar.”

3) TERCEIRO MOMENTO: APROPRIAÇÃO

As imagens-disparadoras que remetem a espaços lúdicos e manifestações artísticas, remetem ao projeto que será futuramente executado no Clube dos Ferroviários. No projeto, a área pública poderá “invadir” o espaço, gerando outros tipos de apropriações.

Mesmo com tantas mudanças, as imagens que evocam o cotidiano da Vila, ampliam a discussão sobre as apropriações do dia-a-dia. Para a narradora, esse tipo de convívio entre vizinhos sempre irá existir, “por mais que ocorram outras apropriações, outro “invasores””. Principalmente pela interação que existe entre moradores e visitantes do lugar.

Durante a conversa, a narradora conta sobre um acontecimento que chamou atenção o desconhecimento da população do entorno imediato sobre os estabelecimentos funcionando na Vila Belga. Esse fato, trouxe reflexões sobre a Vila enquanto um espaço aberto, mas, ao mesmo tempo, fechado ou escondido para o restante da população. A atmosfera tão diferenciada da Vila, muitas vezes pode causar a sensação de ser uma comunidade fechada, quase inacessível, como se existisse uma barreira invisível na região.

4) QUARTO MOMENTO: 5 SENTIDOS

O sentido do tato está relacionado à materialidade arquitetônica presente na Vila Belga, como a textura da pedra grés, as paredes, o chão, e assim por diante. A visão está relacionada com morros, esse visual é descrito como uma característica marcante.

Quanto ao paladar, destaca as refeições servidas no novo restaurante da Cooperativa. A audição é associada especialmente ao apito do trem, que faz parte da paisagem sonora local.

No que diz respeito ao olfato, a entrevistada menciona que o cheiro da Vila Belga está relacionado aos óleos essenciais, pois é onde ela os compra, em dias de Brique.

Por fim, quando questionada sobre os próximos passos para o futuro da Vila, a entrevistada menciona que um desafio constante será conciliar a preservação da memória com a sustentabilidade, ao manter os marcos arquitetônicos como instrumentos de preservação da memória, evitando descaracterizá-los, ao mesmo tempo em que busca trazer vida e garantir a sustentabilidade do local.

5.3. O QUE EMERGIU DOS MÉTODOS

Os dois métodos aplicados, tanto as Constelações de Instantes, como as Aproximações, trouxeram diferentes contribuições para a compreensão da apropriação nas ruas da Vila Belga. Dessa forma, é importante elencar alguns pontos que se destacaram em cada levantamento.

5.3.1. CONSTELAÇÕES DE INSTANTES

Nas Constelações, o horário e temperatura de cada dia, influenciavam diretamente na ambiência da rua, bem como a frequência ou o modo como as pessoas utilizavam o lugar.

Nos quatro instantes realizados, em diferentes dias e horários, as ruas da Vila Belga revelaram novas atmosferas, diferentes entre si. As imagens capturadas e destacadas refletem as características únicas e a ambiência peculiar de cada instante (Figura 42).

Figura 42: Destaques das Constelações de Instantes.



Fonte: Autora, 2023.

No primeiro instante, o espaço era quase um vazio, devido à falta de apropriação e acontecimentos marcantes. A paisagem agradável, contrastava com o desconforto térmico de um dia muito quente de verão. As calçadas, sem arborização ou mobiliário para sentar, faziam com que fosse fisicamente impossível permanecer por muito tempo no lugar. Além disso, as janelas fechadas aumentavam a sensação de isolamento e insegurança na rua.

Já o segundo instante, foi realizado em um dia de Brique da Vila Belga. Nesse dia, o espaço era convidativo para atividades de permanência, e a falta de mobiliário não parecia ser um problema. As janelas e portas se abriam e o evento expandia a apropriação no entorno imediato. Destaca-se a dupla de meninas vendendo bijuteria de

miçangas, com a mesa na calçada em frente à casa, em uma das ruas onde o evento não estava acontecendo. Esse fato simboliza o significado que o Brique tem para a região, beneficiando tanto a economia, como a apropriação e a socialização.

No terceiro instante foi possível, finalmente, perceber a Vila como *lugar* e a rua como uma extensão da casa, dessa vez no cotidiano. As crianças ampliavam a imaginação e transformavam a rua em um playground informal.

O quarto instante corresponde a um momento do cotidiano bem característico do local: no fim de tarde, moradores reúnem-se em frente às casas, tomando chimarrão e conversando em uma atmosfera calma e acolhedora. Destaca-se a descoberta de uma nova paisagem: a Gare da Estação, vista através do fundo de um quintal na Vila.

Assim, cada instante pôde ser percebido no contato do “corpo cidade” com o corpo humano, com base no modo de fazer cartográfico. Essa forma de apreensão possibilitou um contato mais intenso e pessoal com o estudo de caso. Ao direcionar a atenção aos detalhes e as sensações, o lugar expressou novas peculiaridades.

Destacam-se alguns momentos e detalhes, como as crianças brincando na calçada, ou o aro de uma cesta de basquete presa à grade de segurança em uma das janelas, representando um embate simbólico entre a proteção do espaço privado e o uso livre da rua.

5.3.2. APROXIMAÇÕES

Nas entrevistas foi possível explorar ainda mais o uso da imagem como instrumento e disparador da pesquisa.

5.3.3. ESCUTA

Na Escuta, realizada com 2 narradores, moradores mais antigos da Vila Belga. Alguns pontos emergiram e merecem ser destacados, como a memória da Ferrovia e a dinâmica da Vila Belga quando ela ainda funcionava com trens de passageiros. Foi

possível ainda perceber a importância de edificações e seus usos anteriores, como a sede da Cooperativa, que foi citada como o “primeiro shopping de Santa Maria”, e o Clube dos Ferroviários, que abrigava diversos eventos importantes para comunidade. Além disso, as festividades do Dia do Vizinho destacam-se quando o assunto é apropriação da rua.

Alguns detalhes também emergiram, como a existência de uma passagem para conectar a Ferrovia e a Vila, o “beco”. A obstrução dessa passagem, simboliza uma conexão que foi materialmente encerrada, mas simbolicamente sempre existirá.

Além disso, destaca-se a relação de proximidade entre os moradores da Vila, onde uma comunidade forte foi formada, mesmo com tantas mudanças em curso.

Foram produzidas duas colagens, para cada uma das entrevistas, que ilustram e representam para a autora o que emergiu, tanto das Constelações de imagens apresentadas, como da fala dos narradores. Com a inserção de novas imagens, a narrativa visual intensifica a potência do encontro e da experiência compartilhada com cada um (Figura 43).

ESCUTA 01:



ESCUTA 02:



Figura 43: Narrativa Visual da Escuta. Fonte: Autora, 2023.

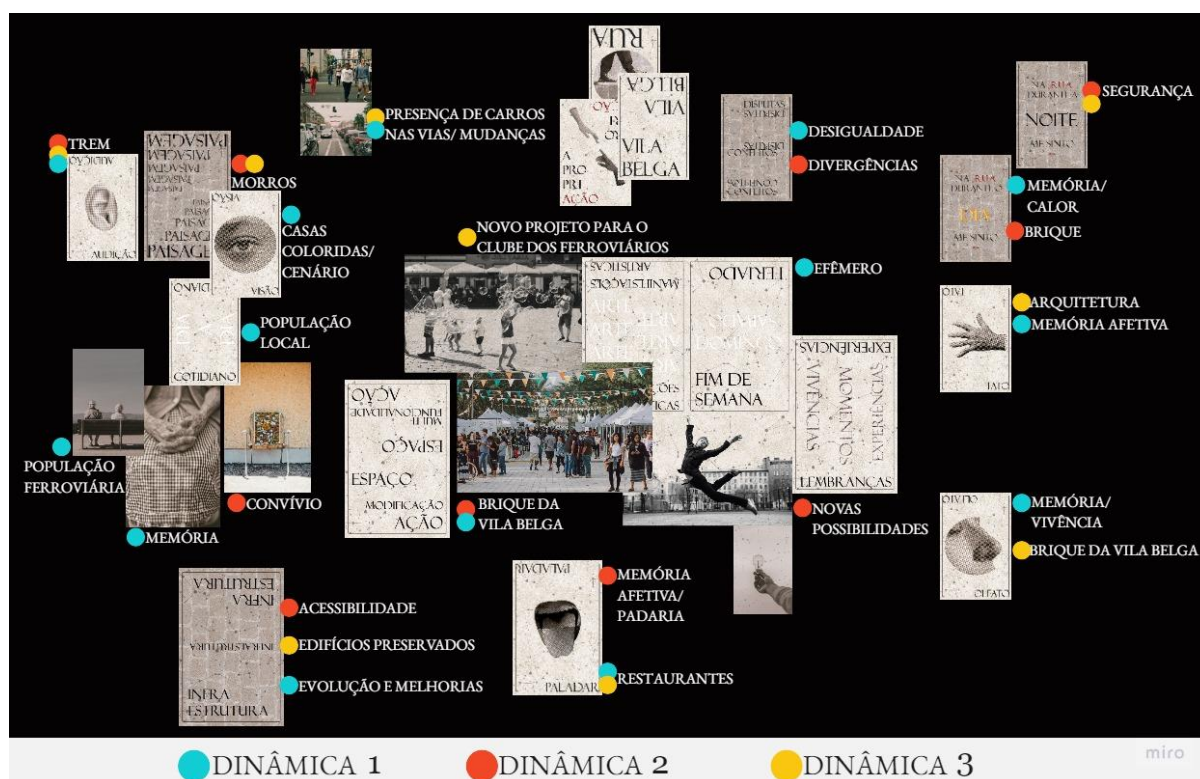
5.3.4. DINÂMICA

Na Dinâmica, realizada com 3 narradores, alguns pontos importantes foram observados. Primeiramente, as imagens-afeto, enviadas pelos entrevistados, trouxeram algumas discussões iniciais importantes para entender a relação da pessoa com o lugar, além de evocar lembranças e experiências interessantes.

As imagens-disparadoras guiaram a conversa, trazendo temas relevantes que muitas vezes poderiam não surgir durante uma entrevista estruturada com perguntas. Já as conexões com as imagens, no final de cada Dinâmica, apresentaram resultados diferentes.

A Figura 44 explicita as principais conexões realizadas pelos narradores, através das Imagens Disparadoras, durante as 3 Dinâmicas, bem como as vinculações com temas relacionados com a Vila Belga, que emergiram de cada imagem ou de cada conexão.

Figura 44: Destaques e principais conexões realizadas durante as Dinâmicas.



Fonte: Autora, 2023.

Na primeira dinâmica, o narrador construiu relações entre as imagens, seguindo um fio condutor temporal, que teve como base principal suas próprias imagens-afeto.

Nos diferentes momentos da conversa, ele pode movimentar as imagens-disparadoras e tecer comentários sobre as temáticas apresentadas. Por fim, a constelação formada criou uma linha temporal que incluía passado, presente e futuro.

Na segunda dinâmica, o narrador não movimentou a maioria das imagens-disparadoras. Entretanto, as imagens apresentadas contribuíram com sua narrativa e lembranças sobre o lugar, como também para acessar tempos passados e refletir sobre o presente.

Na terceira dinâmica, algumas conexões foram formadas com as figuras. As imagens-afeto explicitaram a relação da narradora com o local. Nas suas conexões, as imagens que representavam a arquitetura e o patrimônio estavam presentes, além das divagações sobre o futuro da Vila Belga, que aparece como um momento promissor, principalmente devido aos projetos que estão sendo implementados ali.

Capítulo 6

ATRAVESSAMENTOS

Este capítulo discute e traz reflexões, que surgiram a partir dos métodos de pesquisa utilizados, sobre as dinâmicas de apropriação da rua na Vila Belga e os elementos que influenciam o uso do lugar. A partir dos resultados e informações obtidas em torno desses aspectos, as interpretações foram separadas em categorias, de acordo com as temáticas que emergiram. A primeira, objetiva ponderar sobre o uso do espaço público na Vila Belga, entendendo a rua como uma extensão da casa. A segunda, expõe a importância histórica do lugar, a memória ainda presente nas materialidades e imaterialidades, além das transformações que pulsam no espaço. Por fim, a valorização da arquitetura e da paisagem da Vila são temas que emergiram frequentemente na pesquisa.

As pausas, realizadas com colagens, anteriores a cada subcapítulo, visam explicitar a narrativa visual e os elementos que se destacaram no processo de interpretação das informações obtidas.

O USO DO ESPAÇO PÚBLICO:
A RUA COMO EXTENSÃO DA CASA

VUÉLVEME
TU SUSPIRO



HABITO
COM FRENI E
LA LUNA

Figura 45: Collage "Apropriação". Fonte: Autora, 2023

6.1. O USO DO ESPAÇO PÚBLICO: A RUA COMO EXTENSÃO DA CASA

A apropriação (e a não apropriação) do espaço público da Vila Belga envolve diversos fatores. Na colagem “Apropriação” (Figura 45), a narrativa visual explicita elementos importantes para compreender o uso do espaço público da Vila Belga, como as atividades identificadas no cotidiano, ou as dificuldades enfrentadas para tal.

O uso de espaço público na Vila Belga se divide em dois momentos principais: o evento e o cotidiano. As festividades e acontecimentos atraem pessoas que usualmente não vivenciam o local, e atualmente, são os principais atratores de visitantes. O mais significativo, o Brique da Vila Belga, surgiu de uma necessidade e um desejo dos próprios moradores, que queriam fazer da rua um espaço de encontro e economia criativa, em um momento que a Vila passava por problemas que envolviam o esquecimento e negligências.

Com o passar dos anos, o evento foi aos poucos ampliado, ganhando visibilidade e importância em toda cidade, atraindo um número expressivo de visitantes. Essa visibilidade contribuiu também para destacar a importância patrimonial e histórica da região, reforçando a identidade e cultural do local. Nesse contexto, cria-se um estímulo constante à criatividade e promoção da cultura, em um terreno fértil para artistas, empreendedores e pequenos produtores da cidade.

Durante o evento, é possível observar a diminuição entre limites de público e privado, proporcionando uma convivência praticamente utópica, como ressalta Roberto DaMatta (DAMATTA, 1997). Os espaços comerciais desempenham um papel importante, permitindo que as pessoas possam permanecer por mais tempo no local, interagindo também com a arquitetura presente.

A interação dos moradores com visitantes pode ser sentida inclusive nas ruas onde o evento não acontece, incentivando o convívio social. Moradores abrem suas portas, sentam em frente as casas, olham através das janelas, ou até mesmo participam do evento, vendendo seus produtos.

Assim, existe uma melhora da imagem pública e valorização do patrimônio histórico da Vila Belga, transformando também a paisagem, com mudanças estruturais,

como a restauração de fachadas e a recuperação de edifícios importantes para a comunidade, como a Cooperativa e o Clube dos Ferroviários. Esse fator, contribui para criar um ambiente mais atrativo para turistas e investidores.

A importância do Brique pôde ser sentida na conversa com moradores do local, como também nas experiências em campo durante a realização do evento. Durante a pesquisa, se sucederam muitos encontros e atravessamentos com pessoas que possuem uma relação direta com o Brique e, conseqüentemente, com a Vila Belga.

Já no cotidiano, durante as visitas de campo e mapeamentos realizados, foram elencados os principais tipos de apropriações, divididas entre atividade de permanência, passagem e lúdica, expostas no Quadro 15:

Quadro 15: Usos cotidianos.

TIPO DE USO COTIDIANO	ATIVIDADE	ONDE
PERMANÊNCIA	Sentado no batente da porta	Rua Doutor Wauthier e Manoel Ribas
	Sentado em cadeiras na calçada	Todas as ruas
	Descansando/esperando	Rua Doutor Wauthier e Manoel Ribas
	Fotografando	Rua André Marques e Manoel Ribas
	Pessoas reunidas em frente a espaço comercial ou garagem	Rua André Marques e Manoel Ribas
PASSAGEM	Entrando ou saindo de estabelecimento comercial ou residência	Rua André Marques, Manoel Ribas e Ernesto Beck.
	Passando	Todas as ruas.
	Passeando com cachorro	Rua Ernesto Beck e Doutor Wauthier
LÚDICA	Crianças brincando	Rua Manoel Ribas
	Andando de skate	Rua Manoel Ribas

Fonte: Autora, 2023.

Nas apropriações que decorrem de uma determinada permanência no espaço, sendo uma atividade necessária ou opcional, cria-se uma interação mais lenta com o espaço. Para que isso aconteça, a rua deve ser interessante e atrativa, para que as pessoas escolham sair de seus quintais e sentar na frente de casa, ou abrir as janelas e olhar para o lado de fora. Portanto, o espaço público precisa fornecer as condições necessárias para que as pessoas permaneçam nele confortavelmente (JABOBS, 2007; GONÇALVES, 2020). Dessa forma, condições como conforto, bem-estar térmico, paisagem, convívio, privacidade e segurança são elementos essenciais para promover a permanência no local.

Nas atividades de permanência da Vila Belga, mesmo que o espaço não forneça todas as condições necessárias, algumas apropriações foram identificadas. Sentar em frente à casa em cadeiras de abrir é a atividade mais realizada por moradores. Na ação de mover uma cadeira para a calçada, o usuário pratica uma modificação temporária, onde o objeto passa a fazer parte do espaço público apenas por um período de tempo, resultado da familiaridade e proximidade com o lugar, além do desejo de usufruir de determinado espaço.

Sentar no batente da porta é uma alternativa que não depende de uma infraestrutura específica para a ação de permanecer. A soleira cria uma transição suave e uma ligação entre áreas que possuem limites territoriais distintos. De um lado, a via pública e, do outro, a esfera privada (HERTZBERGER, 1999). Na Vila, essa ação foi identificada principalmente na Rua Doutor Wauthier.

Outras ações foram também identificadas, como a presença de pessoas descansando e esperando, sem um objetivo claro para permanecerem no espaço. Além disso, existiam pessoas contemplando a paisagem, fotografando sozinhas ou em grupo.

Ainda dentro das ações de permanência, os espaços comerciais e as garagens desempenham um papel importante para reunir pessoas no limiar entre público e privado.

Já as ações de passagem, referem-se a pessoas entrando e saindo de suas casas ou estabelecimentos, ou simplesmente transitando pelo espaço. Além disso, algumas pessoas passeavam com seus cachorros na calçada.

As apropriações observadas estão relacionadas também com a ambiência e particularidades de cada rua, principalmente as atividades lúdicas. Em ruas onde a presença de carros é menor e a calçada é mais larga, como a Manoel Ribas, as crianças podem brincar com mais liberdade, utilizando o espaço e a imaginação a seu favor: dois chinelos de dedo viram uma goleira, e o poste de luz, um esconderijo.

Para Jane Jacobs, as crianças da cidade necessitam de locais onde possam brincar e aprender, preferencialmente nas ruas perto de casa, ao ar livre, onde elas possam se divertir, se movimentar e adquirir noções de mundo. Nesse contexto, os adultos assumem um papel importante na vigilância das crianças, mesmo de longe (JACOBS, 2007).

As calçadas são grandes aliadas nas brincadeiras urbanas, pois propiciam uma recreação informal, onde a criança é capaz de exercitar o imaginário enquanto aprende sobre a vida pública. Para que isso ocorra, não é necessário nenhum tipo de equipamento específico, mas sim um local conveniente e interessante. Portanto, quanto mais largas forem as calçadas, mais elas propiciam a recreação, bem como outras variedades de usos. Em contrapartida, quanto mais estreitos forem os passeios públicos, mais as crianças podem “escapar” para o espaço da rua, tornando a atividade insegura (JACOBS, 2007).

Já na Rua Ernesto Beck, as calçadas são mais estreitas e o fluxo de carros é maior, dificultando a apropriação para diferentes usos. Além disso, a topografia é íngreme. Ainda assim, alguns moradores utilizam a calçada para sentar na frente de casa, principalmente aos fins de semana.

Além das atividades e usos observados, foram identificadas também algumas dificuldades para apropriação da rua.

Um dos pontos verificados é a falta de infraestrutura, como bancos ou outros mobiliários urbanos que facilitam a permanência. A presença de pessoas confere uma nova dimensão aos espaços públicos e, para viabilizar isso, o mobiliário urbano desempenha um papel essencial, viabiliza o ato de parar para contemplar o espaço ou para socializar. Dessa forma, sem esse equipamento, o visitante não se sente convidado a permanecer no local.

O calor nos dias de verão também é um fator importante para compreender a apropriação na Vila. Em temperaturas muito quentes, poucas pessoas utilizavam a rua em longos períodos. Na Rua André Marques, a única com arborização, alguns moradores procuravam sombras para sentar e tomar chimarrão, em pontos mais arborizados. Além disso, a realização do Brique é paralisada durante os meses de forte calor, como janeiro e fevereiro.

Infelizmente, segundo o Manual de Revitalização da Vila Belga, fornecido pela Prefeitura de Santa Maria, com apoio de outros órgãos responsáveis, o plantio de árvores de pequeno, médio ou grande porte nas calçadas não é permitido. Esse fator prejudica a apropriação da rua, principalmente no verão. Nesse contexto, surge o questionamento se, nesse caso, a flexibilização das normas poderia ser uma alternativa viável, desde que

realizada de forma cuidadosa e embasada em estudos técnicos, promovendo equilíbrio entre a preservação do patrimônio e a melhoria das condições de vida urbana.

A falta de infraestrutura adequada também atinge as questões que envolvem a acessibilidade. As calçadas e ruas com irregularidades e inexistência de rampas em todos os locais necessários, muitas vezes contribui para excluir ou prejudicar o uso pleno da rua por certos grupos como idosos, pessoas com deficiência ou famílias com crianças pequenas.

Outro fator agravante, é a sensação de insegurança que muitas vezes assombra os lugares públicos da cidade. Dos 5 entrevistados, dois relataram que se sentem inseguros ao utilizar o espaço da rua, principalmente durante a noite. Assim, muitos moradores preferem ficar no espaço seguro e privativo da casa ou do quintal.

Nesse contexto, torna-se necessária a reflexão sobre a distinção entre casa e rua, uma vez que essa dualidade pode influenciar diretamente na utilização do espaço público e vão além das questões que envolvem segurança. Na perspectiva de Roberto DaMatta, em "A Casa e a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil", "casa" e "rua" são elementos sociológicos fundamentais. Muito além de espaços físicos e construídos, são esferas de ação social. Casa e rua não se misturam sem criar conflito. Possuem códigos e condutas sociais diferentes. A oposição entre os dois apresenta aspectos complexos e que estão em constante movimento, já que as dinâmicas sociais também se modificam com o passar dos anos (DAMATTA, 1997).

A distinção entre casa e rua é marcada por suas características opostas e simbólicas. Enquanto a casa simboliza espaço privativo e hospitaleiro, a rua representa território público, muitas vezes ligado ao medo e ao desconhecido. Entretanto, mesmo representando dinâmicas tão opostas, DaMatta não os classifica como uma oposição absoluta e imutável, uma vez que existem espaços na rua com características de casa, onde determinados grupos sociais o ocupam e vivem como se "estivessem em casa", bem como elementos de casa que se conectam com a rua. Mesmo assim, expressões como "vá para o olho da rua" tem um significado violento, já que simbolicamente a casa é sinônimo de amor, cuidado e humanidade (DAMATTA, 1997).

Se em casa é possível exercer um papel pleno de cidadão, ser ouvido e realizar atividades que poderiam ser condenadas no espaço público, na rua os indivíduos

assumem um papel de “subcidadão”, de anonimato, sem voz diante das “autoridades”. Dessa forma, a rua se torna um lugar propício a nocividades, ao vandalismo e depredação, principalmente quando indivíduo não se sente pertencente àquele espaço (DAMATTA, 1997).

Ao retratar a rua como o espaço do perigo e a casa como segurança, as observações de Roberto DaMatta ressaltam a visão de boa parte das pessoas, como também foi observado em alguns momentos na Vila Belga.

O medo da rua parece estar enraizado na sociedade brasileira, afetando diretamente na maneira como ela é utilizada e apropriada, mesmo em um espaço relativamente seguro, como a Vila Belga. O interior das casas e os quintais, cercados com muros, grades e/ou cercas elétricas, viram espaços mais atrativos de lazer, como relataram dois moradores entrevistados nessa pesquisa.

A insegurança pode ser sentida também nas materialidades, como as grades nas janelas, que estão presentes em boa parte das casas da Vila, principalmente na Rua André Marques, onde as janelas são mais baixas, ou seja, mais próximas da calçada e, conseqüentemente, mais vulneráveis. Além disso, durante as visitas em campo, observou-se que a maioria das portas e janelas ficavam constantemente fechadas, o que dava a sensação de isolamento ao andar pelo passeio público. Perdem-se, assim, os “olhos da rua”, que segundo Jacobs, propiciam uma vigilância natural (JACOBS, 2007). Atualmente, essa vigilância acontece de forma remota, principalmente com câmeras distribuídas pelas ruas da Vila, que podem ser acessadas pelos moradores nos seus smartphones.

Para o sociólogo Zygmunt Bauman (1925-2017), a ideia de se estar constantemente em perigo, são sentimentos inerentes à sociedade moderna. O medo do crime, dos criminosos e o resultante isolamento, alteram e influenciam na percepção da vida urbana e na apropriação dos espaços públicos. Assim, a noção de que é possível haver uma segurança completa está fadada ao fracasso. Diante desse fato, culpabiliza-se “o outro”, os estrangeiros, os desconhecidos, implicando na existência de algum delinquente, e o dever de se proteger e “cuidar de si próprio”, recai sobre o indivíduo (BAUMAN, 2002).

Diferente do que é observado na Vila Belga, no ambiente urbano, assolado pelo medo, as residências passam a ser construídas para salvaguardar seus habitantes, ao invés de integrá-los a uma comunidade. Dessa forma, a ideia de “segurança” da Vila Belga, está muitas vezes ligada a proximidade entre vizinhos, o senso de comunidade e união, onde “um cuida do outro”, o que favorece para que os habitantes da Vila possam se sentir mais seguros em suas residências ou até mesmo no espaço público da rua. A proteção, nesse caso, é coletiva.

A forma como a Vila foi pensada e projetada, promove interação e proximidade física entre as pessoas que residem no local. Além disso, sua configuração urbana, permite também que o espaço possa estar vinculado com o restante da cidade, possibilitando a inserção de outras pessoas na comunidade. Assim, para Bauman, “quanto mais o espaço e a distância se reduzem, maior é a importância que sua gente lhe atribui” (BAUMAN, p. 37, 2002).

Diante do medo e da sensação de insegurança, as ruas da cidade passam a perder a espontaneidade e a capacidade de surpreender, ou seja, perdem seus maiores atrativos. É no espaço público que a vida urbana alcança sua máxima expressão. São áreas de fragilidade e vulnerabilidade, mas também são lugares onde se encontram oportunidades de descoberta e aprendizado. Os locais públicos são os pontos cruciais nos quais o futuro da vida urbana é decidido, desempenhando um papel crucial na definição do futuro da vitalidade da cidade (BAUMAN, 2002).

Assim, nos espaços públicos como a rua, a coexistência com a diversidade, incentivadas por iniciativas como o Brique ou as apropriações informais de moradores no dia a dia, possuem a capacidade de mitigar os desafios causados pelas raízes do medo urbano. Ao valorizar a criatividade das diversas culturas e reconhecer como elas enriquecem a vida, é possível também criar um diálogo significativo entre as diferenças. Isso contribui para tornar a convivência mais vibrante e intensa, buscando soluções e entendimentos mútuos (BAUMAN, 2002).

Por fim, percebe-se que o uso do espaço público na Vila Belga, está ligado tanto a questões físicas e arquitetônicas, como sociais e econômicas. Entender a relação entre espaço público e privado, pode também trazer discussões primordiais para o entendimento das dinâmicas existentes no uso e apropriação do lugar analisado. São

dinâmicas complexas e, ao olhar para o estudo de caso, é possível perceber como as relações sociais e de cidadania interferem diretamente na maneira como as pessoas interpretam o espaço público da rua.

O LUGAR DO PASSADO

“Orgulho de ser ferroviário”

A rua já está enfeitada
para o dia do vizinho
recebam os visitantes
com alegria e com entusiasmo.
Nossa viagem com o trem
continuou e continuará
enquanto tivermos
trem sempre
nas trilhas.

Projeto preserva
a Vila P...

PADARIA E FABRICA DE MASSAS

COOPERATIVA
E.V.F.R.G.S.

E AGORA,
VIZINHO?

6.2. O LUGAR DO PASSADO

Os vestígios das mudanças na paisagem urbana da Vila Belga são um reflexo de escolhas sociais, econômicas e culturais materializadas no tempo. São estas impressões que permitem juntar fatos e conectar as diferentes camadas e temporalidades presentes no espaço. No tempo presente, a Vila é um lugar de modificações pulsantes, tanto de ideias, como materiais. Passado, presente e futuro se sobrepõem. Para Jacques,

O passado, o “outrora”, permanece um espaço de luta e de tensão no presente, no tempo do “agora”, mas também nos sonhos de futuro, [...]. Trata-se de confrontar a linearidade temporal ao explicitar o encontro conflituoso (que gera faíscas) do “outrora” com o “agora”, que permite sobrevivências, emergências e insurgências de outros tempos (JACQUES, 2020, p. 389).

Uma cidade, pode possuir dentro de si, diversas outras cidades. Lugares do passado, contidos no lugar do presente (PESAVENTO, 2005; 2007). O principal desafio é conectar o lugar do momento presente, e todos os outros momentos e lugares que se espalham ao longo de um mesmo espaço. Georges Poulet (1902-1991), ao analisar a obra “Em Busca do Tempo Perdido” de Marcel Proust, indica que os lugares são mutáveis e instáveis, assim como as imagens, lembranças e memórias, criadas através do pensamento. Nessa perspectiva, o espaço não é apenas um cenário físico objetivo e estático, mas uma dimensão subjetiva e fluída, moldada por lembranças e emoções (POULET, 2000).

Dessa forma, na perspectiva individual ou coletiva, os lugares podem se misturar, sobrepôr e fundir-se uns aos outros, criando uma espécie de colagem de memórias e experiências, onde as lembranças fluem e se entrelaçam, muitas vezes imprecisas e de forma não linear. Isso explicita a subjetividade da experiência humana e como a memória e a percepção individual moldam a forma como o indivíduo vê e percebe o mundo.

Nessa perspectiva, se um lugar é perdido, ele pode sempre ser reencontrado. Se hoje, a Vila Belga pode ser encarada por muitos como um *lugar*, no sentido mais poético da palavra, carregado de identidade e pertencimento, é devido aos esforços de quem um dia se conectou de forma afetiva e permaneceu, mesmo diante das instabilidades vividas.

A Vila é um lugar que foi experienciado e vivenciado de diversas formas com o passar dos anos. Durante a pesquisa, tanto nos levantamentos em campo, como nas

entrevistas com narradores, o passado e o presente da Vila cruzaram-se de diversas formas. As marcas de historicidade estão presentes em todo canto, nas materialidades e nas lembranças dos moradores mais antigos. Quando os relatos se cruzam com o espaço físico, as ausências de um lugar de outrora ficam cada vez mais aparentes. As paisagens do passado, vivas ainda nas fotografias antigas, transportam o leitor para um outro tempo, em que uma outra Vila Belga existia: a Vila dos Ferroviários.

O passado é um desafio para a imaginação. Na ação de recordar e imaginar lugares, a percepção, as lembranças e a imaginação estão em constante interação. O presente se relaciona constantemente com as imagens da memória (PALLASMAA, 2017). Dessa forma, a ambiência do tempo antigo só pode ser resgatada por meio de uma operação mental e subjetiva, onde discursos e imagens carregadas de significado podem, até certo nível, reconfigurar essa outra temporalidade (PESAVENTO, 2005). Para desvendar o passado da Vila, e procurar na poeira do tempo os fragmentos que fazem parte do presente, buscou-se na memória dos moradores mais antigos, em registros documentais e nas materialidades, vestígios do tempo passado.

A história da Vila se manifesta em suas edificações, nas ruas, nas paisagens e nos elementos culturais que a permeiam. No lugar, ainda é possível sentir intensamente a presença e a importância da ferrovia. Não é à toa que ainda existam esforços para retomar os trens de passageiros, em uma tentativa de recuperar um passado considerado próspero por muitos.

Antigamente, a ferrovia desempenhava um papel fundamental no transporte de passageiros e mercadorias, e isso influenciava diretamente a apropriação das ruas da Vila Belga. Além das residências, a Vila era um conjunto urbano com múltiplas funções, com equipamentos como a Cooperativa, a padaria, os armazéns, a farmácia, o Clube, etc.

A Cooperativa de Consumo (CCEVFRGS), desde sua formação em 1913, e a inauguração de sua sede em 1932, foi importante não apenas para acesso de bens e serviços, como também representou a capacidade organizativa de um grupo de trabalhadores que procurava assegurar condições dignas de trabalho e qualidade de vida (BLOIS, 2018). Além da Cooperativa, o Clube dos Ferroviários foi relevante para a comunidade e para a socialização, principalmente diante de relatos de atividades recreativas, como os carnavais e os bailes dançantes, que atraíam pessoas de toda cidade.

As relações sociais baseavam-se principalmente em vínculos de trabalho, originados na ferrovia. Contudo, com a fragilização das estruturas socioeconômicas associadas ao transporte ferroviário, fragilizou-se também as estruturas que sustentavam o imaginário associado a “civilização” ferroviária. À medida que os trens perderam importância, muitas estruturas que sustentavam a vida cotidiana da Vila também foram enfraquecidas (MELLO, 2010). O declínio dessa infraestrutura teve impactos amplos na vida da comunidade e na forma como ela se via e interagia com o mundo ao seu redor.

As lembranças e materialidades dão identidade e singularidade ao lugar. O valor atribuído as atividades ferroviárias, não era apenas econômico, foi também expandido para a cultura local e para a arquitetura. E, mesmo com a sobrevivência da arquitetura, pode-se ter apenas uma imagem incompleta e frágil do passado (MELLO, 2010)

Conseqüentemente, por muito tempo a Vila ficou “vazia”. Nas entrevistas com ex ferroviários, ficou claro o sentimento de desamparo vivido na época. Para os moradores, o futuro era incerto e não havia muita esperança de mudança. O espaço, que antes tinha vida, movimento e diversidade de usos, passou a cair no esquecimento. Os edifícios comerciais fecharam, em sua maioria, e as arquiteturas passaram a sofrer com a degradação e falta de manutenção, principalmente das fachadas, mesmo com o tombamento das edificações em 1997. Por um momento, o *lugar* Vila Belga foi praticamente perdido.

O descontentamento com o abandono da Gare da Estação também pode ser sentido durante as entrevistas. Destaca-se, aqui, que o elo de ligação entre a Vila e a Ferrovia foi lentamente sendo encerrado. A conexão direta entre esses dois lugares não existe mais, uma vez que a passagem (o “beco”) foi fechada, simbolizando a barreira existente entre os espaços e, conseqüentemente, afastando as pessoas do seu passado e da sua história. A Gare, atualmente, por se tratar de um abandono, é um território de constantes disputas. A barreira física, se tornou também um distanciamento social. A Gare passou a ser vista como um espaço inseguro, em contraposição com as lembranças do passado.

Mesmo diante do esquecimento, a força das relações sociais pôde ser sentida nas entrevistas com os moradores, como também o vínculo com o compartilhamento de uma

mesma história. Nesse contexto, destacam-se os eventos e festividades que eram realizados na rua no início dos anos 2000, como o Dia do Vizinho e o Dia da Criança, ou os momentos em que a rua era fechada para o trânsito de carros nos fins de semana e feriados.

O Dia do Vizinho foi citado diversas vezes durante as entrevistas com moradores, era um evento marcante. O incentivo à apropriação e socialização vinha tanto da Prefeitura, como dos próprios moradores.

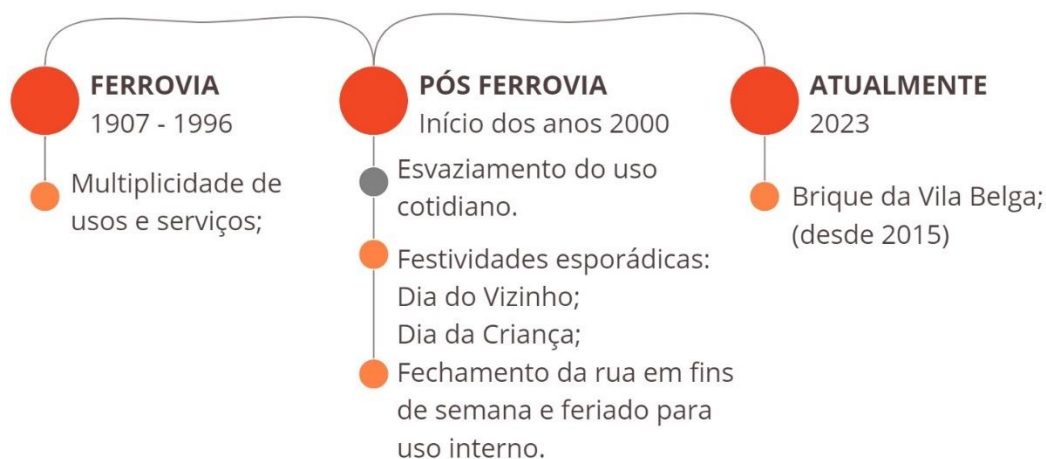
*“Venha para o meio da rua
e reserve o seu lugar
preparem as suas malas
que o trem já vai andar.”*

O poema, escrito por um dos organizadores, explicita a relação afetiva que existia. Torna-se ainda mais simbólico por remeter ao passado e a ferrovia, descrevendo uma viagem metafórica em um trem. O poema pode ser entendido como um convite a compartilhar momentos felizes com os vizinhos, receber visitantes e estar aberto para novas experiências.

O "Dia do Vizinho" ou os dias em que a rua era fechada para veículos, eram momentos que representavam uma tradição da comunidade, onde as pessoas se reuniam para fortalecer os laços sociais e criar um senso de pertencimento. Era uma oportunidade para os vizinhos interagirem, compartilharem vivências e interesses comuns. Nesse contexto, não havia um apelo econômico ou turístico. Por outro lado, o Brique é uma iniciativa que busca atrair pessoas de fora da comunidade para o local, já que a Vila enfrentava desafios para garantir sua sustentabilidade, devido à diminuição e envelhecimento da população, como também a falta de recursos para manter a vitalidade do lugar. Dessa forma, o Brique contribui para a manutenção e valorização do lugar, partindo de uma necessidade tanto econômica, como urbana e arquitetônica.

Na Figura 47, foram identificados os principais atratores para o uso das ruas da Vila ao longo dos anos.

Figura 47: Atratores para o uso da rua ao longo dos anos.



Fonte: Autora, 2023.

Nesse contexto, a valorização da arquitetura e o tombamento dos edifícios representa apenas uma parte dessa história. A temporalidade que passou, deixou vestígios que nem sempre podem ser vistos, como as histórias e memórias de experiências individuais ou compartilhadas.

Para Sandra Pesavento, a paisagem urbana é também a paisagem social, que surge da ação humana de transformar o meio ambiente. Assim, a passagem do tempo altera as formas, substituindo ou adaptando a materialidade às novas necessidades. A cidade é campo mutável, que abriga todas essas múltiplas combinações de espaços construídos por superposição, substituição ou composição. Assim, as sociabilidades antigas dão lugar a novas concepções e as arquiteturas abarcam novos usos (PESAVENTO, 2005). Na Vila Belga, com o envelhecimento da população ferroviária, o modo de vida foi sendo lentamente e naturalmente perdido, renovado e reinterpretado pelos novos moradores.

Ao contar o seu passado, suas origens e seu percurso no tempo para explicitar o seu presente, diante da modernidade urbana, o lugar ganha singularidade, repleto de ideias que impulsionam para o futuro.

O indivíduo se conecta a certos lugares, seja através da lembrança ou da imaginação. Assim, os lugares se diferenciam um dos outros, e passam a ser percebidos por sua beleza e qualidades particulares (POULET, 2000). A Vila é um desses lugares inconfundíveis na cidade de Santa Maria. É possível reconhecer sua importância em diferentes aspectos, seja na sua forma ou nas suas subjetividades.

ARQUITETURA

A PAISAGEM E O CENÁRIO URBANO



Figura 48: Collage "Arquitetura". Fonte: Autora, 2023.

6.3. ARQUITETURA: A PAISAGEM E O CENÁRIO URBANO

A paisagem e a arquitetura de um lugar histórico desempenham papéis cruciais na preservação de sua identidade e na valorização da cultura local. Ao percorrer as ruas da Vila, nota-se que, na verdade, são as residências que dão forma, delimitação e individualidade ao lugar. O valor patrimonial do conjunto arquitetônico presente é inegável, bem como a conexão e o sentimento de pertencimento dos moradores mais antigos com o lugar.

Preservar a arquitetura da Vila é resguardar também a identidade e o modo de vida de uma comunidade. Além do valor estético e histórico enquanto patrimônio, as arquiteturas representam também o habitar, o vínculo afetivo construído com o lugar. Para Pallasmaa, “o ato de habitar é o modo básico de alguém se relacionar com o mundo” (PALLASMAA, 2017, p. 7). Gradualmente, o lugar se converte em uma exteriorização do ser, tanto do ponto de vista físico, como mental. Assim, o ato de habitar é conduzido para rua, nas apropriações cotidianas ou durante os eventos, quando o espaço privado se expande para a calçada em um movimento de pertencimento. A característica de *lar* da Vila Belga, fica ainda mais evidente nas imagens que emergiram durante as entrevistas, tanto nas Escutas, como nas Dinâmicas.

Para Pallasmaa, as cidades antigas são confortáveis e estimulantes, uma vez que desenham um tempo “lento”, “consistente” e “tátil”. Dessa forma, a cidade tátil é acolhedora, permite a participação no seu cotidiano. Assim, a imagem não é exclusivamente visual, ela é experimentada em sua completude sensorial: o indivíduo reside na cidade e a cidade reside no indivíduo (PALLASMAA, 2017).

Portanto, a paisagem que interessa é aquela que vai além da experiência visual e da estaticidade da arquitetura. Importam aqui os sentidos vivenciados e experienciados. Assim, nas Constelações de Instantes foi possível perceber a paisagem da Vila Belga corporalmente: no silêncio do sábado de manhã, em contraste com o barulho das cigarras, a música do domingo de Brique ou na calmaria do fim de tarde. Todas essas ambiências fazem parte de um só lugar, e só puderam ser sentidas na contemplação de um tempo lento.

A paisagem da Vila, quando vivenciada, enriquece a experiência urbana, pode evocar sentimentos de pertencimento e afetividade. No âmbito da vida pública, ou seja, no compartilhamento do espaço livre da rua, a paisagem é apreendida e experienciada coletivamente.

No imaginário dos entrevistados, três imagens se destacam: a primeira é referente a paisagem da Rua Manoel Ribas, juntamente com os coqueiros e o colorido das casas, principalmente no fim da tarde, quando é possível observar o pôr do sol. A segunda corresponde a paisagem visível na Rua Doutor Wauthier, na composição do edifício da Cooperativa com o morro ao fundo. A terceira é praticamente uma “paisagem secreta”, em uma passagem entre dois quintais é possível observar a Gare da Estação e os morros em toda sua extensão. Essas três paisagens representam os diferentes significados e temporalidades inseridos no *lugar* Vila Belga.

Destaca-se também, nesse contexto, a paisagem sonora. O barulho do trem foi citado diversas vezes durante as entrevistas, principalmente quando vinculado ao sentido da audição. O som do trem, provoca sentimentos que vão da nostalgia à melancolia por tudo que representa. Assim, as paisagens do passado se sobrepõem às imagens do presente através da imaginação.

Nesse contexto, o foco recai sobre as perdas e permanências dessa paisagem, que está longe de ser estática, revela-se como um amplo sistema de interação entre elementos materiais e imateriais. Para Queiroga, a materialidade de uma cidade é o seu elemento inerte, mas isso não significa estaticidade. A paisagem urbana está em constante transformação, ainda que as estruturas físicas possam exibir uma maior permanência do que as intervenções realizadas sobre elas (QUEIROGA, 2012). Desde sua construção, até os dias atuais, a Vila passou por diferentes momentos, referentes a mudanças econômicas e sociais. Esse movimento pode ser sentido também na paisagem e nas materialidades do espaço.

Por muitos anos a Vila Belga apresentou a seguinte dualidade: alguns moradores mantinham o espaço organizado e suas residências em bom estado de conservação, entretanto, muitas casas encontravam-se degradadas ou até abandonadas. No início dos anos 2000, o espaço urbano não era muito atrativo para turistas e visitantes. Cada residência era pintada de acordo com a preferência dos donos/moradores, não existindo

um padrão específico e regulamentado, além disso, muitas ainda tinham um aspecto degradado, característico de cidade antiga, como a primeira foto da Figura 49. Aos poucos a paisagem foi se modificando, ganhando cor e padronização. Na Figura abaixo, é possível observar a mudança em uma das casas ao longo dos anos, localizada na Rua Ernesto Becker.

Figura 49: Uma das casas da Vila no ano 2011, 2022 e 2023 respectivamente



Fonte: Google Maps; Autora, 2023.

Com as modificações impulsionadas principalmente pela implementação do Distrito Criativo, o cenário urbano da Vila Belga passou também a ser lucrativo. Nesse contexto, a preservação arquitetônica representa também rentabilidade para algumas empresas e comerciantes. Em lugares com grande apelo turístico, preservar e reconhecer as qualidades visuais da paisagem é de suma importância. O espaço urbano da Vila Belga revela aspectos característicos e identitários que merecem ser apreciados. Entretanto, preservar também a identidade regional, sem se submeter a processos padronizadores e elitizantes, é uma opção que requer cautela, principalmente do poder público.

Hoje, o espaço apresenta novas dinâmicas sociais e econômicas, novos moradores e novas funcionalidades. Os edifícios, e as pessoas mais velhas, ainda contam a história. Assim, a diversidade de acontecimentos e experiências passadas reverbera no imaginário de cada indivíduo de forma diferente. É um *lugar* que, aos poucos, vai sendo reinventado de acordo com a nova realidade.

A renovação, nesse caso, deve ser feita de forma socialmente responsável, sem desconsiderar o que existia antes e o que ainda existe, preservando não só a arquitetura, como também a essência do lugar.

No contexto da Vila Belga, as alterações no espaço urbano, envolvendo a conversão de edifícios residenciais em restaurantes, bares, escritórios e outros usos,

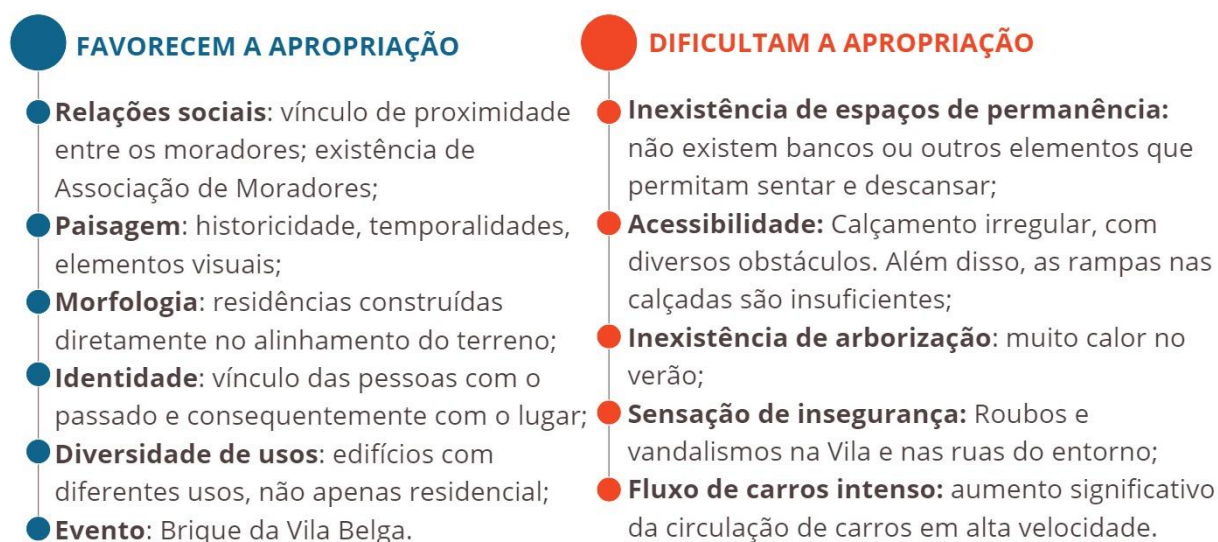
demandam um olhar cuidadoso por parte do poder público e da comunidade local. É fundamental evitar a perda da identidade do local, especialmente diante do risco de um processo de gentrificação, como mencionado em uma das entrevistas.

Mesmo que a intenção da renovação seja preservar a arquitetura do lugar e beneficiar a comunidade local, a chegada de novos moradores e negócios mais sofisticados pode causar um aumento no custo de vida e perda das formas cotidianas de apropriação. Esse efeito pode ser especialmente prejudicial para aqueles que já vivem e construíram laços com o local há muito tempo. O desafio vai além de preservar apenas o cenário arquitetônico existente, envolvendo também o resguardo da Vila Belga como lar.

6.4. POTENCIALIZANDO A APROPRIAÇÃO DA RUA: DIRETRIZES DE MELHORIA

Após a interpretação dos resultados obtidos e cruzamento dos métodos, foram reunidas informações significativas sobre a apropriação do espaço público. Nesse contexto, foram relacionadas as principais características que favorecem ou prejudicam o uso da rua na Vila Belga, principalmente nos momentos cotidianos (Figura 50).

Figura 50: Elementos que favorecem ou dificultam a apropriação nas ruas na Vila.

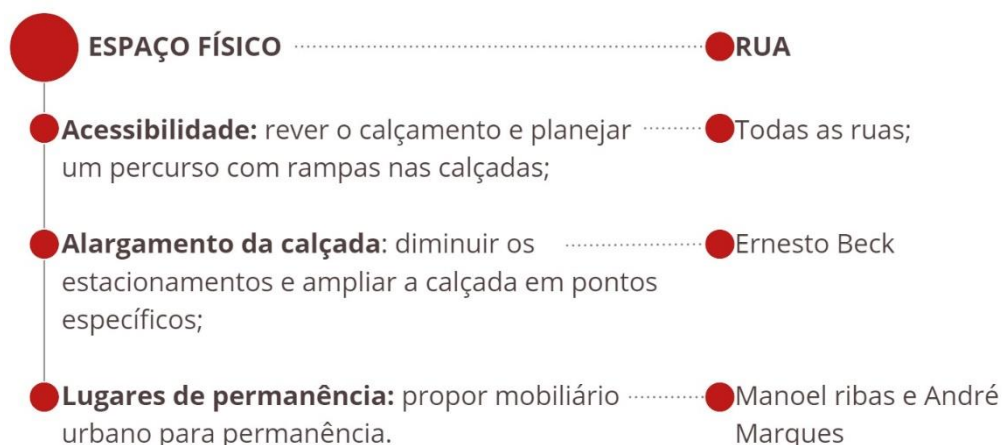


Fonte: Autora, 2023.

Os elementos que favorecem tal uso, devem ser ampliados e aproveitados da melhor forma possível. Além disso, as características que dificultam a apropriação devem ser mitigadas pelos órgãos responsáveis. Assim, com o objetivo de ampliar as formas de apropriação e qualidade urbana da Vila Belga, foram determinadas algumas ações e diretrizes, que podem ser priorizadas diante das fragilidades e potencialidades observadas no lugar.

É preciso salientar que as modificações no espaço devem levar em consideração a ambiência e características singulares de cada rua. Assim, as recomendações foram divididas em três grupos principais: o primeiro diz respeito ao espaço físico e infraestrutura da rua (Figura 51), o segundo às questões que envolvem a natureza, paisagem e conforto térmico (Figura 52), já o terceiro visa ampliar a relação do usuário com a história e memória presente no lugar (Figura 53).

Figura 51: Diretrizes “Espaço Físico”.



Fonte: Autora, 2023.

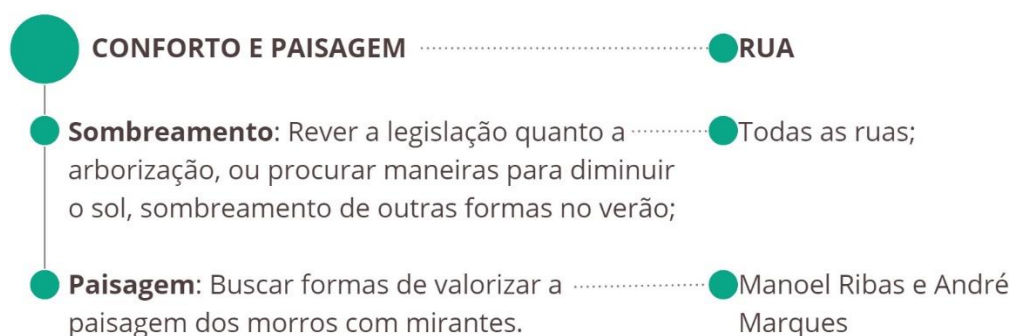
Para uma apropriação plena, que inclua todos os indivíduos, os problemas envolvendo a acessibilidade em todas as ruas devem ser solucionados e o tipo de calçamento revisto, uma vez que os paralelepípedos utilizados nas vias são irregulares e muitas vezes deslocam-se da posição original, podendo causar acidentes, além de dificultar a locomoção de cadeiras de roda ou carrinhos de crianças, por exemplo. Sugere-se ainda um novo planejamento de rampas nas calçadas.

Especificamente na Rua Ernesto Beck, indica-se o alargamento do passeio público, que atualmente é estreito, não comportando a diversidade de uso de maneira segura e

confortável. Além disso, a rua atualmente recebe um grande fluxo de carros em velocidades altas.

Por fim, bancos e mobiliários de permanência posicionados na Rua Manoel Ribas e André Marques, onde a largura da calçada já comporta a existência de infraestrutura. Devem ser pensados também com o objetivo de favorecer os visuais da Vila, proporcionando espaços de descanso e lazer não apenas para moradores, mas também para turistas ou visitantes.

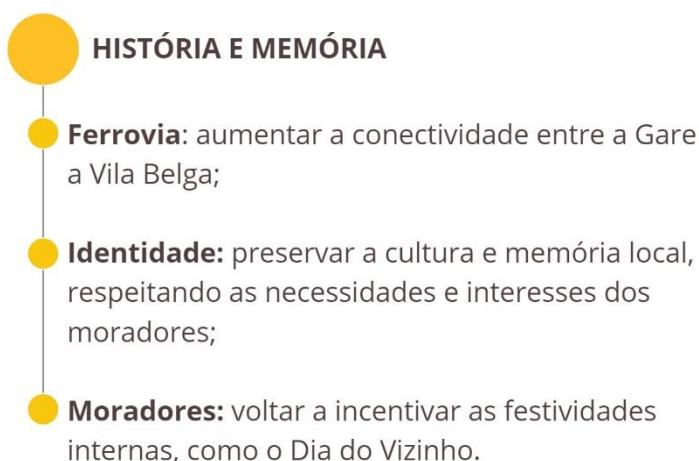
Figura 52: Diretrizes "Conforto e Paisagem".



Fonte: Autora, 2023.

Uma das principais questões a serem solucionadas na Vila é o sombreamento durante os dias de verão. O calor intenso vivenciado na cidade nos últimos anos dificulta e muitas vezes até impossibilita a utilização da rua. Durante alguns meses no verão, o Brique da Vila Belga é paralisado, devido aos dias de temperaturas altas, uma vez que o evento é realizado ao ar livre durante a tarde.

Figura 53: Diretrizes "História e Memória".



Fonte: Autora, 2023.

Atualmente, a conexão da Vila com a Gare da Estação acontece apenas pela Avenida Rio Branco. Não existe uma ligação direta, como havia antigamente. Aumentar essa conectividade, seja de forma física ou visual, pode fortalecer tanto os vínculos dos moradores e visitantes do local, como fomentar a identidade e fatores culturais construídos ao longo do tempo, os quais não podem ser perdidos.

Além disso, eventos como o Dia do Vizinho ou a ação de fechar a rua durante feriados e fins de semana para uso dos moradores, pode fortalecer os vínculos sociais, preservando a proximidade entre a comunidade, como também fomentar o uso da rua para diferentes fins no cotidiano, não apenas durante eventos esporádicos. Ademais, o uso do espaço público pode amparar as questões que envolvem a sensação de insegurança na Vila Belga. Uma vez que a presença de pessoas na rua e a proximidade das relações em uma comunidade, pode proporcionar um espaço mais seguro.

Quando se trata de um lugar turístico e histórico, as sensações visuais geradas são um fator de atração. Na Vila, as cores, as formas e a paisagem natural, revelam qualidades visuais importantes e que podem ser amplamente exploradas. Entretanto, por mais que exista uma materialidade e uma paisagem atrativa, existe também um cotidiano vivenciado por sua população, nas ruas, na pluralidade e particularidades do lugar, que precisam ser igualmente preservados e respeitados.

Nesse contexto, é preciso ressaltar que é fundamental conhecer a fundo as dinâmicas sociais e os aspectos subjetivos presentes no lugar onde se pretende realizar alguma intervenção ou modificação física. Assim, a participação ativa da comunidade envolvida é fundamental, principalmente para assegurar que essas modificações sejam direcionados aos interesses do grupo envolvido. Isso só será possível com a participação ativa na comunidade no desenvolvimento de ideias e estratégias.

Capítulo 7

REFLEXÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou compreender as dinâmicas de uso e apropriação do espaço público da rua na Vila Belga. As motivações partiram do desejo de observar um lugar para além da materialidade visível, mas também seus aspectos subjetivos, suas particularidades, bem como as experiências e as memórias que emergem de uma mesma localidade. Assim, as descobertas sobre a diversidade e a complexidade de relações contidas na Vila Belga, foram aos poucos sendo reveladas.

A rua, quando utilizada e apropriada, se manifesta como lugar de inúmeras possibilidades, abrigando os mais diversos acontecimentos, os mais emocionantes ou os simples e banais. As subjetividades e significados presentes na Vila Belga dão pistas sobre o que faz da rua um lugar experienciado. Na busca por compreender como e por que as pessoas se apropriam do espaço livre da rua para suas atividades do cotidiano, foi necessário levar em conta uma série de elementos culturais, espaciais, sociais e históricos, uma vez que as motivações que levam à apropriação de lugares na cidade são múltiplas, e muitas vezes subjetivas.

Na Vila Belga, as ruas não abrigam apenas vestígios históricos, nostalgias e memórias de um tempo passado, quando o espaço pulsava de um jeito diferente. Nesse cenário, vibram a diversidade de tempos e hábitos: as velhas formas de apropriação, convivem com o novo.

Para permanecer, a Vila precisou sucumbir as mudanças do novo tempo. O fim da ferrovia deixou uma cicatriz no espaço, um rompimento temporal e espacial. Entretanto, as perdas deram lugar a novas dinâmicas, necessárias em um contexto de esquecimento e degradação arquitetônica. Mesmo assim, a cidade de outrora ainda dialoga com a cidade do presente. Os intervalos e espaços abandonados, dão lugar às ausências, aos esquecimentos e ao tempo que passou. Passado e presente entram em contato, nas

poeiras do tempo, nos fragmentos, nos restos, nas subjetividades e na memória daqueles que levam o passado consigo.

Hoje, o *lugar* Vila Belga, é de imenso valor para a cidade de Santa Maria. O levantamento histórico permitiu vislumbrar os desdobramentos de uso e ocupação, e suas influências no tempo presente.

No cotidiano da Vila Belga, a apropriação acontece principalmente decorrente da ação de moradores, um uso que remete ao passado. Pessoas sentadas em frente as casas, ou na soleira da porta, explorando os limites entre o público e o privado.

Já durante os eventos e festividades, como o Brique da Vila Belga, o lugar passa a ser atrativo também para visitantes, abrindo espaço para o novo. Nesse contexto, a paisagem e os aspectos materiais, como a arquitetura, podem ser vistos como elementos atrativos, são características que impulsionam ações de permanência, experiências e vivências em um contexto específico.

É importante ressaltar que a relevância do Brique, sucede principalmente por se tratar de um evento que surge do desejo dos moradores e, desde o princípio, até os dias atuais, conta com a organização e os esforços da comunidade. Já o Distrito Criativo, parte da necessidade de recuperar o Centro Histórico da cidade de Santa Maria, exigindo atenção e cuidado ao prever as consequências que essas ações podem trazer para a dinâmica local.

Durante as aplicações dos procedimentos metodológicos, foi possível experimentar e (re)conhecer o lugar, percebendo detalhes, rastros e ausências. Assim, nas Constelações de Instantes, pôde-se experimentar a cartografia, em uma alternativa sensível de ler o espaço, bem como observar o percurso da pesquisa, em cada passo e cada desvio. Dessa forma, a rota foi calculada e recalculada a todo momento, permitindo que o estudo fosse realizado a partir de pausas e movimentos. Os levantamentos aconteceram a partir de percepções que transcendem as definições quantitativas, em uma atuação sem limitações, dando lugar ao imprevisível e a simplicidade dos gestos do dia a dia, do cotidiano mais banal.

Nesse cenário, as imagens tiveram um papel crucial, não só como ferramenta de registro, mas também no processo investigativo, principalmente como instrumento de interpretação e narração da experiência urbana. A abordagem visual buscou explorar as

relações inesgotáveis que emergem a partir das visualidades e dos momentos. Assim, cada imagem das Constelações pode ser vista como um ponto de partida para a criação de múltiplas associações e interpretações. Criou-se assim um espaço aberto para a exploração e construção de significados, onde as figuras são constantemente reinterpretadas e conectadas, transcendendo os limites temporais e abrindo novas possibilidades de entendimento.

Entretanto, destaca-se a inconclusão do método, por se tratar de um processo aberto e sem fim. Além disso, a narrarções dos instantes e dos sentidos depende do estado emocional do pesquisador. A imprevisibilidade das emoções humanas pode gerar um levantamento parcial, influenciado pelos elementos internos.

O mesmo vale para as entrevistas realizadas, uma vez que cada narrador tinha sua própria vivência e vínculo com o lugar. A Vila Belga reverbera de maneiras diferentes em cada pessoa, relato ou lembrança. Assim, as entrevistas foram um passo crucial para ter acesso a outros olhares, memórias e vivências. A partir disso, a construção do trabalho foi coletiva, se expandindo sempre que encontrava no outro algumas respostas e ainda mais perguntas.

A partir da Escuta, foi possível parar o percurso para conversar, ouvir pessoas que experimentam o território do presente, mas também o de outrora. A cada novo olhar, uma nova perspectiva, e uma nova Vila Belga surgia. O lugar do passado foi acessado por memórias e afetos. A lembrança da ferrovia ainda pulsando em cada relato. Assim, as imagens, no encontro com os participantes da Escuta, surgiram naturalmente. Para eles, as fotografias e o próprio espaço são um portal para o passado.

Nos relatos de quem viveu o tempo da ferrovia, a arquitetura da Vila atravessa a simples visualidade, passa também pelo habitar, tanto no presente, como no passado. Cada residência conta uma história particular, bem como cada edifício ligado às atividades ferroviárias. Nas memórias dos moradores, estão vivos os momentos vivenciados “da porta para dentro” e também “da porta para fora”.

Na dinâmica, por meio das imagens, puderam ser acessadas as sensações, memórias afetivas, lembranças sensoriais, e outras conexões que os narradores construíram com o espaço. Entretanto, as conexões entre as imagens-afeto e imagens-

disparadoras, em duas das três dinâmicas, foram pouco satisfatórias, uma vez que os narradores preferiram não mover as imagens na superfície.

No entanto, o procedimento metodológico das aproximações foi positivo e trouxe reflexões que poderiam não surgir em questionários ou entrevistas estruturadas. Nesse caso, a imprevisibilidade de acontecimentos enriqueceu os encontros.

Dessa forma, as interpretações puderam ser realizadas a partir do atravessamento entre métodos, levantamentos e subjetividades. Assim, as aproximações realizadas, ao longo deste processo, permitiram concluir que a rua na Vila Belga dispõe de importantes potencialidades, que precisam ser exploradas, além de fragilidades a serem mitigadas.

O olhar sobre as apropriações pode levar a compreensão de demandas e reivindicações da população. Nesse contexto, foi possível colocar em movimento um conjunto de ideias, práticas e imagens, para buscar pontos em que se possam tecer relações. As diretrizes criadas, com o objetivo de potenciar a apropriação do espaço da rua, partem principalmente da relação construída no cotidiano, juntamente com os usuários, e visam melhorar a qualidade urbana da Vila Belga.

Assim como o modo de fazer cartográfico, propõe-se aqui uma discussão inacabada, em movimento, ampliada em cada transformação da cidade, em cada nova descoberta. Uma remontagem que pode surgir de trabalhos futuros.

A área de estudos que envolvem os espaços públicos e sua apropriação é bastante ampla. Nesta pesquisa, o recorte proposto envolveu o estudo da apropriação e das subjetividades de uma localidade. Nesse contexto, surgem algumas sugestões para trabalhos futuros.

Um caminho possível, seria a realização de um estudo sobre as implicações da morfologia urbana na acessibilidade e mobilidade da Vila Belga. Ao abordar como diferentes formas urbanas afetam a experiência do pedestre e a eficiência dos deslocamentos, desenvolvendo diretrizes mais específicas para o planejamento urbano, com base na escala humana.

Outra sugestão, visa explorar o tema patrimonial, ao questionar como a padronização arquitetônica pode impactar a identidade e a autenticidade de um lugar. A investigação pode abordar como a imposição de padrões estéticos podem levar à perda da essência cultural de uma comunidade, abrindo espaço para fenômenos de

gentrificação, buscando também abordagens alternativas para a preservação patrimonial.

Por fim, recomenda-se o desenvolvimento de estudos que proponham a aplicação dos métodos e abordagens desenvolvidos neste trabalho em contextos urbanos distintos.

REFERÊNCIAS

ALBERTON, J. O. **O lugar da poética na docência de projeto nos cursos de arquitetura e urbanismo: imaginário social e educação.** Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2021.

BACHELARD, G. **A intuição do Instante.** 2 ed. Campinas: Verus Editora, 2010.

BAUMAN, Z. **Confiança e medo na cidade.** Rio de Janeiro: Zahar, 2009. 96 p.

BIASE, A.; RIBEIRO, A. C. T. Alessia de Biase Entrevista Ana Clara Torres Ribeiro. Revista **Redobra.** n9, 2012.

BLOIS, H. **Arquitetura subjacente à via férrea: relações de lugar e poder no espaço urbano de Santa Maria/RS – final do século XIX e início do XX.** Tese (Doutorado em História), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2018.

BRITTO, F. D.; JACQUES, P. B. Cenografias e corpografias urbanas: um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade. Salvador: **Cadernos PPG-AU/UFBA.** v. 7, edição especial, 2008. p. 79-86.

CULLEN, G. **Paisagem Urbana.** São Paulo: Martins Fontes, 1983.

CUNHA, S. Qual o lugar dos materiais visuais na pesquisa em educação? **Educação em Revista,** Belo Horizonte, v. 31, n. 01, 2015.

DaMATTA, R. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil.** 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DIDI-HUBERMAN, G. **Diante do tempo: História da arte e anacronismo das imagens.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

FERRAZ, L. R. **Praça XV de novembro: perdas e permanências de uma paisagem.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2021.

FONTES, A. **As pequenas escalas da rua: Morfologia, apropriação e significados do beco em Lisboa.** Tese (Doutorado em Estudos Urbanos) - Instituto Universitário de Lisboa. Lisboa, 2020.

FUÃO, F. F. **A collage como trajetória amorosa.** 1 ed., Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

GERENCER, P.; ROZESTRATEN, A. S. Constelações de imagens: metáforas e ensaios. **Domínios da Imagem**, Londrina, v. 10, n. 19, p. 87-112, 2016.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 3. ed., 1991.

GONÇALVES, F. M. **Rua, o lugar da vida pública: conceitos, especificidades e desafios**. Tese (Livre-docência) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2020.

HERTZENBERGER, H. **Lições de arquitetura**. 2. ed. São Pulo: Martins Fontes, 1999.

IACOVINI, R. F. G. **“Por uma nova ordem do espaço público: o direito à cidade para todos”**. ArchDaily Brasil. 2019. Disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/927621/por-uma-nova-ordem-do-espaco-publico-o-direto-a-cidade-para-todos>. Acesso em: Ago. 2020.

JACOBS, J. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

JACQUES, P. B. Errâncias Urbanas: a arte de andar pela cidade. Porto Alegre: **ARQUITEXTO**, 2005.

JACQUES, P. B. **Fantasmas Modernos: Montagem de uma outra herança**. Salvador: EDUFBA, 2020. 423 p.

JACQUES, P. B. **Pensar por Montagens**. In: JACQUES, P.B.; PEREIRA, M.S. Nebulosas do pensamento urbanístico: tomo I – modos de pensar. Salvador: EDUFBA, 2018.

JACQUES, P. B.; JEUDY, H. P. **Corpos e Cenários Urbanos: territórios urbanos e políticas culturais**. Salvador: EDUFBA, 2006. 182 p.

KOHLSDORF, M. E. **A apreensão da forma da cidade**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996, 256p.

LAMOUNIER, A. **Atmosferas de Preferência na ‘Cidade Maravilhosa’**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

LAMOUNIER, A; CARVALHO, T; YAMAKI, H.; TÂNGARI, V. Atmosferas de preferências e paisagens cotidianas: a cidade através de múltiplos sentidos. **Ressensibilizando Cidades: ambiências urbanas e sentidos**. Anais da Conferência Internacional, Rio de Janeiro: FAU/UFRJ, v. 1, 2019.

LARROSA, J. **Tremores: escritos sobre experiência**. São Paulo: Editora Autêntica, 2014.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2008.

MAGNANI, J. G. C. A rua e a evolução da sociabilidade. **Os Urbanitas: Revista Digital de Antropologia Urbana**, v. 1, n. 0, 2003.

MELLO, L. F. S. **O espaço do imaginário e o imaginário do espaço: a ferrovia em Santa Maria**. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

MELLO, L. F. S. **O pensamento utópico e a produção do espaço social: A cooperativa de consumo dos empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul**. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

MENDONÇA, E. M. S. **Apropriação do espaço público: alguns conceitos. Estudos e pesquisas em psicologia**. Rio de Janeiro, ago. 2007, v. 7, n. 2, p. 296-306.

PALLASMAA, J. **Habitar**. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

PALLASMAA, J. **Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos**. Porto Alegre: Boockman, 2011.

PASSOS, E; KASTRUP, V; TEDESCO, S. (Orgs.) **Pistas do Método da Cartografia: A experiência da pesquisa e o plano comum**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2014.

PESAVENTO, S. J. **O Espetáculo da Rua**. 2ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1996.

PESAVENTO, S. J. Cidade, espaço e tempo. Reflexões sobre a memória e o patrimônio urbano. **Cadernos do Lepaarq – Textos de Antropologia, Arquitetura e Patrimônio**. Pelotas, RS: v. 2, n. 4, 2005, 9-17 p.

PESAVENTO, S. J. Cidades invisíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**. São Paulo: v. 27, n. 53, 2007.

PESAVENTO, S. J. Cidade, espaço e tempo: reflexões sobre a memória e o patrimônio urbano. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, n. 158, p. 207 – 216, 2020.

POULET, G. **O Espaço Proustiano**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2000. 148 p.

PROCÓPIO, C. M. O. **Espacialidades e apropriações dos espaços coletivos nas áreas habitacionais sociais em São Paulo - SP: 2001 a 2016**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura, Tecnologia e Cidade). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2021.

PRODANOV, C. C.; FREITAS E. C. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2.ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

QUEIROGA, E. F. **Dimensões públicas do espaço contemporâneo: resistências e transformações de territórios, paisagens e lugares urbanos brasileiros**. Tese (Livre-

docência). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

REDIN, M. Como expandir o mundo a cada vez que o reduzimos: a criação dos intervalos por uma metodologia da constelação. **Revista artes e ensaios**, Rio de Janeiro, n. 27, p. 153 – 161, 2013.

REYES, P. **Projeto por Cenários: O território em foco**. 1.ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2015.

ROCHA, E. et. al. CARTOGRAFIAS SENSÍVEIS NA CIDADE: Experiência e resistência no espaço público da Região Sul do RS. Pelotas: **Revista PIXO**, 2017.

ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental: Transformações Contemporâneas do Desejo**. 2ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. 248 p.

SANTANA, E. P.; TÂNGARI. Espaço arquitetônico x Apropriação: Estudo de caso no centro do Rio de Janeiro – Largo da Carioca e Rua Uruguaiana. **Paisagem Ambiente**. São Paulo. 2003.

SCALABRIN, V. **O desenvolvimento urbano da cidade de Santa Maria, RS**. Monografia (Licenciatura em Geografia) - Universidade Regional Do Noroeste do Estado do Rio grande do Sul. Ijuí, 2011.

SILVA, C. S. da. **A história da Avenida Rio Branco da cidade de Santa Maria: uma narrativa através da fotografia**. In: ENCONTRO DE PESQUISAS HISTÓRICAS, 1., Porto Alegre, 2014. Oficina do Historiador, Porto Alegre: EDIPUCRS. p. 466.

SILVA, G. N. da. **Arquitetura & collage um catálogo de obras relevantes do século XX**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

THIBAUD, J.P. A cidade através dos sentidos. **Cadernos PROARQ 18**. Rio de Janeiro, 2012.

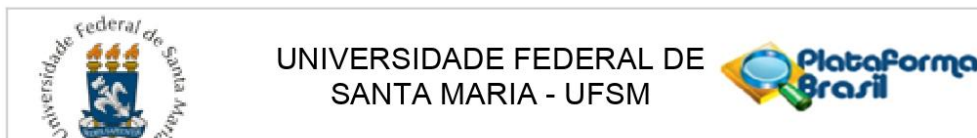
TUAN, Yi-Fi. **Espaço e Lugar: A perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.

VIANA, C. F. R. **As contribuições de uma publicação institucional para a comunicação organizacional, a memória e o patrimônio cultural do Brique da Vila Belga**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Indústria Criativa) - Universidade Federal do Pampa, São Borja, 2019.

VOGEL, A.; MELLO, M. A. S. **Quando a rua vira casa: A apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro**. Rio de Janeiro: Eduff, 1981, 148 p.

WAIZBORT, L. Apresentação. In: WARBURG, A. **Histórias de fantasma para gente grande: escritos, esboços e conferências**. São Paulo: Companhia das letras, p. 14-25, 2015.

APÊNDICE A



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: UM OLHAR SOBRE A APROPRIAÇÃO DA RUA NA VILA BELGA EM SANTA MARIA - RS

Pesquisador: JOSICLER ORBEM ALBERTON

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 65692422.9.0000.5346

Instituição Proponente: Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.811.666

Apresentação do Projeto:

A pesquisa pretende dialogar sobre o uso e apropriação do espaço público da rua no conjunto habitacional conhecido como Vila Belga, localizado na cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul. O local apresenta dinâmicas socioespaciais distintas do restante da cidade, devido às suas características singulares. Nessa perspectiva, propõe-se um olhar sobre as particularidades e subjetividades que influenciam diretamente na constituição do território analisado. Parte-se da problemática de compreender e refletir sobre temáticas como: o uso e apropriação da rua para diferentes atividades e como esse espaço pode ser observado como suporte da sociabilidade e interação humana; as atmosferas e experiências que emergem do lugar. Dessa forma, a pesquisa também objetiva conceber e testar procedimentos metodológicos, que partem de observações, mapeamentos e entrevistas com narradores, a fim de compreender particularidades materiais (espaço físico) e imateriais (apropriações e subjetividades) do território.

O trabalho utiliza para a obtenção e análise dos dados obtidos a abordagem da pesquisa qualitativa, a qual não requer a aplicação de métodos e técnicas estatísticas, pois a análise não pode ser traduzida ou reduzida em números ou gráficos. O ambiente físico e natural, objeto de estudo, é a fonte direta para coleta de dados, interpretação de fenômenos e atribuição de significados. Essa forma de pesquisa apresenta maior sensibilidade e atenção ao processo, onde o pesquisador é o instrumento principal.

Endereço: Avenida Roraima, 1000 - Prédio da Reitoria - 7º andar - sala 763 - Sala Comitê de Ética - 97105-900 - Santa
Bairro: Camobi **CEP:** 97.105-970
UF: RS **Município:** SANTA MARIA
Telefone: (55)3220-9362 **E-mail:** cep.ufsm@ufsm.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA MARIA - UFSM



Continuação do Parecer: 5.811.666

Além disso, pretende-se utilizar o método de pesquisa exploratória e análise teórica. O procedimento adotado será o método de pesquisa bibliográfica e posteriormente serão analisados dois estudos de caso em uma abordagem multimétodos. Nesta pesquisa, o uso da imagem nos procedimentos metodológicos tem um papel importante, uma vez que as imagens podem ter também a função de formular conhecimentos, disparar discussões e questionamentos. Configura-se como uma narrativa visual que além da função usual de

registro, buscam outra possibilidade argumentativa na pesquisa, a fim de ampliar os sentidos durante as experimentações imagéticas durante a trajetória investigativa.

As Entrevistas serão realizadas com no mínimo 6 pessoas que apresentam alguma relação com o Estudo de Caso (Vila Belga). Se dividem em 2 tipos principais: Escuta e Dinâmica. Na Escuta, o público alvo são os moradores mais antigos do lugar. Na Dinâmica: Um(a) morador(a) ou comerciante; um(a) artista que intervêm ou utiliza o espaço como forma de expressão; um agente público ou pesquisador(a). Nas duas formas de entrevista, o foco está direcionado ao processo e não a coleta de um dado específico, criando espaço para o diálogo aberto para as novas informações que possam surgir. Valoriza-se aqui, não somente as informações geradas durante as conversas, mas o que emerge da experiência que surge de cada encontro.

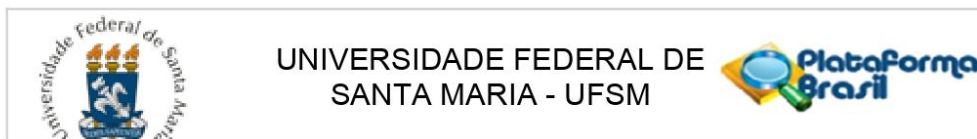
Nesta pesquisa utiliza-se a potência das imagens durante o processo da entrevista. Além do papel de formular conhecimento, as imagens objetivam facilitar o encaminhamento da conversa, uma vez que possa existir um vínculo existencial e afetivo entre sujeito e material visual, atuando como meio para vincular ideias, memórias, sentimentos e sensações. Acredita-se assim, que “os acontecimentos são impressos em nossa memória pelas

imagens que por sua vez ultrapassam o caráter informativo, ilustrativo, assumindo funções de produzir realidades.” (CUNHA, p. 71, 2015).

Ao final da pesquisa, os autores pretendem obter uma conceituação e validação aprofundada acerca dos temas que permeiam a temática geral do estudo, a fim de embasar teoricamente sobre os assuntos. Além disso, espera-se compreender um pouco melhor sobre as particularidades que levam a utilização e apropriação da rua no local. Com o método das entrevistas, espera-se expandir ainda mais o olhar sobre o território, entender as

vivências e memórias dos agentes que utilizam e intervêm na rua analisada, contribuindo com o entendimento das necessidades e preferências espaciais das pessoas.

Endereço: Avenida Roraima, 1000 - Prédio da Reitoria - 7º andar - sala 763 - Sala Comitê de Ética - 97105-900 - Santa
Bairro: Camobi **CEP:** 97.105-970
UF: RS **Município:** SANTA MARIA
Telefone: (55)3220-9362 **E-mail:** cep.ufsm@ufsm.br



Continuação do Parecer: 5.811.666

Objetivo da Pesquisa:

Compreender as dinâmicas de uso e apropriação do espaço público da rua na Vila Belga em Santa Maria-RS.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Esta pesquisa está direcionada diretamente para a reflexão do uso da rua nas atividades cotidianas. A participação neste projeto pode envolver riscos mínimos, tais como cansaço ou constrangimento ao responder as perguntas na entrevista. Caso isso se manifeste, o participante poderá desistir de seu envolvimento no projeto. Fica, também, garantido o seu direito de requerer indenização em caso de danos comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa.

A pesquisa trará benefícios para a coletividade na qual se insere todos os respondentes, pois pretende contribuir com maior conhecimento sobre as necessidades espaciais das pessoas nas cidades que vivemos, evidenciando a importância do espaço livre da rua compartilhado. Este poderá ser disponibilizado para a sociedade como também contribuir para pesquisas acadêmicas e práticas profissionais.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os Termos de apresentação obrigatória foram devidamente apresentados.

Recomendações:

.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2059649.pdf	01/12/2022 17:12:20		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_COMPLETO_MILENA_MAGOGA.pdf	01/12/2022 17:09:20	JOSICLER ORBEM ALBERTON	Aceito

Endereço: Avenida Roraima, 1000 - Prédio da Reitoria - 7º andar - sala 763 - Sala Comitê de Ética - 97105-900 - Santa Maria
Bairro: Camobi **CEP:** 97.105-970
UF: RS **Município:** SANTA MARIA
Telefone: (55)3220-9362 **E-mail:** cep.ufsm@ufsm.br

Continuação do Parecer: 5.811.666

Outros	TERMO_DE_CONFIDENCIALIDADE.pdf	01/12/2022 17:06:16	JOSICLER ORBEM ALBERTON	Aceito
Outros	AUTORIZAO_INSTITUCIONAL_MILENA.pdf	01/12/2022 17:05:26	JOSICLER ORBEM ALBERTON	Aceito
Outros	REGISTRO_PESQUISA_UFSM.pdf	01/12/2022 17:02:06	JOSICLER ORBEM ALBERTON	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_MILENA_CEP.pdf	01/12/2022 16:59:08	JOSICLER ORBEM ALBERTON	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO_MILENA.pdf	01/12/2022 16:58:42	JOSICLER ORBEM ALBERTON	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SANTA MARIA, 13 de Dezembro de 2022

**Assinado por:
CLAUDEMIR DE QUADROS
(Coordenador(a))**

Endereço: Avenida Roraima, 1000 - Prédio da Reitoria - 7º andar - sala 763 - Sala Comitê de Ética - 97105-900 - Santa
Bairro: Camobi **CEP:** 97.105-970
UF: RS **Município:** SANTA MARIA
Telefone: (55)3220-9362 **E-mail:** cep.ufsm@ufsm.br